

Leandro Abel Vendemiatti

*Sobre a Natureza dos Deuses de Cícero*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística na Área de Línguas Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos

Instituto de Estudos da Linguagem  
Unicamp  
2003

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	30
Nº CHAMADA	V552s
V	EX
TOMBO BC/	55009
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	05/08/03
Nº CPD	

ii

CMOD186915-7

BIB17 296021

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Vendemiatti, Leandro Abel  
V552s      Sobre a natureza dos deuses de Cícero / Leandro Abel Vendemiatti.  
-- Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador: Paulo Sérgio de Vasconcellos  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Estudos da Linguagem.

I. Deuses. 2. Natureza. 3. Filosofia. I. Vasconcellos, Paulo Sérgio de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Este exemplar e a redação final da tese  
defendida por Leandro Abel

Vondemjatti

iii

e aprovada pela Comissão Julgadora em  
30 / 04 / 2003.

Paulo Sérgio

Dissertação aprovada pela seguinte banca examinadora:

Paulo Sérgio

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos (orientador)

Prof. Dr. Francisco Benjamin de Souza Neto

Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira

Prof. Dr. Lucas Angioni (suplente)

200326356

### Resumo

Esta dissertação de mestrado é uma tradução de um texto de Cícero escrito em 45 a.C. O título do original é *De Natura Deorum*. Esse texto é um diálogo entre três personagens que assumem, cada um deles, a posição de uma escola filosófica. Na introdução, dei ênfase na maneira como Cícero trata as diversas opiniões correntes em sua época sobre os deuses: enquanto o epicurismo e o estoicismo fazem uso da tradição e do argumento de autoridade, a escola acadêmica, supostamente a voz de Cícero, trata o mesmo assunto por meio da razão.

## Índice

Introdução.....	9
Primeiro Livro.....	17
Segundo Livro.....	57
Terceiro Livro.....	113
Bibliografia.....	147

## Introdução ao diálogo

### *De Natura Deorum*

É comum e correto afirmar que o *De Natura Deorum* pertence ao gênero literário “diálogo.”<sup>1</sup> No entanto, essa obra também é mencionada como um “tratado.”<sup>2</sup> A razão da dualidade de classificação da mesma obra reside no método de exposição do assunto seguido pelo autor.<sup>3</sup> Temos aqui bem pouco do diálogo à moda da academia platônica, em que havia real participação na discussão com falas curtas e com freqüentes expressões de assentimento ou recusa.<sup>4</sup> No *De Natura Deorum* predomina outro veículo de expressão do pensamento: aquele inventado por Aristóteles, chamado diálogo do discurso científico,<sup>5</sup> que, não operando mais com

<sup>1</sup> CICERO, *De Natura Deorum, liber primus*, edited by Arthur Stanley Pease, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1968, p. 22, § 10; p. 24, § 11; CICERONE, *Sulla Natura degli Dei*, a cura di Ubaldo Pizzani, Oscar Mondadori, Milano, 1967, p. IX; CICERO, *De Natura Deorum*, trad. H. Rackham, Loeb Classical Library, edit. by G. P. Goold, Harvard University Press, 1994, p. XIII; ALBRECHT, M. von. *Storia della Letteratura Latina I*, trad. Aldo Setaioli, Einaudi, 1995, p. 530; CICERONE, *De Natura Deorum (liber primus)*, introduzione e commento di Giorgio Castello, Signorelli, Milano, 1967, p. 6.

<sup>2</sup> É o parecer de E. Bréhier e P. Aubenque em *Les Stoïciens*, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 1962, p. 405 e 406. Na apresentação do quadro geral dos escritos de Cícero, é sob a rubrica *Philosophical Treatises* que o *De Natura Deorum* aparece em CICERO, *Tusculans Disputations*, edit. by G. P. Goold, Harvard University Press, 1989, p. IX. Não só o *De Natura Deorum*, mas também todas as outras obras de Cícero consideradas filosóficas figuram sob a mesma rubrica naquele quadro geral.

<sup>3</sup> Pizzani, *op. cit.*, p. 387, nota 2 ao livro III: “Sono qui prospettati i due metodi di esposizione del pensiero filosofico, quello platonico fondato sul contrasto dialettico fra le varie posizioni e quello aristotelico fondato sull’esposizione continua e diretta.” Cícero coloca essa distinção na fala de Balbo, *De nat. deor.* III, 4: “farei qualquer uma das duas propostas que quiseses: ou responderei sem demora a cada coisa que perguntares ou a tudo quando terminares teu discurso.”

<sup>4</sup> Pease, *op. cit.*, p. 22, § 10.

<sup>5</sup> Pease, *op. cit.*, p. 23, § 10: “the dialogue of scientific discourse.”

contínuas perguntas e respostas, combina monólogo contra monólogo.<sup>6</sup> Por um lado, um diálogo dessa natureza perde muito em vivacidade, pois os interlocutores que nele tomam parte não passam de argumentos abstratos personificados,<sup>7</sup> mas, por outro, é o mais apropriado possível para um tratamento histórico e descritivo do assunto.<sup>8</sup>

Outro fato que dá oportunidade para classificar o *De Natura Deorum* como tratado ou “diálogo do discurso científico” é o procedimento de Cícero na redação da obra e na manipulação das fontes das quais retirou as diversas opiniões dos filósofos sobre a natureza dos deuses.<sup>9</sup> Na Antigüidade, já havia, por um lado, muitas obras polêmicas sobre os deuses expondo as opiniões de diversas correntes filosóficas, mas sem um estudo comparativo, e, por outro, obras que faziam um estudo comparativo das diferentes opiniões, mas sem a proposta de uma crítica.<sup>10</sup> O que Cícero fez foi combinar esses dois princípios.<sup>11</sup> O *De Natura Deorum* é um estudo sob a forma de diálogo científico que compara e critica as diversas opiniões a respeito dos deuses formuladas por diversas escolas de filosofia.<sup>12</sup> Podemos acrescentar ainda a forte influência que os escritos de Aristóteles exerciam sobre nosso autor.<sup>13</sup> É bem possível que, ao redigir a presente obra, polêmica em sua natureza,<sup>14</sup> o autor tivesse em mente os procedimentos sugeridos nos *Topica* de Aristóteles para construir os raciocínios, a saber, primeiro, fazer o elenco das diversas opiniões, segundo, observar de quantos

<sup>6</sup> Pease, *op. cit.*, p. 23, § 10: “matching monologue against monologue.” Deve-se também levar em conta que Cícero é herdeiro de uma filosofia que se tornou sistemática a partir de Aristóteles (Rackham, *op. cit.*, p. VII).

<sup>7</sup> Pease, *op. cit.*, p. 23, § 10, nota 4, cita a observação de C. Lamb, *Ep.* 86, 1801: “the Interlocutors are merely abstract arguments personify’d.”

<sup>8</sup> Pease, *op. cit.*, p. 23, § 10. Diferente é a opinião de Pizzani (Pizzani, *op. cit.*, p. V), que acha que o objetivo do autor no *De Natura Deorum* não é histórico-documentário, mas especulativo.

<sup>9</sup> Pease, *op. cit.*, p. 36 – 49, §§ 21 – 29, fala amplamente sobre as fontes. De maneira geral, diz que o moderno estudo sobre o *De Natura Deorum* está mais preocupado em detectar as fontes que o autor utilizou do que com a interpretação que ele lhes deu (§21). Nessa procura das fontes, os estudiosos atribuíram a Cícero quase todas as combinações possíveis, embora afirmem que, enquanto compunha apressadamente o *De Natura Deorum*, não teria tido tempo de fazer uma comparação minuciosa entre todas as autoridades de que dispunha no momento e, assim, seguindo um único manuscrito, condensava-o, ampliava-o e o modificava por meio de acréscimos de notas de suas próprias leituras e, quando lhe parecia conveniente, mudava para alguma outra fonte.

<sup>10</sup> Pease, *op. cit.*, p. 8, §1.

<sup>11</sup> Pease, *op. cit.*, p. 8, §1.

<sup>12</sup> Cícero trabalha com as opiniões de filósofos sobre filosofia da religião (Pease, *op. cit.*, p. 9, § 3). Eles pertenciam a uma das três principais correntes filosóficas de seu tempo: ou ao epicurismo, ou ao estoicismo, ou à academia (Rackham, *op. cit.*, p. VII).

<sup>13</sup> Pease, *op. cit.*, p. 23, § 10: “Aristotle, who had a powerful influence upon Cicero.”

<sup>14</sup> Pizzani, *op. cit.*, p. VI e VII.

modos cada uma é dita, terceiro, encontrar as diferenças entre elas e, quarto, pesquisar suas semelhanças.<sup>15</sup>

Nessa obra, caracterizada como diálogo do discurso científico, Cícero faz uma importante distinção entre duas vias de conhecimento e opta por uma delas. Por um lado, há o conhecimento sobre os deuses provindo da tradição recebida dos antepassados.<sup>16</sup> É possível acreditar nas opiniões tradicionais mesmo sem nenhuma explicação dada.<sup>17</sup> Por outro, há o conhecimento obtido por meio de uma pesquisa feita pela razão.<sup>18</sup> Claramente o autor expõe seu método de pesquisa. Esse consiste em argumentar contra todas as opiniões e em expressamente não formar nenhum juízo<sup>19</sup> e, além disso, argumentar contra todos e em favor de todos os filósofos para descobrir a verdade.<sup>20</sup> É ato de prudência não dar assentimento aos assuntos incertos.<sup>21</sup> E, nesse tipo de pesquisa racional, deve-se ter o espírito livre de preconceitos.<sup>22</sup> Nessa obra, portanto, entre o argumento de autoridade e a razão temos uma tensão<sup>23</sup> que se cria no embate entre os discursos de cada escola de filosofia. Cícero, tendo Cota, um dos personagens do diálogo, como seu porta-voz,<sup>24</sup> opta pela segunda via de conhecimento, o guiado pela razão, e, em toda a parte da obra em que Cota tem a palavra, toma o máximo cuidado de não transcender os limites da razão.<sup>25</sup>

<sup>15</sup> ARISTÓTELES, *Topica et sophistici elenchi*, Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis, 1986, 105<sup>a</sup>, 20-35.

<sup>16</sup> É o que podemos chamar de argumento de autoridade (*De nat. deor.* I, 10).

<sup>17</sup> *De nat. deor.* III, 6: “em nossos antepassados devo acreditar mesmo sem nenhuma explicação (*ratio*) dada.” *De nat. deor.* III, 9: “Para mim...um só (argumento para provar a existência dos deuses) era o bastante: os nossos antepassados assim nos transmitiram.”

<sup>18</sup> *De nat. deor.* I, 10: “quando se trata de argumentar, deve-se procurar menos o peso da autoridade e mais o da razão.” *De nat. deor.* III, 6: “de ti (Balbo), que és filósofo, devo receber uma explicação (*ratio*) para a religião.” *De nat. deor.* III, 13: “de ti (Balbo) são as razões (*rationes*) que eu quero saber.”

<sup>19</sup> *De nat. deor.* I, 57: “costuma vir-me à mente não tão facilmente por que uma coisa é verdadeira quanto por que é falsa.” *De nat. deor.* I, 60: “gostaria de dizer o que não é verdadeiro de preferência àquilo que é.” *De nat. deor.* I, 91: “Oxalá pudesse encontrar o verdadeiro tão facilmente quanto denunciar o falso.” *De nat. deor.* II, 2: “...com mais facilidade...sou capaz de dizer o que não penso do que o que penso.”

<sup>20</sup> *De nat. deor.* I, 11.

<sup>21</sup> *De nat. deor.* I, 1.

<sup>22</sup> *De nat. deor.* III, 7: “recebe-me como um discípulo ignorante e novato.” *De nat. deor.* I, 17: “gostaria que me julgasses ter vindo como um ouvinte imparcial, de juízo livre.”

<sup>23</sup> *De nat. deor.* III, 9: “tu desprezas as autoridades e combates com a razão.”

<sup>24</sup> Pease, *op. cit.*, p. 28, § 14. É questão discutida se o personagem Cota realmente é o representante das próprias idéias de Cícero.

<sup>25</sup> Pease, *op. cit.*, p. 16, § 6. Pease usa a expressão “os limites da inferência lógica” (“the limits of logical inference”).

Três são as correntes filosóficas apresentadas no *De Natura Deorum*.<sup>26</sup> O autor toma delas apenas as opiniões sobre os deuses.<sup>27</sup> Temos o epicurismo, o estoicismo e a academia. Cada uma delas é representada por um personagem: Caio Veleio é o epicurista, Lucílio Balbo é o estóico e Cota é o acadêmico.<sup>28</sup> Das duas primeiras são apresentadas positivamente as opiniões acerca dos deuses,<sup>29</sup> ao passo que Cota, mais facilmente percebendo a falsidade das opiniões,<sup>30</sup> assume o papel de crítico das duas escolas.<sup>31</sup> Apesar das diferenças entre o epicurismo e o estoicismo, havia pontos em comum em relação a seus questionamentos. Podemos resumir a três as preocupações filosóficas daquela época:<sup>32</sup> (a) Como conheço o mundo? (b) O que é a natureza do mundo? (c) O mundo sendo o que é, como viver de maneira a obter a felicidade?<sup>33</sup> E, na resposta a essas questões, os estóicos e os epicuristas concordavam em (a) que os sentidos são a única fonte do conhecimento, (b) que a matéria é a única realidade e (c) que a felicidade depende de um espírito não perturbado por paixões, medos e desejos.<sup>34</sup> A diferença residia em que Epicuro ensinou que a paz de espírito é

<sup>26</sup> Ver nota 12 acima.

<sup>27</sup> Ver nota 12 acima. No entanto, a presente obra não disserta apenas sobre as opiniões dos filósofos a respeito dos deuses, mas também sobre o cosmos, a vida, o homem (Castello, *op. cit.*, p. 6-7).

<sup>28</sup> A apresentação dos personagens se dá em *De nat. deor.* I, 15-16. O próprio Cícero não toma parte no diálogo. É apenas um ouvinte (*De nat. deor.* I, 17; ver nota 22). Pease, *op. cit.* p. 27-29, § 14, a partir de indícios no decorrer do diálogo, faz uma caracterização da personalidade de cada representante das escolas: Veleio é impulsivo, polêmico, dogmático e impaciente; Balbo é instruído, professoral, discursivo, vagaroso e dependente de argumentos silogísticos estóicos; e Cota é delicado e cortês nas maneiras, mas agudamente percebe as fraquezas do adversário.

<sup>29</sup> Veleio começa seu discurso em I, 18 e o termina em I,56. Balbo toma a palavra em II,4 e vai até o final do segundo livro.

<sup>30</sup> Ver nota 19 acima.

<sup>31</sup> Sendo três as escolas filosóficas que entram no diálogo, esse está dividido em três livros (ou capítulos). O primeiro livro traz a exposição da teologia epicurista e sua refutação feita por Cota, o acadêmico; no segundo, é apresentada a teologia estóica e, no terceiro, Cota, a voz acadêmica, refuta essa visão estóica sobre os deuses (Pease, *op. cit.* p. 31-36, §§ 17, 18, 20; Rackham, *op. cit.*, p. XIII-XIV).

<sup>32</sup> O *De Natura Deorum* foi escrito em 45 a.C.

<sup>33</sup> Rackham, *op. cit.*, p. VII.

<sup>34</sup> Rackham, *op. cit.*, p. VII.

alcançada ao libertar a vontade das leis da natureza,<sup>35</sup> ao passo que para os estóicos ela surge quando é submetida àquelas leis.<sup>36</sup>

O diálogo foi escrito em 45 a.C., mas a data dramática se dá em outra época.<sup>37</sup> Situar a data do debate para um tempo anterior ao presente em que foi escrita é uma técnica freqüentemente utilizada por Cícero em outros diálogos seus.<sup>38</sup> No caso do *De Natura Deorum*, há muitas vantagens em situá-lo num período anterior:<sup>39</sup> (a) evitam-se todas as alusões aos impasses políticos presentes,<sup>40</sup> a seus atos durante seu consulado e a questões religiosas de tipo puramente legalista; (b) suprime-se a necessidade de fazer um juízo de valor em relação às obras teológicas de seus amigos Varrão e Nígídio Figulo;<sup>41</sup> (c) colocando a discussão no passado e a palavra na boca de personagens já falecidos,<sup>42</sup> o autor seria capaz de proteger-se contra o *odium theologicum* que poderia ser suscitado pela natureza polêmica do assunto. A essas vantagens, podemos ainda acrescentar que a colocação da obra no passado representa um passo em direção a um tratamento histórico e objetivo do assunto, pois, dando a palavra a outros disputadores e sendo ele mesmo, no diálogo, jovem e simples

<sup>35</sup> No âmbito da ética, podemos entender essa afirmação de maneira mais ampla: a paz de espírito surge quando o homem se liberta das leis da natureza e da submissão aos deuses e faz da natureza um objeto de veneração (*De nat. deor.* I, 56: “Livres desses pavores e restituídos à liberdade por Epicuro, não apenas não tememos aos que sabemos que não criam para si e nem desejam a outro nenhuma inquietação, mas também pia e santamente veneramos a natureza excelente e distinta.”)

<sup>36</sup> Rackham, *op. cit.*, p. VII. Na questão de se chegar à conclusão da existência dos deuses, Cícero (*De nat. deor.* I, 2) diz: “e a isso, que é bem verossímil, todos chegamos com a natureza nos guiando.” *De nat. deor.* II, 3: “que o mundo é dirigido pelos deuses e que eles se ocupam das coisas humanas.” Em II, 13-15, Balbo claramente diz que chegamos à conclusão da existência dos deuses pelo pressentimento das coisas futuras, pelo benefício que recebemos da natureza, pela submissão a seus fenômenos violentos (tempestades, raios, terremotos, etc) e pela admiração dos movimentos celestes. Em *Les Stoïciens*, Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, 1962, p. XXVII, Schuhl diz que “en se conformant à la loi de la nature, rationnelle et divine, l’homme atteindra le bonheur dans l’unité retrouvée.”

<sup>37</sup> A data provável se insere entre 77 e 75 a.C., época em que o autor teria entre 29 e 31 anos de idade (Pease, *op. cit.*, p. 25, § 11).

<sup>38</sup> Isso se dá com o *De Oratore*, o *De Republica*, o *Academica priora*, o *Hortensius*, o *De Finibus*, o *De Senectute* e o *De Amicitia* (Pease, *op. cit.*, p. 23-24, § 10).

<sup>39</sup> Pease, *op. cit.*, p. 25-26, § 12.

<sup>40</sup> Questões políticas referentes a César e a Pompeu.

<sup>41</sup> Poeta, satirista, estudioso da antigüidade e cientista, Varrão escreveu muitas obras, mas pouco chegou até nós. Talvez suas opiniões acerca dos deuses estivessem contidas na obra *Antiquitates Rerum Humanarum et Divinarum*. (HARVEY, P. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*, trad. Mário da Gama Kury, Zahar, Rio de Janeiro, 1987, p. 509). Nígídio Figulo era um filósofo, amigo de Cícero.

<sup>42</sup> Pease, *op. cit.*, p. 24, § 10.

ouvinte,<sup>43</sup> Cícero com essa técnica diferencia mais claramente as outras opiniões das suas próprias.<sup>44</sup>

É de se perguntar por que Cícero, homem essencialmente prático,<sup>45</sup> teria escrito uma obra aparentemente sem relação com a vida prática.<sup>46</sup> Pelo menos por três motivos empreendeu a composição desse escrito. Primeiro, porque acreditava que todos os preceitos e ensinamentos filosóficos tinham por fim a maneira de viver.<sup>47</sup> Segundo, porque estava convencido de que as relações dos homens uns com os outros e sua lealdade com o Estado dependiam em grande parte de teorias certas ou erradas concernentes à existência, forma e funções dos deuses.<sup>48</sup> Terceiro, e esse é um motivo mais geral, porque tinha o projeto<sup>49</sup> de passar para o latim<sup>50</sup> toda a filosofia grega<sup>51</sup> em vista da própria República.<sup>52</sup> E, segundo sua opinião, parece ter-se saído bem.<sup>53</sup>

Cabe dizer que o *De Natura Deorum* faz parte do grupo teológico dos escritos filosóficos de Cícero.<sup>54</sup> Nesse grupo teológico entram mais duas obras: o *De Divinatione* e o *De Fato*.<sup>55</sup> Por dois motivos o autor teria dissertado sobre esses

<sup>43</sup> *De nat. deor.* I, 17 (Ver nota 22 acima).

<sup>44</sup> Pease, *op.cit.*, p. 9, § 2.

<sup>45</sup> Pease, *op.cit.*, p. 6, § 1. Nosso autor era atraído preferentemente pelos campos que tentavam guiar os homens em suas relações humanas, individuais, sociais e políticas. Os gregos rotularam esses campos de Ética e Política.

<sup>46</sup> Os gregos incluíam o estudo da Teologia no campo da Física, isto é, de uma Física enquanto ontologia geral. (Pease, *op.cit.*, p. 6, § 1). No entanto, Alain Michel, *Histoire de la Philosophie* I, Pléiade, 1969, p. 811, diz que o *De Natura Deorum*, assim como o *De fato* e o *De Divinatione*, se incluem nas obras de moral prática de Cícero (“les oeuvres de morale pratique”).

<sup>47</sup> *De nat. deor.* I, 7.

<sup>48</sup> O autor diz que, se a piedade, a santidade e a religião se destruírem, “seguem-se desordem e grande confusão na vida civil” (*De nat. deor.* I, 3). *De nat. deor.* I, 4: “talvez, desaparecida a piedade para com os deuses, também se acabem a boa-fé, a sociedade do gênero humano e, ao mesmo tempo, a justiça, a mais eminente virtude.”

<sup>49</sup> *De nat. deor.* I, 9: “E todas as partes e divisões da filosofia são muito facilmente conhecidas quando em sua totalidade as questões são explicadas por meio da escrita.”

<sup>50</sup> *De nat. deor.* I, 7: “que essas questões tão sérias e tão célebres fossem compreendidas também pelas letras latinas.” Pease, *op.cit.*, p. 18, § 7: “he rendered incomparable service in the formation of a Latin philosophic vocabulary.” Pease, *op.cit.*, p. 19, § 7, cita uma observação de Reid: “On the whole Cicero’s philosophical works are translations.”

<sup>51</sup> *De nat. deor.* I, 8: “embora instruídos nas doutrinas gregas, muitos homens não conseguiam comunicar a seus concidadãos o que aprenderam, porque não acreditavam ser possível dizer em latim o que tinham recebido dos sábios gregos.”

<sup>52</sup> *De nat. deor.* I, 7: “por causa da própria República pensei que a filosofia devia ser explicada aos nossos cidadãos.”

<sup>53</sup> *De nat. deor.* I, 8: “nesse tipo de coisa parece que nos saímos tão bem que não seríamos ultrapassados pelos gregos nem mesmo no que toca à abundância de suas palavras.”

<sup>54</sup> Pease, p. 8, § 2: “the theological group.”

<sup>55</sup> Pease, p. 8, § 2.

assuntos em obras separadas: primeiro, porque se tornaria muito volumosa uma obra que ao mesmo tempo tratasse sobre os deuses, a adivinhação e o destino; segundo, foi, talvez, no interesse da clareza de pensamento que ele separou essas questões em obras diferentes.<sup>56</sup> Enfim, esse grupo teológico se insere num projeto maior, como já se aludiu antes, de formação em latim de um sistema enciclopédico de escritos filosóficos.<sup>57</sup>

\* \* \*

Nota sobre a tradução. O texto latino seguido para a tradução é o apresentado pela Loeb Classical Library, editado por G. P. Goold, Harvard University Press, 1994. O método de trabalho adotado aqui apresenta seis passos:

1. fazer uma leitura atenta da frase latina tal como se apresenta;
2. desfazer as inversões latinas e colocar a oração ou o período na ordem direta;
3. verificar cuidadosamente os sentidos de cada palavra nos dicionários de latim;
4. decidir por um sentido de acordo com o contexto do texto;
5. montar uma frase portuguesa que tente manter a harmonia típica do original;
6. verificar o sentido de cada frase dentro do período/parágrafo.

Além disso, tanto quanto possível, mantive as funções sintáticas das palavras latinas. O que era sujeito em latim, permaneceu sujeito em português; o objeto direto latino permaneceu objeto direto em português, etc. E, por fim, tentei não fazer uso exclusivo de nenhum jargão filosófico das várias filosofias existentes para não incorrer em anacronismo.

---

<sup>56</sup> Pease, p. 8, § 2. Os estóicos já parecem ter tratado desses assuntos em obras separadas.

<sup>57</sup> Pease, p. 5, § 1. Ver também notas 49, 50 e 51 acima.

## Primeiro Livro

I. 1. Em geral, muitos problemas na filosofia foram explicados até agora de maneira insuficiente, mas, particularmente, muito difícil, ó Bruto,<sup>58</sup> como bem sabes, e muito obscura é a questão da natureza dos deuses, que é assaz oportuna para o conhecimento do espírito e necessária para guiar as práticas religiosas. E a respeito dela tão diversas são as opiniões dos homens mais sábios e tão discrepantes, que se deveria argumentar fortemente que a causa e o princípio da filosofia é a ignorância e que os Acadêmicos prudentemente retiraram dos assuntos incertos seu assentimento: pois, o que é mais vergonhoso do que a temeridade? Ou o que é tão temerário<sup>59</sup> e tão indigno da seriedade e da constância do sábio quanto julgar falsamente ou defender sem qualquer hesitação o que não foi compreendido e conhecido com exame minucioso? 2. Por exemplo, nessa questão, a maioria afirmou que existem deuses (e a isso, que é bem verossímil, todos chegamos com a natureza nos guiando), Protágoras disse que duvidava e Diágoras Mélio e Teodoro Cirenaico pensaram que realmente não há nenhum. Ora, os que afirmaram que os deuses existem se encontram em tamanha divergência e dissensão que seria interminável enumerar suas opiniões. Pois, das formas dos deuses, de seus lugares e moradas e de seu modo de vida, muito se diz, e sobre esses assuntos se debate com a maior discordância entre os filósofos; mas o problema principal é se eles não se ocupam de nada, se nada fazem e se estão livres de todo cuidado e governo das coisas, ou se, pelo contrário, todas as coisas foram feitas e constituídas por eles desde a origem e governadas e movidas para todo o sempre; essa, sobretudo, é a grande discordância e, se não for decidida, é necessário

---

<sup>58</sup> A presente obra é dedicada a Marcus Iunius Brutus. Cícero dedicou-lhe também o *Brutus*, o *Orator*, o *Paradoxa Stoicorum*, o *De finibus bonorum et malorum* e o *Tusculanae Disputationes*. A dedicatória de diálogos e tratados pertence ao costume literário da cortesia helenística (Pease, pág. 111).

<sup>59</sup> “temeridade...temerário” traduzem *temeritate...temerarium*. As duas palavras latinas trazem em sua composição o advérbio *temere* (ablativo instrumental desusado de *temus, eris*, “nas trevas”). Daí a idéia nelas imbutida de “ao acaso, sem reflexão.”

que os homens se agitem no maior erro e na ignorância dos assuntos mais importantes. II. 3. Pois houve e há filósofos que pensam que os deuses não têm absolutamente qualquer governo das coisas humanas. E se é verdadeira a opinião deles, que piedade<sup>60</sup> pode existir, que santidade<sup>61</sup> e que religião?<sup>62</sup> Com efeito, todas essas, pura e castamente, devem ser tributadas ao poder dos deuses somente se são notadas por eles e se existe algo tributado<sup>63</sup> pelos deuses imortais ao gênero humano. Mas se, ao contrário, os deuses não podem e não querem nos ajudar; se absolutamente não governam e não notam o que fazemos e se não há nada que vindo deles possa penetrar na vida dos homens, por que é que dirigimos aos deuses imortais esses cultos, honras e preces? Ora, assim como as demais virtudes, também a piedade não pode existir sob uma aparência vazia e, com ela juntamente, é necessário que se destruam a santidade e a religião; e com a destruição dessas, seguem-se desordem e grande confusão na vida civil e, 4. talvez, desaparecida a piedade para com os deuses, também se acabem a boa-fé,<sup>64</sup> a sociedade do gênero humano e, ao mesmo tempo, a justiça, a mais eminente virtude.

Mas há outros filósofos, e esses verdadeiramente ilustres e célebres, que declaram que o mundo inteiro é governado e dirigido pelo pensamento e inteligência dos deuses, e não somente isso, mas também que eles se ocupam da vida dos homens e olham por ela; pois os cereais e os demais produtos que o solo dá, as estações, as variações atmosféricas e as mudanças de clima pelas quais tudo o que a terra produz atinge completo amadurecimento, julgam que são concedidos ao gênero humano pelos deuses imortais e enumeram muitas coisas (que se dirão nestes livros) tão importantes a ponto de elas mesmas quase parecerem que foram feitas pelos deuses imortais para o uso dos homens. E contra esses, Carnéades expôs muitos argumentos, de tal modo que despertou homens perspicazes para o desejo de investigar a verdade.

---

<sup>60</sup> No original: *pietas*. É o sentimento de obrigação em relação àqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos, parentes). A partir desse vínculo estabelecido entre familiares, a *pietas* se alargava à divindade e acabava por compreender também suas relações com o Estado (Pereira, M.H. da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica, II volume, Cultura Romana*, Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 326-327). *De Nat. deor.* I, 116: “a piedade é o cumprimento dos deveres para com os deuses.”

<sup>61</sup> No original: *sanctitas*. *De Nat. deor.* I, 116: “a santidade é a ciência da honra aos deuses.”

<sup>62</sup> No original: *religio*. *De Nat. deor.* I, 117: “a religião se sustenta no pio culto aos deuses.”

<sup>63</sup> “Tributadas” e “tributado” estão traduzindo *tribuenda* e *tributum* do original.

<sup>64</sup> No original: *fides*. Seu significado habitual é o de “confiança”, “garantia.” Também pode ser compreendida como um juramento que compromete ambas as partes na observância de um pacto bem firme (Pereira, *op. cit.*, p. 323).

5. De fato, não há nenhum assunto a respeito do qual não só os ignorantes, mas também os instruídos tanto diferem; e como as opiniões deles são tão diversas e tão diferentes entre si, é realmente possível que nenhuma delas seja verdadeira ou, pelo menos, é impossível que mais de uma o seja.

III. E, precisamente nesse caso, podemos apaziguar aos críticos benévolos e refutar os caluniadores adversos de tal forma que uns se arrependam de ter criticado e outros se alegrem de ter aprendido; pois merecem ser instruídos aqueles que advertem amigavelmente e os que censuram asperamente<sup>65</sup> devem ser rejeitados.

6. Ora, vejo que se difundiram muitos e diferentes comentários a respeito de nossos livros que publicamos em grande quantidade num curto período, em parte, dos que se perguntam com surpresa de onde nos surgiu subitamente esse gosto de filosofar e, em parte, dos que desejam saber o que temos de certo sobre cada coisa. Também senti que parecia estranho a muitos nos ser de preferência aceitável aquela filosofia que supostamente tiraria a luz e infundiria em seus problemas como que certa escuridão e ter sido tomada por nós uma inesperada defesa da ciência abandonada e já desde há muito deixada de lado.

Mas, no que nos toca, nem subitamente começamos a filosofar, nem, desde bem jovem, empregamos nesse estudo um trabalho e um cuidado medíocres. Além disso, quando menos parecíamos, era então que principalmente estávamos filosofando. E dão a conhecer esse fato não só os nossos discursos, cheios dos pensamentos dos filósofos, e as amizades dos homens mais sábios, com os quais nossa casa sempre se adornou, mas também aqueles mais eminentes, Diodoto, Filo, Antíoco e Possidônio, pelos quais fomos instruídos. 7. E, se é verdade que todos os preceitos da filosofia têm por fim a maneira de viver, creio que sustentamos, tanto nos procedimentos públicos como nos privados, aqueles que o método sistemático prescreveu. IV. Mas se alguém, pelo contrário, perguntar qual causa nos impeliu a tão tardiamente pôr por escrito esses assuntos, nada há que possamos responder tão facilmente. Pois, visto que nos entorpecíamos na ociosidade e que a situação da República era tal que se tornou necessário fosse governada pela deliberação e direção de uma só pessoa, primeiramente por causa da própria República pensei que a filosofia devia ser explicada aos nossos cidadãos, julgando ser de grande interesse à

---

<sup>65</sup> “Amigavelmente” e “asperamente” traduzem o original *amice* e *inimice*, ambos provindos do verbo *amo* (amar, estimar).

glória e à honra da pátria que essas questões tão sérias e tão célebres fossem compreendidas também pelas letras latinas; 8. e em nada me arrependo de meu intento, porque bem sei o quanto incitei em muitas pessoas o desejo de aprender e de escrever. De fato, embora instruídos nas doutrinas gregas, muitos homens não conseguiam comunicar a seus concidadãos o que aprenderam, porque não acreditavam ser possível dizer em latim o que tinham recebido dos sábios gregos: e nesse tipo de coisa parece que nos saímos tão bem que não seríamos ultrapassados pelos gregos nem mesmo no que toca à abundância de suas palavras. 9. Incitou-me também a transportar-me a esses estudos a aflição de meu espírito causada por grande e triste mal do destino; e se eu tivesse sido capaz de encontrar alguma consolação maior para esse mal, não me refugiaria de preferência nesta filosofia; mas de nenhum modo pude melhor usufruir precisamente dela senão entregando-me à leitura de livros e ao exame pormenorizado de toda a filosofia. E todas as suas partes e divisões são muito facilmente conhecidas quando em sua totalidade as questões são explicadas por meio da escrita; pois são admiráveis a continuidade e o encadeamento dos argumentos, de modo que parecem ligados uns aos outros e todos dependentes e unidos entre si.

V. 10. Mas os que buscam saber o que nós mesmos pensamos acerca de cada problema, fazem isso com mais curiosidade do que é preciso; pois, quando se trata de argumentar, deve-se procurar menos o peso da autoridade e mais o da razão. E, além disso, àqueles que querem aprender é quase sempre prejudicial a autoridade dos que se gabam de ensinar, pois deixam de apresentar seu ponto de vista e ratificam aquilo que vêem concluído pelo mestre que eles aprovam. E, ainda, não costumo aprovar o que sabemos sobre os pitagóricos, os quais, dizem, se afirmavam algo na argumentação e se procurava saber deles por que seria assim, tinham o costume de responder “Ele próprio disse”; e “ele próprio” era Pitágoras: de tal maneira tinha crédito uma opinião preconcebida, que a autoridade prevalecia mesmo sem a razão!

11. Aos que admiram o fato de termos seguido preferencialmente este sistema filosófico, parece que se respondeu suficientemente nos quatro livros Acadêmicos. Seguramente não assumimos a defesa de idéias abandonadas e deixadas de lado, pois com a morte dos homens não se acabam igualmente suas idéias, mas, talvez, percam o brilho de quem as concebeu; por exemplo, em filosofia, o método de argumentar contra tudo e de expressamente não formar nenhum juízo, provindo de Sócrates,

retomado por Arcesilau e consolidado por Carnéades, esteve em voga até nossa época; e reconheço que agora está quase órfão na própria Grécia. Penso que isso aconteceu não por falha da Academia, mas pela limitação intelectual dos homens; pois, se é enorme dificuldade conhecer os sistemas filosóficos um a um, quanto mais a todos! E é preciso que façam isso aqueles cujo propósito é argumentar contra todos e em favor de todos os filósofos para descobrir a verdade. 12. Confesso que não consegui êxito nessa tão grande e tão difícil tarefa, embora me gabe de ter tentado. Entretanto, nem é possível que não tenham nenhuma diretriz para seguir aqueles que filosofam por esse método. Em outro lugar e em seu conjunto, falou-se mais cuidadosamente sobre ele, mas, porque alguns são extremamente sem instrução e lentos no entendimento, parece que devem ser advertidos muito mais vezes. Não somos realmente pessoas a quem nada pareça ser verdadeiro, mas dizemos que a todas as verdades estão associadas certas falsidades contendo tamanha semelhança com as verdades que não há nessas qualquer indício seguro de julgamento e assentimento. Daí evidencia-se aquela conclusão de que há muitas coisas dignas de crédito que, embora não sejam percebidas, guiam, contudo, a vida do sábio, porque possuem certo aspecto insigne e ilustre.

VI. 13. Mas, para me livrar de toda antipatia, porei ao alcance de todos as afirmações dos filósofos a respeito da natureza dos deuses. E exatamente neste momento parece que devem ser reunidos todos os que ajuizam qual delas é verdadeira; nesse caso, enfim, a Academia me parecerá presunçosa se todos tiverem sido da mesma opinião ou se for encontrado algum que tenha descoberto o que é verdadeiro. Assim, agrada-me clamar em alta voz, como nos *Jovens Companheiros*:<sup>66</sup>

ó pelos deuses, por todos os concidadãos e jovens

clamo, solicito, suplico, rogo, peço e peço encarecidamente a boa-fé

não por causa de uma ninharia sem importância, como aquele que se queixa de acontecer “na cidade um crime mortal.”

do amigo amante a meretriz não quer receber o dinheiro

14. mas para que compareçam, façam uma investigação e dêem seu julgamento sobre o que deve ser pensado da religião, da piedade, da santidade, dos cultos, da boa-fé e

---

<sup>66</sup> No original, está em grego: *Synephebi*, que é o título de uma comédia de Menandro.

do juramento; o que dos templos, dos santuários e dos sacrifícios solenes; e o que dos próprios auspícios aos quais nós mesmos presidimos (pois todas essas coisas devem estar relacionadas àquela questão sobre os deuses imortais): tão grande discordância entre homens os mais instruídos sobre o assunto mais importante obriga a inclinarem-se à dúvida aqueles próprios que crêem ter alguma certeza.

15. E notei isso muitas vezes não só em outras ocasiões, mas especialmente quando, na casa de meu amigo Caio Cota, com singular cuidado e diligência se debateu a respeito dos deuses imortais. Foi assim: nas férias Latinas, como tivesse vindo visitá-lo a pedido e convite dele próprio, encontrei-o sentado na sala de estar e discutindo com o senador Caio Veleio, a quem os epicuristas conferiam naquele tempo o primeiro lugar dentre nossos conterrâneos. Estava presente também Quinto Lucílio Balbo, que de tal modo progredia nas doutrinas estoicas a ponto de ser comparado com os melhores mestres gregos dessa escola.

Assim que Cota me vê, diz: “Chegas na melhor hora; pois está começando um debate entre mim e Veleio a respeito de um assunto sério, do qual não é estranho que tomes parte, já que é do teu gosto”.

VII. 16. “E parece-me também,” respondo, “que vim, como dizes, na melhor hora. Pois vós, os três chefes de três escolas filosóficas, estais reunidos aqui. Mas, se Marco Pisão estivesse presente, não ficaria vazio o lugar de nenhuma filosofia, pelo menos daquelas que são tidas em consideração.

Cota, então, “Se o livro de nosso Antíoco,” acrescenta, “que há pouco foi enviado por ele ao Balbo aqui presente, diz a verdade, não há por que sintas a falta de teu amigo Pisão; pois, para Antíoco, os estoicos parecem concordar com os peripatéticos na coisa, mas não nas palavras. Sobre esse livro, Balbo, gostaria de saber o que pensas.”

“Eu?” diz ele, “admiro-me de Antíoco, homem da maior perspicácia, não ter visto encontrar-se grandíssima diferença entre os estoicos, que separam o honesto do vantajoso não nominalmente, mas em todas as suas propriedades gerais, e os peripatéticos, que confundem o honesto com o vantajoso, de modo que esses diferem entre si em intensidade e como que em graus, não nas propriedades gerais. Ora, esse não é um pequeno desacordo de vocábulos, mas considerável desacordo nas coisas.

17. Mas tratemos disso em outra ocasião; agora, retomemos o que começamos a discutir, se te agrada.”

“Agrada-me sim,” diz Cota e, olhando-me: “Mas, para que este amigo que acaba de chegar não ignore de que assunto se trata, digo que estávamos discutindo a respeito da natureza dos deuses e, porque essa me parecia por demais obscura, como sempre costuma parecer, estava querendo saber de Veleio a opinião de Epicuro. Por isso, Veleio, se não for incômodo,” diz ele, “repete o que tinhas começado.”

“Repetirei sem dúvida, embora ele tenha vindo como teu partidário e não meu; pois ambos,” diz rindo-se, “aprendestes do mesmo Filo que é impossível conhecer qualquer coisa.”

E respondi: “Que Cota se preocupe com o que aprendemos. Quanto a ti, gostaria que não me julgasses ter vindo como partidário dele, mas como ouvinte<sup>67</sup> e, certamente, como um ouvinte imparcial, de juízo livre e não sujeito a qualquer obrigação tal que uma opinião deva ser defendida como certa por mim, querendo ou não.”

**VIII. 18.** Então Veleio, com muita segurança, como costumam os seus, nada temendo tanto como o fato de parecer hesitar em alguma coisa, como se há pouco tivesse descido da assembléia dos deuses e dos espaços intermundanos de Epicuro, “Não presteis atenção”, diz, “a opiniões vãs e sem fundamento, como a do deus, autor e arquiteto do mundo, do *Timeu* de Platão, nem à velha profética, a *prônoia* dos estóicos, que em latim pode dizer-se *providentia*,<sup>68</sup> nem ao próprio mundo dotado de espírito e de sentidos, deus redondo, brilhante e rotativo: maravilhas e prodígios não de filósofos que raciocinam, mas de delirantes. **19.** Pois com que olhos do espírito pôde vosso Platão ver o processo de fabricação de tamanha obra, segundo o qual faz com que o mundo seja construído e edificado por seu deus? Qual foi o procedimento, quais foram as ferramentas, as alavancas, as máquinas e os auxiliares de tão grande serviço? De que maneira o ar, o fogo, a água e a terra puderam obedecer e submeter-se à vontade do arquiteto? E de onde nasceram aquelas cinco formas de que as restantes se formam, convenientemente intervindo para afetar nosso espírito e provocar sensações? Ocuparia muito tempo falar sobre todas aquelas afirmações que, por sua natureza, mais parecem fruto de um desejo que de uma descoberta. **20.** Mas o mais maravilhoso é que quem propôs que o mundo tenha nascido e também sido feito praticamente à mão é o mesmo que disse que haverá de ser eterno. Imaginas que

<sup>67</sup> No original, há *adiutor* (partidário) e *auditor* (ouvinte).

<sup>68</sup> Ou seja, “providência.”

tenha estudado superficialmente fisiologia, isto é, a ciência da natureza, este que pensa poder ser eterno algo que tenha nascido? Pois qual é o agregado indissolúvel? Ou existe algo que tenha algum princípio, mas nenhum fim? Ainda, se a vossa Providência, Lucílio, é o mesmo ser que o demiurgo platônico, pergunto o mesmo de um pouco antes: quais os auxiliares, o maquinário e todo o plano e preparo da obra inteira? Se, ao contrário, é outro ser, por que criou um mundo mortal e não um eterno como o fez o deus platônico? **IX. 21.** Além disso, a ambos pergunto: por que os construtores do mundo repentinamente se manifestaram, depois que dormiram por séculos inumeráveis? Pois, mesmo não havendo nenhum mundo, não é de se crer que não tivesse havido os séculos (agora quero dizer por séculos não aquilo que se completa por certa quantidade de dias e noites nos cursos anuais, porque reconheço que isso não poderia efetuar-se sem o movimento circular do mundo; mas que desde um tempo infinito houve uma eternidade sem qualquer delimitação de tempo, embora, por sua natureza, possa ser entendida em termos de extensão, pois nem mesmo é possível pensar que houve algum tempo enquanto não havia nenhum tempo) – **22.** pergunto então, Balbo, por que vossa Providência ficou sem fazer nada nessa tão incomensurável extensão? Queria evitar a fadiga? Mas essa nem atinge ao deus, nem existia, pois todos os elementos, céu, fogos, terras e mares, obedeciam à vontade divina. Então qual foi a razão pela qual o deus desejou vivamente adornar o mundo com figuras e luzes, tal como o faz o edil? Se o adornou para que ele mesmo melhor pudesse habitá-lo, antes evidentemente o tinha habitado em trevas, como numa escura caverna, por um tempo infinito; e, depois, podemos supor que tenha se deleitado com aquela variedade pela qual vemos enfeitados o céu e as terras? Que tipo de prazer o deus pode ter nisto? E se tem algum, não teria podido privar-se dele por tão longo tempo. **23.** Ou tudo isso, como usualmente dizeis, foi criado pelo deus para os homens? Para os sábios? Então, é por causa de uns poucos que se fez uma tamanha construção de coisas. Ou para os tolos? Primeiramente, não havia motivo para que o deus se dispusesse de maneira benéfica aos maus; depois, alcançou o quê? Já que todos os tolos sem dúvida são completamente infelizes, precisamente porque são tolos (ora, podemos mencionar algo mais infeliz que a tolice?) e, em segundo lugar, visto que há numerosos males na vida de tal forma que os sábios os aliviam com uma compensação de bens, os tolos não poderiam nem evitar os males que estão vindo nem suportar os já presentes. **X.** E os que disseram que o próprio mundo é animado e

sábio, de nenhum modo viram sob que forma poderia apresentar-se a natureza do espírito inteligente. Certamente falarei disso daqui a pouco, mas, por ora, é o bastante dizer que 24. me espanto com a lentidão intelectual dos que querem que o mesmo ser animado, imortal e feliz seja redondo, só porque Platão afirma não existir nenhuma figura mais bela que a forma redonda; mas a mim parece ser mais bela ou a do cilindro, ou do quadrado, ou do cone, ou da pirâmide. Ora, que tipo de vida se atribui a esse deus redondo? Certamente está girando com uma rapidez tal que nenhuma igual a ela não poderia nem mesmo ser pensada; e nessa rapidez não vejo onde poderiam firmar-se uma mente constante e uma vida feliz. E algo que é molesto em nosso corpo, mesmo se for sentido na menor parte sua, por que isso mesmo não seria considerado molesto no deus? Pois a Terra, já que é parte do mundo, com certeza é também parte do deus; e, entretanto, vemos na Terra enormes regiões inabitáveis e não cultivadas, porque uma parte delas se esquentou demais com a proximidade do Sol, e a outra se endureceu com a neve e a geada devido ao contínuo afastamento do Sol; dado que são partes do mundo e se o mundo é deus, essas regiões devem ser ditas membros do deus, em parte quentes e em parte frios.

25. “E estas, na verdade, são as vossas opiniões, Lucílio; mas vou repetir quais são desde o primeiro dos antigos filósofos.<sup>69</sup> Tales de Mileto, que foi o primeiro a investigar acerca desses assuntos, disse que a água era o princípio das coisas e que o deus era aquela mente que formou tudo a partir da água<sup>70</sup> – se é verdade que os deuses podem existir sem sensação; e por que juntou a mente à água, se a mente por si mesma pode existir sem o corpo? Já a opinião de Anaximandro é que os deuses tiveram uma origem, nascendo e morrendo em longos intervalos,<sup>71</sup> e que eles são mundos inumeráveis. Mas de que modo podemos conceber o deus a não ser eterno? 26. Depois, Anaxímenes sustentou que o ar era deus e que este tinha nascido e era

---

<sup>69</sup> O trecho do 25 ao 41 é considerado uma fonte de doxografia.

<sup>70</sup> As afirmações de Aristóteles sobre a cosmologia de Tales, filósofo pré-socrático, podem reduzir-se a três: “a) a Terra flutua sobre a água; b) a água é a causa material de todas as coisas; c) todas as coisas estão cheias de deuses.” Burnet, J. *O Despertar da filosofia grega*, Siciliano, 1994, pág. 51.

<sup>71</sup> Na pág. 60, op. cit., Burnet defende a idéia de que os “longos intervalos” são “longos intervalos de espaço” e não de tempo. Se os deuses são “mundos inumeráveis” e se há deuses e não unicamente um deus, então é natural concluir que esses deuses-mundos nascem e morrem ao mesmo tempo em longos intervalos de espaço.

imenso, infinito e sempre em movimento.<sup>72</sup> como se pudesse o ar sem nenhuma forma ser deus, visto que convém principalmente ao deus ser não meramente de alguma, mas da mais bela forma, ou a mortalidade não alcançasse tudo o que tenha nascido. XI. Em seguida, Anaxágoras, que recebeu o ensinamento de Anaxímenes, foi o primeiro a querer que a disposição e o modo de todas as coisas se distinguissem e se arranjassem pela força e inteligência de uma mente infinita; e, com essa afirmação, não viu que não era possível haver, no infinito, qualquer movimento unido à sensação e sempre ininterrupto, nem haver absolutamente sensação através da qual sentisse, já que a própria natureza não fora percutida. Depois, se pretendeu que essa mente fosse como que um ser animado, haverá algo bem interior, a partir do qual se nomeia esse ser animado; entretanto, o que é mais interior do que a mente? Será envolvida, conseqüentemente, por um corpo externo; 27. e porque isso não lhe<sup>73</sup> agrada, uma mente nua e simples, com nenhuma coisa adjunta pela qual possa receber sensações, parece escapar à força e à capacidade de nossa inteligência. Alcmeão de Crotona, em seguida, que atribuiu divindade ao sol, à lua, aos demais astros e, além disso, ao espírito, não percebeu que estava atribuindo imortalidade a seres mortais. Pois Pitágoras, que declarou haver um espírito estendido e difuso por toda a natureza das coisas, do qual nossos espíritos seriam desprendidos, não viu que pela separação dos espíritos humanos se dividiria e se despedaçaria o deus e, quando há espíritos infelizes, o que acontece a muitos, então uma parte do deus seria infeliz: e isso é impossível. 28. Ora, por que o espírito do homem ignoraria algo, se fosse deus? Além disso, de que modo esse deus, se nada é senão espírito, estaria ou fixado ou infundido no mundo? Depois Xenófanes, que afirmou que o todo, tendo-se-lhe unido uma mente, por ser infinito, era deus,<sup>74</sup> do mesmo modo será censurado a respeito da própria mente tal como os demais, e mais rigorosamente acerca do infinito no qual não poderia haver nada nem sensível nem conectado. Quanto a Parmênides, o certo é

---

<sup>72</sup> “Anaxímenes (filósofo pré-socrático) dizia que o ar era o princípio, do qual provêm todas as coisas que estão a gerar-se, e que existem, e que hão de existir, e os deuses e as coisas divinas, e o resto proveniente dos seres por ele produzidos.” Kirk & Raven, *Os filósofos pré-socráticos*, Calouste Gulbenkian, p. 143.

<sup>73</sup> A Anaxágoras.

<sup>74</sup> De Xenófanes, filósofo pré-socrático, fragmento 24: “Todo ele vê, todo ele pensa, e todo ele ouve” (*todo ele é o deus*). Kirk & Raven, *Os filósofos pré-socráticos*, Calouste Gulbenkian, pág. 170.

que estabeleceu algo imaginário, semelhante a uma coroa (chama-o de *stephané*), uma órbita contínua de brilhos luzentes que envolve o céu, e a isso chama de deus,<sup>75</sup> nesse algo imaginário não é possível supor nem figura divina nem sensação; e imaginou muitas monstruosidades desse tipo, porquanto confere o status de um deus à guerra, à discórdia, à paixão e às demais coisas do mesmo gênero, as quais se destroem ou com a doença, ou com o sono, ou com o esquecimento, ou com a velhice; acerca dos astros, as mesmas coisas que se criticaram em relação ao outro,<sup>76</sup> agora podem ser omitidas em relação a este.<sup>77</sup> XII. 29. Em seguida, Empédocles, cometendo inúmeros outros erros, muito vergonhosamente se engana na sua opinião dos deuses. Pois quer que sejam divinos os quatro elementos<sup>78</sup> dos quais pensa que todas as coisas se compõem; e é evidente que nascem e se extinguem e que carecem totalmente de sensação. Ainda, Protágoras, que nega absolutamente ter opinião certa a respeito dos deuses, se existem ou não e como são, dá a impressão de não ter pensado nada sobre a sua natureza. E quê? Demócrito, que inclui no número dos deuses ora as imagens e seus contornos, ora aquela natureza que produz as imagens e as deixa ir, ora nosso conhecimento teórico e inteligência, por acaso não se encontra no maior erro? Quando ele mesmo diz que não existe absolutamente algo eterno, já que nada permanece sempre em seu próprio estado, por acaso não acaba inteiramente com o deus de modo a não restar qualquer opinião a seu respeito? E quê? O ar, que Diógenes de Apolônia considera como um deus,<sup>79</sup> que sensação pode ter ou que forma divina? 30. No momento, seria demorado falar da pouca coerência de Platão, porque, no *Timeu*, nega ser possível nomear o pai deste mundo e, nos livros das *Leis*, julga que não se deve examinar cabalmente o que seja a divindade. E quanto ao fato de ele querer que o deus não tenha nenhum corpo (*assômatos*, como dizem os

---

<sup>75</sup> Da *Física* de Simplicio, fragmento 12: “Parmênides disse que havia anéis [coroas] enrolados uns nos outros... Dos anéis misturados, o mais central é a causa primeira do movimento e da geração de todos eles, e ele chama-lhe a deusa que tudo dirige...” Kirk & Raven, *Os filósofos pré-socráticos*, Calouste Gulbenkian, pág. 290.

<sup>76</sup> Alcmeão.

<sup>77</sup> Parmênides.

<sup>78</sup> “Quatro elementos” é, no original, *quattuor naturae*. Na *Física* de Simplicio está: “Ele faz os elementos materiais, em número de quatro, fogo, ar, água e terra, todos eternos...” Kirk & Raven, *Os filósofos pré-socráticos*, Calouste Gulbenkian, pág. 341.

<sup>79</sup> Da *Física* de Simplicio, fragmento 5: “E parece-me que aquilo que tem inteligência é o que os homens chamam ar... Pois é mesmo esta coisa que me parece ser um deus...” Kirk & Raven, *Os filósofos pré-socráticos*, Calouste Gulbenkian, pág. 451.

Gregos), não é possível entender como isso pode ser: pois é necessário que careça de sensação, que careça também de prudência e de prazer; e são todas essas coisas que compreendemos juntamente com a noção dos deuses. Ele mesmo diz, no *Timeu* e nas *Leis*, que o mundo, o céu, os astros, a terra, os espíritos e as divindades que recebemos da tradição dos antepassados são o deus; essas afirmações por si mesmas são claramente falsas e profundamente incompatíveis entre si. **31.** E também Xenofonte com menos palavras repete quase os mesmos erros; pois, nos escritos que reproduzem as conversas de Sócrates, apresenta-o argumentando que não é preciso investigar a forma do deus e que o sol e o espírito são o mesmo deus, ora afirmando um único, ora muitos; tais afirmações se encontram mais ou menos no mesmo tipo de erros em que estão aquelas que falamos sobre Platão. **XIII. 32.** E também Antístenes, quando diz, naquele livro intitulado *Física*, que os deuses populares são numerosos e que o da natureza é único, destrói a força e a essência dos deuses. Espeusipo, quase sem diferença seguindo a seu tio Platão e afirmando existir certa força, ela mesma animada, pela qual tudo se rege, esforça-se por erradicar dos espíritos o conhecimento dos deuses. **33.** E Aristóteles, no terceiro livro sobre a filosofia, apresenta muitas idéias confusas, embora não esteja em desacordo com seu mestre Platão; pois ora atribui à mente toda a divindade, ora diz que o próprio mundo é deus, ora põe como cabeça do mundo um outro ser e lhe atribui as funções de governar e conservar o movimento do mundo por meio de certa rotação celeste, ora afirma ser deus o brilho do céu, não se dando conta de que o céu, que ele mesmo em outro lugar designara como deus, é apenas uma parte do mundo. Além disso, de que modo aquele senso divino do céu poderia conservar-se em tamanha rapidez? Depois, onde se encontra aquele tão grande número de deuses, se contamos também o céu como deus? E quando quer que o deus seja sem corpo, priva-o de toda sensação e até de sabedoria prática. Além disso, de que modo poderia mover-se faltando-lhe um corpo ou como poderia estar tranqüilo e ser feliz movendo-se sempre? **34.** Nesse assunto, nem foi mais prudente seu condiscípulo Xenócrates, em cujos livros sobre a natureza dos deuses, não se descreve qualquer forma divina; pois afirma haver oito deuses: cinco, os que se movem nos planetas; outro, o que deve ser pensado como um único deus formado de todos os astros fixos no céu como de membros dispersos; como sétimo acrescenta o sol e como oitavo, a lua; e, em que sentido esses deuses podem ser felizes, é impossível compreender. Da mesma escola filosófica de Platão, Heráclides

do Ponto atulhou seus livros com fábulas infantis: pensa que é divino ora o mundo, ora a mente, atribui também divindade aos planetas, priva ao deus de sensação, quer que sua forma seja mutável e, em seguida, no mesmo livro, inclui no número dos deuses a terra e o céu. 35. Nem a incoerência de Teofrasto deve ser admitida; pois ora atribui supremacia divina à mente, ora ao céu e ora às constelações e astros celestes. Nem deve ser ouvido seu discípulo Estratão, esse que é chamado de o físico, pois pensa que toda a força divina está colocada na natureza, a qual tem as causas do nascimento, do crescimento e da destruição, mas carece de qualquer sensação e de qualquer figura.

XIV. 36. “Quanto a Zenão, para chegar aos vossos,<sup>80</sup> Balbo, pensa que a lei natural é divina e que retém uma força que comanda o que é justo e impede o contrário. E não podemos compreender de que maneira faz com que essa lei tenha uma alma; pois queremos sem dúvida que o deus tenha uma alma. Ele mesmo em outro lugar afirma que o éter é deus – como se fosse possível conceber um deus que nada sentisse, que nunca se aproximasse de nós, nem nas preces, nem nos desejos, nem nos votos; e, em outros livros, pensa estar cheia de força divina certa razão que se difunde por toda a natureza das coisas. Atribui a mesma coisa aos astros e, em seguida, aos anos, aos meses e às estações dos anos. E quando interpreta a *Teogonia* de Hesíodo, isto é, a origem dos deuses, acaba completamente com as noções ordinárias e tradicionais sobre os deuses; pois não inclui no número deles nem Júpiter, nem Juno, nem Vesta, nem qualquer um que assim se chame, mas ensina que esses nomes são atribuídos com determinado significado a coisas inanimadas e mudas. 37. A opinião de seu discípulo Aristão se encontra igualmente em grave erro, pois afirma que nem a forma do deus pode ser compreendida e que nem há sensação nos deuses, e duvida por completo se o deus tem uma alma ou não. E Cleantes, que ouviu as lições de Zenão juntamente com esse que agora há pouco citei, num momento diz que o próprio mundo é deus, noutro atribui este nome à mente e ao espírito da natureza inteira, noutro pensa que com a máxima certeza é deus o brilho último, altíssimo, estendido ao redor de todas as partes, afastadíssimo entrelaçado envolvente de todas as coisas, que se chama éter; e ele mesmo, como que delirando

---

<sup>80</sup> Os estóicos.

nos livros que escreveu contra o prazer, ora imagina certa forma e aspecto dos deuses, ora concede toda a divindade aos astros, ora conjectura que nada é mais divino que a razão. Daí resulta que aquele deus, de que tomamos conhecimento por nossa mente e que queremos guardar, como que num molde, na representação que nosso espírito faz, absolutamente não se mostra em nenhum lugar. XV. 38. Perseu, seguidor do mesmo Zenão, diz que seriam considerados como deuses aqueles pelos quais fosse inventada alguma grande utilidade para o aperfeiçoamento da vida e que as próprias coisas úteis e salutareas seriam designadas pelos nomes dos deuses, a fim de que nem mesmo se dissesse que são invenções destes, mas que elas próprias são divinas; e em relação a isso, que é mais absurdo que dotar da dignidade de deuses coisas ignóbeis e horrendas ou enfileirar entre eles homens já consumidos pela morte, cuja única reverência vai estar nas manifestações de pranto? 39. Já Crisipo, que é tido como o mais sagaz intérprete dos sonhos dos Estóicos, reúne enorme multidão de deuses desconhecidos, e de tal maneira desconhecidos que não poderíamos fazer idéia deles nem mesmo por conjectura, embora nossa mente pareça ser capaz de representar qualquer coisa com o pensamento, pois afirma que a força divina está colocada na razão, no espírito da natureza inteira e na mente, e diz que são deus ora o próprio mundo e a difusão universal daquele espírito, ora a supremacia desse espírito fundamentada na mente e na razão e a comum natureza das coisas que as abarca a todas, ora o poder fatal e a inelutabilidade das coisas que devem acontecer, ora aquele fogo que anteriormente eu disse ser o éter, ora aqueles elementos que fluem e nascem da natureza, como a água, a terra, o ar, o sol, a lua, os astros e a totalidade das coisas na qual tudo está contido e, finalmente, aqueles homens que teriam alcançado imortalidade. 40. Ele mesmo argumenta que o éter é aquele a quem os homens chamam de Júpiter, que o ar que circula pelos mares é Netuno, que a terra é aquela que se diz Ceres, e com igual raciocínio vai percorrendo os nomes dos demais deuses. Afirma também que Júpiter é a força de uma lei eterna e perpétua, que seria como que o guia da vida e a mestra dos deveres, e a chama de necessidade fatal e de eterna verdade dos acontecimentos futuros; mas nenhuma dessas coisas é tal que nela pareça residir uma força divina. 41. Essas idéias estão no primeiro livro do seu *Da Natureza dos Deuses*; no segundo, pretende conformar as fábulas de Orfeu, Museu, Hesíodo e Homero com as que ele mesmo, no primeiro livro, dissera a respeito dos deuses imortais, a fim de parecerem ter sido estóicos também os mais antigos poetas, que

nem sequer suspeitavam dessas coisas. E Diógenes de Babilônia, seguindo-o naquele livro que se intitula *Sobre Minerva*, ao transferir o parto de Júpiter e o nascimento da virgem para o campo da fisiologia, afastou-os da explicação mítica.

**XVI. 42.** “Apresentei mais ou menos não os pareceres de filósofos, mas os sonhos daqueles que perderam a razão. E nem muito mais absurdas são as invenções que prejudicaram pelo próprio encanto espalhado pelas vozes dos poetas que representaram deuses inflamados de ira e loucos de desejo e fizeram com que vissemos suas guerras, combates, batalhas e feridas e, além disso, seus ódios, rivalidades e discórdias, seus nascimentos e mortes, queixas e lamentações, seus desejos derramados em toda falta de moderação, suas cópulas carnis com a raça humana e os mortais gerados de um imortal. **43.** Podemos, ainda, juntar à fantasia dos poetas as maravilhas dos magos, a extravagância, no mesmo gênero, dos Egípcios e as opiniões do povo, que se encontram, por desconhecimento da verdade, na maior incoerência.

“Quem examinasse quão sem reflexão e às cegas essas coisas são ditas, deveria render culto a Epicuro e tê-lo propriamente no número daqueles dos quais trata a presente discussão. Pois foi o primeiro a compreender que existem deuses ao pensar que a própria natureza tinha impresso a noção deles nos espíritos de todos. Afinal, qual o povo ou qual a raça de homens que não tenha, mesmo sem instrução, certa presciência dos deuses? A essa Epicuro chama de *prôlepsis*, isto é, certo esboço da coisa antecipado no espírito, sem o qual não é possível nem compreender algo, nem investigá-lo, nem discutir sobre ele. A importância e a utilidade desse princípio, nós as recebemos daquela divina obra de Epicuro a respeito do critério e do juízo. **XVII. 44.** Portanto, qual é o fundamento dessa questão, vós o percebeis lançado muito claramente. Pois, visto que por nenhuma convenção ou costume ou lei constituiu-se uma opinião e permanece um firme acordo de todos sem exceção, é necessário compreender que os deuses existem, porque temos deles noções implantadas ou, antes, inatas; e é necessário que seja verdadeiro aquilo a respeito do qual está de acordo a lei natural de todos; portanto, deve-se reconhecer que os deuses existem. E porque isso é muito evidente não só entre os filósofos, mas também entre os não instruídos, confessamos ser evidente também isto: que nós temos ou aquela presciência, como antes eu disse, ou esta pré-noção dos deuses (pois é preciso pôr nomes novos em coisas novas, como o próprio Epicuro recorreu a *prôlepsis*, que

ninguém anteriormente designara com este sentido) – 45. portanto, possuímo-la<sup>81</sup> para pensarmos os deuses como felizes e imortais. De fato, a natureza, que nos deu um esboço dos próprios deuses, ela mesma o gravou em nossas mentes para que os considerássemos eternos e felizes. E se isso é assim mesmo, então foi verdadeiramente exposta por Epicuro aquela famosa idéia: aquilo que é feliz e eterno não tem ele mesmo nenhuma preocupação, nem a causa a outro e, desta maneira, não é possuído nem pela ira nem pela benevolência, porque todos os sentimentos que fossem de tal tipo seriam próprios da fragilidade humana.

“Se nenhuma outra coisa procurávamos senão que honrássemos piamente os deuses e que nos desprendêssemos da superstição, então basta o que foi dito; pois não só a natureza superior dos deuses, sendo eterna e felicíssima, seria venerada pela piedade dos homens (ora, tudo o que sobressai tem justa veneração), mas também seria afastado todo medo causado pela violência e ira dos deuses (de fato, compreende-se que a ira e a benevolência estão separadas de uma natureza feliz e imortal e que, excluídas essas, não ameaçam mais quaisquer medos em relação aos superiores). Mas, para consolidar esta opinião, o espírito cuidadosamente procura a forma, a atividade da vida e a agitação da mente no deus.

**XVIII. 46.** “A respeito da forma divina, em parte a natureza sugere, em parte a razão ensina. Pois todos de todos os povos temos, do lado da natureza, nenhuma outra aparência dos deuses senão a humana; de fato, qual outra forma ocorre alguma vez a alguém acordado ou dormindo? Mas, para que tudo não seja levado de novo às primeiras noções, a própria razão dá a conhecer isto. **47.** Pois, já que parece haver acordo em que uma natureza perfeitíssima, ou porque é feliz ou porque é eterna, também é a mais bela, qual proporção de membros, qual harmonia de feições, que figura, que aparência pode ser mais bela que a humana? Pelo menos vós estóicos, Lucílio, (visto que meu amigo Cota ora diz isto, ora aquilo), quando fazeis o retrato da arte e da fabricação divina, costumais descrever quanto todas as coisas na figura do homem são próprias não apenas ao uso, mas também à beleza. **48.** E se a figura do homem é superior à forma de todos os seres animados e se deus é um ser animado, certamente essa é a figura que dentre todas é a mais bela; e porque é evidente que os deuses são os mais felizes, que ninguém pode ser feliz sem virtude, nem existir

---

<sup>81</sup> A pré-noção.

virtude sem razão, nem a razão estar em algum lugar senão na figura do homem, deve-se confessar que os deuses têm o aspecto do homem. 49. Entretanto, tal aspecto nem é um corpo, mas como se fosse corpo, nem tem sangue, mas como se tivesse sangue.

XIX. “E embora essas distinções tenham sido descobertas de forma engenhosa demais e expressas por Epicuro de forma sutil demais para que alguém pudesse compreendê-las, entretanto, confiado na vossa inteligência, exponho-as mais brevemente do que a questão exige. Epicuro, já que não somente vê pelo espírito coisas ocultas e profundamente escondidas, mas também as toca como que com a mão, ensina que a força e a natureza dos deuses são tais que primeiramente são discernidas não pelo sentido, mas pela mente, nem por certa solidez, nem por enumeração, como aquilo que, por causa de sua consistência, chama de *sterêmnia*, mas, uma vez percebidas as imagens em sua semelhança é sucessão, visto que uma série infinita de imagens muito parecidas provenha de átomos inumeráveis e vá até os deuses, ensina que nossa mente e inteligência, atentas e fixas naquelas imagens, compreendem em que consiste uma natureza feliz e eterna. 50. É muito digna de longa e cuidadosa consideração a poderosíssima força daquela infinidade, em que é preciso compreender que a natureza é tal que a todas as coisas semelhantes correspondem coisas semelhantes. A isso Epicuro chama de *isonomia*, isto é, distribuição equitativa. Dessa, portanto, conclui-se que, se tamanha é a multidão dos mortais, não menor é a dos imortais, e, se são inumeráveis os agentes que tiram a vida, também devem ser infinitos os que a conservam.

“E vós estóicos, ó Balbo, costumais querer saber de nós como é a vida dos deuses e como passam a duração dessa vida. 51. Evidentemente, é tal que não se pode pensar nada mais feliz que ela, nada mais abundante de todos os bens. Pois, o deus nada faz, não está envolvido com quaisquer ocupações, não se empenha em nenhum trabalho, regozija-se com sua própria sabedoria e virtude, e tem a certeza de que sempre estará não só nas maiores, mas também em alegrias eternas. XX. 52. Dissemos com razão que esse deus é feliz, mas o vosso é ocupado demais. Pois, de um lado, se o próprio mundo é deus, o que poderia estar menos em repouso do que ficar girando em torno do eixo do céu com admirável rapidez sem interrupção por nenhum momento? Ora, nada é feliz a não ser que esteja em repouso. De outro, se no próprio mundo existe algum deus para guiar, governar e manter o curso dos astros, as

variações climáticas e a sucessão e disposição dos acontecimentos, e, olhando atentamente terras e mares, para guardar a vida e as comodidades dos homens: tal deus está realmente embaraçado por ocupações penosas e trabalhosas! **53.** Mas nós colocamos a vida feliz na tranquilidade do espírito e na isenção de todas as ocupações. Pois ele mesmo, que nos ensinou as demais noções, ensinou-nos que o mundo se fez inteiramente da natureza; que em nada houve necessidade de mão-de-obra, e que essa coisa, que vós negais poder realizar-se sem a divina engenhosidade, é tão fácil que a natureza há de fazer, está fazendo e já fez mundos sem conta. E porque não vedes de que maneira a natureza pode fazer isso sem a ajuda de uma mente, vós recorreis a um deus, como os poetas trágicos, quando não podeis desatar o nó do argumento;<sup>82</sup> **54.** certamente não acharíeis falta do trabalho desse deus, se vísseis a vastidão dos espaços imensa e ilimitada em todas as direções, e quando o espírito se precipita e se projeta nela, percorre-a tão ampla e longamente que enfim não vê nenhuma zona de limite na qual possa deter-se. Portanto, nesta imensidade de latitudes, comprimentos e alturas, agita-se indo e vindo um número infinito de incontáveis átomos, que, no vazio que os intermedeia, agrupam-se todavia entre si e, uns agarrando a outros, unem-se de maneira a formar um todo contínuo; é disso que se fazem aquelas formas e figuras que vós pensais não poder fazer-se sem foles e bigornas. Dessa maneira, impusestes em nossas cabeças um senhor eterno a quem devemos temer dia e noite: pois quem não temeria um deus que a tudo prevê, pensa e nota e, além disso, cheio de cuidado e encargos, julga que tudo está ligado a si? **55.** É daqui que é manifesta para vós aquela necessidade fatal que chamais *heimarmêne*, a saber, que tudo aquilo que acontece, isso mesmo afirmais que se deriva de uma verdade eterna e de uma série ininterrupta de causas. Ora, que valor se deve dar a esta filosofia para a qual, tal como para as velhinhas, e ignorantes ainda por cima, tudo parece acontecer sob o poder do destino? Depois, vem a vossa *mantiké*, que em latim se diz *divinatio*,<sup>83</sup> pela qual nos impregnaríamos de tamanha superstição, se acaso quiséssemos vos dar atenção, que deveriam ser venerados por nós os harúspices, áugures, adivinhos, vates e intérpretes. **56.** Livres desses pavores e restituídos à

---

<sup>82</sup> Referência ao *deus ex machina*, recurso teatral que consistia na resolução de um problema mediante a inserção de uma divindade.

<sup>83</sup> Adivinhação.

liberdade por Epicuro, não apenas não tememos aos que sabemos que não criam para si e nem desejam a outro nenhuma inquietação, mas também pia e santamente veneramos a natureza excelente e distinta.

“Mas, arrebatado pelo entusiasmo, temo ter-me estendido muito. Entretanto, era difícil abandonar incompleto um assunto tão importante e tão ilustre; embora eu tenha tido menos a intenção de falar do que a de ouvir.”

**XXI. 57.** Então Cota, afavelmente, como costumava: “Na verdade, Veleio,” diz ele, “se não tivesses dito alguma coisa, decerto não terias podido ouvir absolutamente nada de mim. Pois, costuma vir-me à mente não tão facilmente por que uma coisa é verdadeira quanto por que é falsa; e isso aconteceu-me não apenas freqüentemente, mas também quando te ouvia há pouco. Se me pedes que julgue qual seja a natureza dos deuses, talvez nada possa te responder, e se procuras saber se penso que seja tal como há pouco foi apresentada por ti, direi que nada me parece menos verdadeiro. Mas, antes de acercar-me daquilo que foi examinado por ti, direi o que penso a respeito de ti próprio. **58.** Pois creio ter ouvido muitas vezes daquele teu íntimo [L. Crasso] como ele te preferia sem hesitação a todos os cidadãos romanos e como comparava a ti poucos epicuristas vindos da Grécia; mas, porque eu sabia que eras muito honrado por ele, imaginava que dizia isso exageradamente apenas por afeição. E quanto a mim, embora hesite em te elogiar na tua presença, julgo, entretanto, que falaste claramente a respeito de um assunto obscuro e difícil, e não somente com abundância de pensamentos, mas também com mais floreio de palavras do que costumam os vossos. **59.** Estando em Atenas, freqüentemente eu ouvia as lições de Zenão, a quem nosso Filo costumava chamar de chefe dos epicuristas, e o escutava, todavia, a conselho do próprio Filo, a fim de que, creio, mais facilmente pudesse julgar quão bem aquelas afirmações seriam refutadas, pois que as teria recebido do cabeça dos epicuristas exatamente como seriam ditas. Em suma, ele não falava como a maioria, mas da maneira como tu: com clareza, autoridade e elegância. Mas, muitas vezes me aconteceu, a propósito dele, o mesmo que há pouco me acontecia quando te ouvia: tolerar com dificuldade que um tamanho talento (e me escutarás com benevolência) tenha caído em afirmações tão frívolas, para não dizer tão absurdas. Não que eu próprio possa agora propor algo melhor. **60.** Pois, como há pouco disse, em quase todos os assuntos, mas sobretudo nos relativos aos estudos da natureza, gostaria de dizer o que não é verdadeiro de preferência àquilo que é. **XXII.**

Se me perguntares o que ou de que natureza é o deus, servir-me-ei da proposta de Simônides: como o tirano Hierão tivesse exigido dele essa mesma explicação, pediu-lhe um único dia para refletir; como o mesmo tirano o interrogasse no dia seguinte, solicitou-lhe dois dias; e como muito mais vezes aumentasse o número dos dias, Hierão, surpreso, perguntava-lhe por que estaria agindo assim, ‘porque quanto mais tempo fico refletindo,’ diz ele, ‘tanto mais complicada me parece a questão.’ Mas penso que Simônides (diz-se, realmente, que era um poeta não apenas agradável, como também instruído e conhecedor quanto ao mais), porque muitas idéias sutis e minuciosas viessem à sua mente e na dúvida de qual delas seria a mais verdadeira, perdeu a esperança de chegar a toda verdade. 61. Ora, o teu Epicuro (pois prefiro discutir com ele a discutir contigo) disse alguma coisa que fosse digna não apenas da filosofia, mas também do bom senso moderado?

‘Nessa questão que trata da natureza dos deuses, primeiramente se pergunta se os deuses existem ou não. ‘É difícil negar’, creio, se se levanta a questão numa reunião pública, mas numa conversa entre poucos, como esta, é facilimo. Por essa razão, eu, o próprio sumo pontífice, que penso devam ser mantidos em total pureza os cultos e as práticas religiosas públicas, sou aquele que deveria querer estar absolutamente persuadido não meramente por suposição, mas realmente com base na verdade, daquilo que é o mais importante: que os deuses existem. De fato, muitas dúvidas perturbadoras me ocorrem, de tal forma que, algumas vezes, fica parecendo que não existem quaisquer deuses. 62. Mas repara o quão lealmente estou discutindo contigo: não tocarei as questões que são comuns a vós epicuristas com os demais filósofos, como essa afirmação; pois agrada a quase todos e a mim precisamente que antes de tudo os deuses existam, e por isso não faço objeções. Todavia, creio não ser bastante consistente aquela prova alegada por ti. XXIII. Para reconhecermos a existência dos deuses, dissestes que a prova cabal era o fato de que assim parecia aos homens de todas as raças e nações. Tal afirmação por si mesma se mostra fraca e também falsa. Pois, primeiramente, de onde te são conhecidas as crenças dos povos? Penso, sem dúvida, que há muitas raças tão bárbaras por causa da selvageria, que entre elas não há nenhuma suspeita de que os deuses existam. 63. Que dizer de Diágoras, que foi apelidado de o ateu, e, depois, de Teodoro: por acaso não suprimiram publicamente a existência dos deuses? Pois Protágoras de Abdera, o mais ilustre sofista naqueles tempos, de quem fizeste menção há pouco, como no início de

seu livro tivesse escrito assim ‘Dos deuses não posso afirmar nem que existem, nem que não existem’, foi expulso da cidade e do território por ordem dos Atenienses e seus livros foram queimados em reunião pública; a partir desse fato venho notando que muitos se tornaram mais lentos para declarar abertamente tal parecer, já que nem mesmo a dúvida poderia escapar a uma punição. E o que diremos dos profanos, dos ímpios e impostores?

Se alguma vez Lúcio Túbulo,

se Lupo ou Carbão ou um filho de Netuno,

como diz Lucílio, pensassem que os deuses existem, seriam considerados tão impostores ou tão impudicos? 64. Portanto, esse raciocínio não é bastante seguro como parece para consolidar aquilo que quereis. Mas, porque essa justificação é comum também a outros filósofos, deixo-a neste momento; prefiro voltar-me aos vossos próprios problemas.

65. “Concedo que os deuses existem. Informa-me, então, de onde provêm, onde estão e como são de corpo, de espírito e de vida; pois são essas coisas que procuro saber. Para tudo te serves demasiadamente do domínio e do capricho dos átomos; é daí que, como se diz, dás figura e existência a tudo o que se apresenta à mente. Primeiro, esses átomos não existem. Pois não há nada que não tenha corpo; ora, todo lugar é ocupado por corpos; assim, não pode haver nenhum vácuo e nada indivisível. XXIV. 66. Esta opinião enuncio agora como resposta dos físicos, e desconheço se verdadeira ou falsa, mas, todavia, mais verossímil do que a vossa. Este escândalo de Demócrito ou, ainda anteriormente, de Leucipo, que existem certos pequenos corpúsculos ligeiros, uns ásperos, outros redondos ou parcialmente angulares, alguns curvados e como que em forma de gancho, e que deles se formou o céu e a terra sem qualquer intervenção da natureza, mas com uma espécie de concurso casual – é essa opinião que tu, Veleio, levaste até tua idade presente, e alguém poderia antes te afastar por completo de tua posição social do que dessa tua autoridade; pois pensaste que era necessário ser epicurista antes de ter conhecido essas idéias: de tal forma foi preciso ou acolher esses escândalos em teu espírito ou largar o nome da filosofia defendida. 67. E o que ganharias, supondo que deixes de ser epicurista? ‘Certamente nada,’ dizes, ‘admitindo que eu abandone a doutrina da vida feliz e a verdade.’ Isso, então, é a verdade? Certamente, em nada me oponho a respeito da vida feliz, que pensas não estar nem mesmo no deus, a não ser que ele

desfrute absolutamente de repouso. Mas onde está a verdade? Nos mundos inumeráveis, creio, uns nascendo e outros morrendo em todos os mínimos instantes do tempo; ou nos corpúsculos indivisíveis que produzem obras tão maravilhosas sem o governo da natureza e sem qualquer inteligência? Mas, esquecido de minha afabilidade, da qual tinha começado a usar contigo pouco antes, estou abrangendo mais problemas. Admitirei, então, que tudo se constitui dos indivisíveis: que pertinência tem isso em relação à questão presente? Investiga-se, é claro, a natureza dos deuses. **68.** Admitamos que sejam de átomos; portanto, não são eternos. Pois o que se constitui de átomos, isso mesmo já nasceu um dia; se nasceu, não houve nenhum deus antes que algum tivesse nascido; e se há nascimento de deuses, é forçoso que haja morte, como tu há pouco discutias a respeito do mundo de Platão. Onde está, então, aquele vosso ser feliz e eterno, essas duas palavras com as quais indicais o deus? E quando quereis fazer isso, pegais espinhos com a mão; pois dizias assim: que no deus havia não um corpo, mas como que um corpo, nem sangue, mas como se fosse sangue.

**XXV. 69.** “E fazeis isso com tanta freqüência que, quando dizeis uma coisa sem verossimilhança e quereis escapar à refutação, alegais outra completamente impossível de ser, de modo que teria sido preferível consentir naquilo mesmo de que se disputava a ficar teimando tão descaradamente. Assim como Epicuro, ao reparar que nada estaria em nosso poder de ação se os átomos fossem levados para um lugar inferior por seu próprio peso, já que o movimento deles seria determinado e necessário, descobriu como evitar a necessidade, e isso evidentemente escapara a Demócrito: diz que o átomo se desvia um pouquinho no momento em que é levado diretamente para baixo por seu próprio peso. **70.** Afirmar isso é mais vergonhoso do que não poder sustentar aquilo que ele deseja. E faz a mesma coisa contra os lógicos; tendo sido transmitido por eles que, em todas as proposições disjuntivas em que se põe ‘ou sim ou não’, um dos dois é verdadeiro, ele temeu que, se se admitisse algo do tipo ‘Epicuro amanhã ou viverá ou não viverá’, um dos dois se tornaria necessário: negou que todo este ‘ou sim ou não’ fosse necessário; poderia ser dito algo mais absurdo do que isso? Arcesilau combatia a Zenão, afirmando que são falsas todas as coisas que aparecem aos sentidos, e Zenão dizia que só algumas pareciam falsas, não todas; Epicuro temeu que, se uma só coisa parecesse falsa, então nenhuma seria verdadeira: disse que todas as sensações são anunciadoras da verdade. Nenhuma

dessas hipóteses foi sustentada com suficiente habilidade, pois recebia um dano mais grave para repelir um mais leve.

71. “Faz a mesma coisa na natureza dos deuses; enquanto recusa a agregação dos átomos para não se seguirem morte e decomposição, nega haver corpo para os deuses, mas como que um corpo, nem sangue, mas um como que sangue. XXVI. Parece-me espantoso que um arúspice não dê risadas no momento em que vê um outro; mais espantoso ainda é como podeis conter o riso entre vós. ‘Não é um corpo, mas como que um corpo’: eu poderia entender de que natureza seria isso, se fosse feito em figuras de cera ou de barro; mas não posso entender no deus o que seja como que um corpo ou o que seja como que sangue. Nem mesmo tu, Veleio, embora não queiras confessar.

72. “De fato, são repetidas por vós como lições essas afirmações que Epicuro sonhou bocejando, pois que em verdade se gloriava, como vemos em seus escritos, de não ter tido nenhum mestre. Entretanto, com facilidade certamente eu acreditaria nele, mesmo que ele não dissesse isso publicamente, assim como acreditaria num proprietário de uma construção mal feita que se vangloria de não ter tido um arquiteto; de fato, Epicuro não faz lembrar nada da Academia, nada do Liceu, nada nem mesmo de ensinamentos pueris. Ele teria podido ser discípulo de Xenócrates (que homem, ó deuses imortais!); e há quem pense que foi discípulo, mas ele próprio nega – não acredito em ninguém mais. Em Samos, afirma terem sido ouvidas por ele as lições de certo Pânfilo, discípulo de Platão (pois, quando adolescente, morava aí com o pai e os irmãos, já que seu pai, Neocles, tinha vindo para Samos como colono, mas, porque o pequeno campo não o sustentasse suficientemente, como penso, foi professor de escola); 73. mas Epicuro despreza muito a esse platônico: a tal ponto temeu parecer alguma vez ter recebido algum ensinamento. Com respeito a Nausifanes, discípulo de Demócrito, não tem como escapar, embora não negue que tenha sido discípulo dele, entretanto o maltrata com todas as afrontas; porém, se não tivesse ouvido esses ensinamentos de Demócrito, o que teria ouvido? Com efeito, nos tratados de física de Epicuro, existe alguma coisa não proveniente de Demócrito? Pois, embora tenha mudado inteiramente certas noções, como o que há pouco eu disse acerca do desvio dos átomos, na maior parte, contudo, diz o mesmo: os átomos, o vazio, as imagens, a infinidade de lugares e a inumerabilidade de mundos, o

nascimento e morte deles e quase tudo o que é abraçado pelo estudo racional da natureza.

74. “Agora, que entendes com o teu ‘como que um corpo’ e ‘como que sangue’? Pois, de minha parte, não só confesso que sabes isso melhor do que eu, mas também sem dificuldade admito; no momento em que se diz isso pelo menos uma vez, por que é que Veleio seria capaz de compreender e Cota não? Assim, compreendo o que seja um corpo e o que seja sangue, mas absolutamente de nenhum modo compreendo o que seja como que um corpo e como que sangue. Não estás me mantendo na ignorância, como Pitágoras costumava fazer com estranhos, nem de propósito falas obscuramente, como Heráclito, mas, fique entre nós, nem mesmo tu compreendes. **XXVII.** 75. Imagino que sustentas aquilo para que a aparência dos deuses seja uma que nada tenha de concreto, nada de sólido, nada de saliente, nada de proeminente, mas seja pura, leve e diáfana. Diremos, então, o mesmo que a propósito da Vênus de Cos:<sup>84</sup> aquilo não é um corpo, mas semelhante a um corpo, nem é sangue aquela vermelhidão espalhada e misturada com a brancura, mas certa semelhança de sangue; assim, no deus de Epicuro, não há coisas reais, mas semelhanças de coisas reais. Faz que eu seja persuadido daquilo que nem mesmo pode ser compreendido; mostra-me as formas e os traços desses deuses só esboçados. 76. Neste ponto, não falta abundância de argumentos pelos quais pretenderíeis mostrar que são humanas as formas dos deuses; primeiramente, que haveria uma representação e uma antecipação em nossas mentes de tal maneira que ao homem, quando concebe uma idéia do deus, apresentar-se-ia a forma humana; depois, já que a natureza divina é superior a todas as coisas, sua forma também deveria ser a mais bela, e não há nenhuma mais bela que a humana; como terceiro argumento alegais que em nenhuma outra figura poderia estar a sede da mente. 77. Primeiramente, então, examina de que natureza cada um é; de fato, estais me parecendo assumir, por assim dizer, com vosso direito, uma tese de nenhuma maneira comprovável. Antes de tudo, ao contemplar as coisas, quem alguma vez teria sido tão cego para não ver que essas formas de homens foram imputadas aos deuses ou por certa deliberação dos sábios, a fim de que mais facilmente os espíritos dos ignorantes passassem da depravação de seu modo de vida para o culto dos deuses, ou por superstição, para que houvesse imagens tais que,

---

<sup>84</sup> Vênus de Cos (da ilha de Cos) é um quadro de Apele.

venerando-as, acreditassem invocar os próprios deuses? E exaltaram essas imagens os poetas, os pintores e os artesãos; de fato, não seria fácil manter, na imitação de outras formas, deuses que se movimentam e fazem alguma coisa. Essa opinião também surgiu talvez pelo fato de que ao homem nada pareça mais belo do que um homem. Mas tu, ó físico, não vês isto: quão branda medianeira e, por assim dizer, procuradora de si mesma é a natureza? Ou julgas haver na terra e no mar alguma besta que não se agrade precisamente com a besta de sua mesma espécie? Se isso não fosse assim, por que o touro não faria gestos de alegria pelo contato com a égua, e o cavalo, pelo contato com a vaca? Ou pensas que a águia ou o leão ou o golfinho prefeririam alguma figura à sua própria? Portanto, que há de extraordinário se por esta mesma maneira a natureza prescreveu ao homem que não julgasse nada mais belo que o homem? ...<sup>85</sup> seria esta a causa de que julguemos os deuses semelhantes aos homens?

78. “Que pensas se a razão estivesse nas bestas? Acaso cada uma não teria atribuído muitíssimo a sua própria espécie? XXVIII. Mas, por Hércules, de minha parte (darei, sim, como penso), embora eu próprio me ame, não ousou dizer, contudo, que sou mais belo que o famoso touro que transportou Europa; pois não se procura saber neste ponto sobre nossos talentos ou discursos, mas sobre a forma e a figura. Ou se quiséssemos forjar e unir formas a nós, como é pintado o famoso Tritão marinho, levado por monstros nadadores atados a seu corpo humano, não desejarias ser assim. Encontro-me numa situação difícil; pois há tão grande força na natureza que nenhum homem quer ser semelhante a não ser ao homem – e ainda a formiga, à formiga. 79. Mas, no entanto, a que homem? E quão poucos são belos! Quando eu estava em Atenas, com dificuldade se encontrava um só entre a multidão dos adolescentes – vejo por que riste, mas é assim que as coisas são. Depois, para nós, que, pela adesão aos antigos filósofos, nos deleitamos com os bem adolescentes, também suas imperfeições frequentemente são agradáveis. ‘Uma marca de nascimento num dedo de um menino agrada’ a Alceu; mas uma marca de nascimento é uma mancha no corpo; entretanto, isto lhe parecia um ornamento. Quinto Cátulo, pai deste nosso colega e amigo, amou teu concidadão Róscio, a quem é também dirigido este epigrama dele:

Parara por acaso saudando a Aurora que surgia,

---

<sup>85</sup> Há uma lacuna aqui.

quando subitamente da esquerda Róscio surge.

Com a vossa paz, celestes, seja-me lícito dizer:

um mortal pareceu ser mais belo que um deus.

A ele pareceu mais belo que um deus; e era, assim como é hoje, com olhos estrábicos: que importa, se isto mesmo lhe parecia agradável e encantador?

**80.** “Volto aos deuses. **XXIX.** Pensamos por acaso que uns, se não são propriamente estrábicos, sejam, pelo menos, um pouquinho vesgos, que outros tenham uma mancha de nascimento, que outros sejam de nariz achatado, orelhudos, testudos e cabeçudos, defeitos esses que estão em nós? Ou tudo isso foi corrigido neles? Acaso há também uma única face para todos? Pois, se há muitas, é necessário que uma seja mais bela que outra: logo, há algum deus que não é o mais belo. Se há uma só face para todos, é forçoso que a Academia brilhe no céu: pois, se nada difere entre um deus e outro, não há nenhum conhecimento e nenhuma compreensão entre eles.

**81.** “E se também, ó Veleio, for inteiramente falso isto: nenhuma outra forma que não a do homem apresentar-se a nós quando pensamos acerca do deus? Sustentas, contudo, essa afirmação tão absurda? Talvez nos suceda assim como dizes; pois, desde a infância, conhecemos Júpiter, Juno, Minerva, Netuno, Vulcano, Apolo e os demais deuses com aquela face com que os pintores e escultores quiseram, e não só com a face, mas também com seus aparatos, idade e vestimenta. Mas não os conhecem os egípcios, nem os sírios, nem quase toda nação bárbara; pois se vê que entre eles são mais firmes as opiniões a respeito de algumas bestas do que entre nós a respeito dos santíssimos templos e imagens de deuses. **82.** E, de fato, vemos numerosos templos roubados pelos nossos concidadãos e imagens de deuses levadas de lugares santíssimos, mas seguramente nem mesmo por boato se ouviu dizer que um crocodilo ou uma íbis ou um gato foram tratados com violência por um egípcio. Que pensas, então? Ápis, aquele sagrado boi dos egípcios, por acaso não lhes parece um deus? Por Hércules, tanto quanto a ti parece aquela vossa Juno Salvadora. E a esta nunca vês nem mesmo em sonho a não ser com pele de cabra, com lança, com escudinho e com calçados de biqueiras para cima: mas não é desse tipo a Juno grega nem a romana. Portanto, um é o aspecto de Juno para os gregos, outro para os Lanuvianos e outro para nós. E, certamente, para nós um é o de Júpiter Capitolino, para os Africanos, é outro o de Júpiter Ámon. **XXX.** **83.** Não é vergonhoso, então,

que um físico, isto é, o observador e investigador da natureza, peça a espíritos imbuídos de preconceito o testemunho da verdade? Dessa maneira, é certo, será permitido dizer que Júpiter sempre é barbado e Apolo sempre imberbe, que verdes são os olhos de Minerva e azuis os de Netuno. E ainda elogiamos em Atenas aquele Vulcano que Alcámenes esculpiu, em que, estando de pé e vestido, é ligeiramente visível um manquejar não disforme. Coxo, então, consideraremos um deus, porque assim aprendemos a respeito de Vulcano. Agora, também fazemos que os deuses existam por meio destas palavras com as quais são chamados por nós? 84. Mas, primeiramente, quantos os idiomas dos homens, tantos os nomes dos deuses. Pois, não do mesmo modo que tu és Veleio para onde quer que tenhas ido, assim também Vulcano não é o mesmo na Itália, nem na África, nem na Espanha. Depois, não é grande o número de nomes nem mesmo em nossos livros pontifícios, ao passo que é inumerável o de deuses. Ou são eles sem nomes? Certamente, é necessário para vós afirmar isso dessa maneira; pois, para que haver mais nomes, quando uma só é a face? Quão bom seria, ó Veleio, antes confessar ignorar o que ignoravas, que, tagarelando futilidades, aborrecer-te e sozinho desagradar-te contigo mesmo. Ou julgas que o deus seja semelhante a mim ou a ti? Seguramente não.

“E então? Direi ser deus o sol ou a lua ou o céu? Portanto, também felizes; mas gozando de que prazeres? E sábios; como poderia haver sabedoria em tal origem? Esses são os vossos argumentos. 85. Se, então, o deus não é nem de aspecto humano, o que já mostrei, nem de algum deste gênero, visto que assim estás convencido, por que vacilas em negar que os deuses existem? Não ousas. Isso sem dúvida sabiamente, se bem que, nessa questão, não é ao povo que temes, mas aos próprios deuses: pessoalmente conheço epicuristas que reverenciam todas as estatuetas, não obstante vejo que alguns acreditam que Epicuro, para não se expor à hostilidade dos Atenienses, nas palavras, manteve os deuses; na realidade, suprimiu-os. E, assim, dentre aquelas suas sentenças breves e escolhidas, que chamais *kyriai dóxai*,<sup>86</sup> esta, julgo, é a primeira: ‘O que é feliz e imortal não tem perturbação, nem a causa a ninguém’. XXXI. E nessa sentença assim formulada há quem pense que, o que ele teria feito por incapacidade de dizer claramente, o fez de propósito; mal

---

<sup>86</sup> Isto é, *as primeiras opiniões*.

mostam estima por um homem minimamente sagaz. **86.** Pois é incerto se ele diz que existe alguma coisa feliz e imortal ou, se existe alguma coisa, esta seja de tal natureza. Não reparam que aqui falou de maneira ambígua, mas que, em muitos outros lugares, tanto ele como Metrodoro falaram tão claramente quanto tu um pouco antes. Ele em verdade julga que há deuses, e não vi ninguém que mais temesse aquilo que negava que devia ser temido, digo a morte e os deuses; proclama que as mentes de todos os mortais são amedrontadas por aquilo com que os homens mediocres não são influenciados tão fortemente. Milhares de homens cometem roubos violentos sob morte iminente, outros pilham todos os templos que podem: suponho que ou àqueles assusta o temor da morte ou a estes o da religião!

**87.** “Mas, já que não ousas dizer que os deuses não existem (agora sim falarei com o próprio Epicuro), que é que te impede de colocar no número deles ou o sol ou o mundo ou uma mente sempiterna? ‘Nunca vi,’ diz ele, ‘uma alma partícipe de razão e ação deliberada em nenhuma figura a não ser na humana.’ E quê? Acaso viste um símile do sol ou da lua ou dos cinco astros errantes? O sol, fixando seu movimento em dois pontos extremos de uma só órbita, completa seus cursos anuais; a lua, iluminada pelos raios do mesmo, completa esse percurso dele no espaço de um mês; e as cinco estrelas, percorrendo a mesma órbita, umas mais perto da terra, outras mais longe, a partir dos mesmos pontos iniciais transcorrem em tempos desiguais os mesmos espaços. **88.** Acaso viste, ó Epicuro, um tal fenômeno? Que não exista, portanto, nem o sol, nem a lua, nem as estrelas, visto que nada pode existir a não ser aquilo que temos tocado ou visto. E quê? O próprio deus, por acaso o viste? Por que, então, acreditas que ele exista? Portanto, acabemos com tudo aquilo que a história ou uma nova explicação colocam diante de nós. Dessa maneira se dá que os habitantes do interior do continente não acreditam que exista o mar. Como é possível tanta pequenez de espírito? Por exemplo, se tivesses nascido em Serifo e jamais saído dessa ilha em que freqüentemente tinhas visto lebrezinhas e raposinhas, não acreditarias na existência de leões e panteras, ainda que te dissessem como eles são, e se alguém falasse a respeito do elefante, bem mais pensarias que estaria rindo de ti.

**89.** “O certo é que tu, ó Veleio, não segundo vosso costume, mas com os princípios da dialética, que a vossa gente não conhece a fundo, deste em conclusão a idéia do argumento. Colocaste como premissa que os deuses são felizes: concedemos. Mas ninguém pode ser feliz sem virtude. **XXXII.** Isso também concedemos e de bom

grado certamente. Mas, que a virtude não possa subsistir sem a razão, nisso também é preciso que se esteja de acordo. Acrescentas que a razão não pode estar senão na figura do homem: quem julgas que iria concordar nisto contigo? Pois, se fosse assim, que necessidade haveria de gradativamente chegares a isto? Deverias tê-lo colocado como premissa usando de teu direito. E de que maneira se dá o gradativamente a isto? Pois vejo que passas por gradação das coisas felizes à virtude e da virtude à razão: de que maneira vais da razão à figura humana? É certamente um descambar a isto, não um passar.

**90.** “E não compreendo em verdade por que Epicuro teria preferido dizer que os deuses são semelhantes aos homens e não os homens aos deuses. Perguntarás que diferença faz; pois, se isto é semelhante àquilo, aquilo seria a isto. Percebo, mas quero dizer isto: que não veio dos homens para os deuses o aspecto de sua forma; pois os deuses sempre existiram, nunca nasceram, já que estão destinados a serem eternos; ao passo que os homens nasceram; portanto, a forma humana existiu anteriormente aos homens e os deuses imortais eram desta mesma forma. Então, não deve ser dita humana a forma deles, mas divina a nossa.

“Mas que seja sim isto, como desejaríeis; procuro saber qual teria sido tão feliz acaso (pois afirmais que nada na natureza das coisas tenha sido feito com desígnio) – **91.** mas, entretanto, qual seria essa tão favorável circunstância, de onde veio um tão feliz aglomerado de átomos, para que de repente os homens nascessem sob a forma dos deuses? Pensamos que as sementes deles caíram do céu sobre a terra e assim os homens nasceram semelhantes a seus pais? Gostaria eu que o dissésseis; admitiria de bom grado o parentesco com os deuses. Nada disso dizeis, mas que por acidente aconteceu que fôssemos semelhantes a eles.

“E agora deve-se procurar os argumentos com os quais se refuta isso? Oxalá pudesse encontrar o verdadeiro tão facilmente quanto denunciar o falso. **XXXIII.** E de fato passaste em revista com boa memória e abundantemente, de modo que muito me agradava observar maravilhado haver tanta ciência num homem romano, as opiniões dos filósofos a respeito da natureza dos deuses desde Tales de Mileto. **92.** Pareceram-te delirar todos aqueles que julgaram que um deus podia existir sem mãos e pés? Nem mesmo isto vos sensibiliza quando considerais qual seria a utilidade e qual a feliz disposição dos membros no homem para que penseis que os deuses não necessitam de membros humanos? Pois que necessidade haveria de pés sem o andar,

que necessidade de mãos, se nada deve ser pego, que necessidade do resto da distribuição harmoniosa de todas as partes do corpo, em que não há nada vazio, nada sem um motivo, nada é supérfluo, de modo que nenhuma arte é capaz de imitar a engenhosidade da natureza? O deus, então, terá língua e não falará, terá dentes, céu da boca e garganta para nenhum uso; e em vão o deus possuirá aquilo que a natureza deu ao corpo em vista da procriação; nem terá órgãos externos mais que internos, como coração, pulmões, fígado e os demais, os quais, à parte sua utilidade, que beleza possuem? – pois que sustentais que esses órgãos estão no deus por causa da beleza.

93. “Confiantes nesses sonhos, não só Epicuro, Metrodoro e Hermarco falaram contra Pitágoras, Platão e Empédocles, mas até a meretriz Leôncio ousou escrever contra Teofrasto – é certo que ela escreveu em estilo refinado e clássico, mas, entretanto, como meretriz: tanta libertinagem ocasionou o jardim de Epicuro! E tendes o costume de fazer queixas; Zenão ainda também provocava disputas; que direi de Albúcio? Por exemplo, ninguém é mais refinado que Fedro, ninguém é mais instruído, mas o velho se irritava se eu dizia algo um pouco asperamente, enquanto que Epicuro atacou Aristóteles de maneira muito ultrajante; falou mal do Fédon socrático de forma muito feia; a Timócrates, irmão de Metrodoro, seu amigo, porque em filosofia opinava diferentemente sobre não sei o quê, humilhou-o com volumes inteiros; foi ingrato com o próprio Demócrito a quem seguiu; e a Nausifanes, seu mestre, de quem aprendera alguma coisa, tratou-o com o maior desdém. XXXIV. E Zenão dilacerava com injúrias não só os que então havia, Apolodoro, Silo e os demais, mas, utilizando-se de uma expressão latina, dizia que o próprio Sócrates, o pai da filosofia, foi um bufão ático, e a Crisipo nunca chamava a não ser de Crisipa.

94. Tu próprio, um pouco antes, quando elencavas de memória, por assim dizer, o senado dos filósofos, dizias que os mais importantes homens não eram sábios, deliravam e estavam loucos. Se nenhum desses viu a verdade a respeito da natureza dos deuses, deve-se temer que não exista absolutamente nenhuma.

“Pois isso que vós dizeis é tudo invenção apenas digna da elucubração de velhotas. Com efeito, não percebeis quão numerosas coisas devem ser admitidas por vós, se obtiverdes que concedamos ser a mesma a figura dos homens e a dos deuses. Todo cuidado e preocupação com o corpo que se relacionam com o homem serão os mesmos que se relacionam com o deus, o caminhar, o correr, o deitar-se, o abaixar-se, o assentar-se, o pegar com a mão e, por último, também a linguagem e a conversação.

95. Pois, quanto ao fato de afirmardes que há deuses machos e fêmeas, vedes o que se seguiria daí. Em verdade, não sou capaz de perguntar com suficiente admiração de onde é que vosso famoso chefe teria chegado a essas opiniões. Mas não cessais de proclamar que se deve manter isto: o deus, que ele é feliz e imortal. E o que se opõe a que seja feliz se não for bípede? Ou esta que se deva dizer seja bem-aventurança ou beatitude<sup>87</sup> (ambos os termos, na verdade, são duros, mas com o uso devemos amaciá-los) – essa, porém, qualquer que seja, por que não pode ser condizente com ou aquele sol ou este mundo ou alguma mente eterna desprovida da figura e dos membros do corpo? 96. Não dizes outra coisa senão: ‘nunca vi um sol feliz ou um mundo feliz.’ Quê? Viste alguma vez um mundo além deste? Negarás. Por que, então, ousaste afirmar haver não seiscentos<sup>88</sup> mundos, mas inumeráveis milhares? ‘A razão ensinou.’ Já que se procura uma natureza muito superior e ela mesma feliz e eterna, a qual unicamente é uma natureza divina, a razão, então, não te ensinará isto: que, do mesmo modo que somos superados em imortalidade por aquela natureza, assim também somos superados em excelência do espírito, e assim como na excelência do espírito, igualmente na do corpo? Por que, então, embora sendo inferiores nas demais coisas, somos parecidos na forma? De fato, à semelhança com os deuses aproximar-se-ia mais a virtude humana que a figura. XXXV. 97. [Acaso pode-se dizer algo tão pueril (para insistir um pouco mais no mesmo assunto) quanto se disséssemos que não existe nenhum daqueles tipos de bestas que são gerados no mar Vermelho ou na Índia? Todavia, nem mesmo os homens mais ávidos de saber podem pesquisando conhecer por ouvir dizer o tão grande número de seres que aos milhares existem na terra, no mar, nos lagos e nos rios; e dizemos que eles não existem só porque nunca os vimos!]

“Em verdade, quão pouco concerne ao assunto a própria semelhança que maximamente vos deleita! E quê? Acaso o cão não é semelhante ao lobo? – E, como Ênio,

o macaco, besta muito feia, quão semelhante a nós! –

mas os costumes são diferentes em um e outro. Nenhuma das bestas é mais prudente que o elefante: mas qual seria maior na figura? 98. Estou falando a respeito das

<sup>87</sup> “Bem-aventurança” e “beatitude” tentam reproduzir *beatitas* e *beatitudo* do latim, ambas com o sentido de *felicidade*.

<sup>88</sup> Os latinos entendiam o “seiscentos” (*sescenti, ae, a*) como expressão de uma quantidade muito grande.

bestas: mas, entre os próprios homens, por acaso não há costumes diferentes em formas humanas muito semelhantes, do mesmo modo que figura humana dessemelhante com costumes muito semelhantes? De fato, se uma só vez, ó Veleio, admitirmos este tipo de argumento, nota aonde se vai sorratamente. Assumias, com efeito, que a razão não pode estar senão na figura do homem; um outro assumirá que a razão não pode estar senão num ser terrestre, senão naquilo que tenha nascido, senão naquilo que tenha crescido, senão naquilo que tenha se instruído, senão naquilo que seja composto de um espírito e de um corpo percível e fraco, por fim, senão num homem e, além disso, mortal. Porém, se te opões em todas essas coisas, por que é que uma só forma te perturbaria? De fato, com todas estas coisas que apresentei verias que há no homem uma razão e uma mente; as quais coisas retiradas, afirmas, no entanto, que concebes o deus, visto que permanecem os contornos. Isso não é examinar atentamente, mas, por assim dizer, tirar na sorte o que se poderia falar. 99. A não ser que talvez não repares nem mesmo nisto: que é prejudicial, não só num homem mas também numa árvore, tudo aquilo que seja supérfluo ou que não tenha um uso. Quão incômodo seria ter um dedo a mais! Como assim? Porque os cinco dedos não requerem um outro nem para a beleza nem para o uso. Mas o teu deus tem de supérfluo não um único dedo, mas a cabeça, o pescoço, a nuca, os flancos, o ventre, as costas, as dobras das pernas, as mãos, os pés, as coxas e as pernas. Se assim para que seja imortal, em que esses membros dizem respeito à vida? Em que precisamente o aspecto? Mais dizem respeito estes: o cérebro, o coração, os pulmões e o fígado, pois esses são a sede da vida; o aspecto do rosto certamente em nada diz respeito à força da vida.

**XXXVL 100.** “E censuravas aqueles que, fundamentados em obras grandiosas e notáveis, tendo visto o próprio mundo, seus membros, céu, terras e mares, e os adornos deles, sol, lua e estrelas, e tendo conhecido as vindas regulares, as mudanças e as sucessões das estações, teriam suspeitado haver alguma natureza superior e eminente que teria produzido, moveria, guiaria e governaria essas coisas. E mesmo que esses se percam em conjeturas, percebo, contudo, o que procuram atingir; no final das contas, que trabalho enorme e eminente conheces que pareça realização de uma mente divina, a partir do qual seja possível supor que existam deuses? ‘Temos,’ dizes, ‘uma concepção do deus ínsita no espírito.’ E ainda a concepção de Júpiter barbado e de Minerva com capacete: acaso, então, julgas que sejam assim? 101.

Quanto melhor em relação a isso a multidão dos ignorantes, os quais atribuem ao deus não só os membros do homem, mas ainda o uso dos membros. Pois dão a ele arco, flechas, lança, escudo, tridente e raio, e se não vêem as ações que sejam próprias dos deuses, não são capazes de pensar, no entanto, um deus que não faz nada. Os próprios Egípcios, que são ridicularizados, não imortalizaram nenhuma besta senão por causa de alguma utilidade que recebiam dela; por exemplo, os íbis comem uma grande quantidade de serpentes, já que são aves grandes, com pernas rijas e um bico córneo e alongado; afastam do Egito a calamidade quando matam e consomem as cobras aladas vindas do deserto da Líbia conduzidas pelo vento sudeste; daí sucede que vivas não prejudicam nem pela mordida, mortas nem pelo cheiro. Eu poderia falar da utilidade do rato egípcio, da dos crocodilos e dos gatos, mas não quero me estender muito. Concluirei assim: que, embora as bestas sejam imortalizadas pelos bárbaros por causa de um benefício, dos vossos deuses não só não aparece nenhum benefício, mas nem mesmo nenhuma obra absolutamente. **102.** ‘Não tem,’ diz ele, ‘nenhuma ocupação’. Certamente Epicuro, como os meninos delicados, julga que nada é melhor que o repouso. **XXXVI.** E, contudo, mesmo os meninos, quando estão sem fazer nada, também se comprazem com alguma brincadeira: queremos que o deus assim ocioso se entorpeça com o repouso a ponto de, se ele se mexer, temermos que não possa ser feliz? Essa maneira de falar não só despoja os deuses de movimento e ação divina, mas também torna inativos os homens, pois que, fazendo alguma coisa, nem mesmo um deus poderia ser feliz.

**103.** “Mas, como sustentais, concedo que o deus seja figura e imagem do homem: qual é a habitação dele, qual a residência, qual o lugar e, depois, qual a sua atividade? Por quais coisas, o que afirmais, ele é feliz? É preciso, de fato, que se sirva e desfrute de seus bens aquele que está destinado a ser feliz. Pois, em verdade, cada ser, mesmo aquelas naturezas sem alma, tem o seu próprio lugar; por exemplo, a terra ocupa o ponto mais baixo e a água a submerge, ao ar é a região superior e aos fogos etéreos se assinala a extremidade mais alta. E, dentre as bestas, umas são terrestres, outras aquáticas e outras, por assim dizer, são anfíbios que vivem em ambos os lugares; há também algumas que se supõe nascerem do fogo e se mostram freqüentemente esvoaçando nos fornos ardentes. **104.** Quero saber, então, primeiramente, onde habita o vosso deus, depois, que causa o move de seu lugar, se, pelo menos, move-se alguma vez; segundo, visto que o próprio dos seres animados é

que desejem o conveniente à sua natureza, que é que o deus deseja, para que escopo, enfim, faz uso do movimento da mente e da razão e, por último, de que maneira é feliz e de que maneira é eterno. De fato, qualquer uma dessas questões que tiveres abordado é um tormento: não pode encontrar saída um raciocínio assim mal estabelecido. **105.** Falavas, com efeito, deste modo: que a forma do deus é percebida pelo pensamento e não pelos sentidos; que nela não há nenhuma solidez; que não permanece a mesma numericamente; que é tal a visão que se tem dele que é discernida por semelhança e sucessão; que jamais falta-lhe a partir dos corpos infinitos uma vinda de imagens semelhantes e segue-se daí que nossa mente, atenta a isso, pense aquela natureza como feliz e sempiterna. **XXXVIII.** Pelos próprios deuses, dos quais estamos falando, enfim que tipo de raciocínio é esse? Pois, se eles apenas em pensamento têm uma significação e não possuem nenhuma solidez e nenhuma saliência, que importa se pensemos num hipocentauro ou num deus? Pois os demais filósofos chamam de movimento irreal a toda semelhante consideração do espírito, ao passo que vós dizeis chegada e entrada de imagens nos espíritos. **106.** Assim, por exemplo, quando pareço ver Tibério Graco no Capitólio carregando uma urna e discursando a respeito de Marco Otávio, então digo que aquele movimento do espírito é irreal, ao passo que tu afirmas que as imagens de Graco e de Otávio subsistem, as quais, quando eu tiver vindo ao Capitólio, seriam então reconduzidas ao meu espírito: e dizes que isso mesmo acontece em relação ao deus, com cuja imagem freqüente os espíritos são agitados e disso é que se compreende que eles são felizes e eternos. **107.** Supõe que existam as imagens pelas quais os espíritos são percutidos: algum aspecto pelo menos se apresenta a nós – acaso ditas também por que ela seria feliz, por que eterna?

“E quais são essas vossas imagens e de onde vêm? Absolutamente esta é uma arbitrariedade procedente de Demócrito; mas também ele foi censurado por muitos, nem vós encontráis uma solução e o sistema todo vacila e cambaleia. Pois, que é que menos poderia ser crível do que se apresentarem ao todo em mim as imagens de Homero, de Arquíloco, de Rômulo, de Numa, de Pitágoras e de Platão – muito menos sob aquela forma em que existiram? De que modo elas existem então e de quem são imagens? Aristóteles ensina que o poeta Orfeu nunca existiu e se afirma que este canto órfico foi de um certo pitagórico, Cércope; mas Orfeu, isto é, a imagem dele, como opinais, freqüentemente se apresenta ao meu espírito. **108.** Que dizer ainda

deste fato: de um mesmo homem apresentarem-se ao meu espírito umas imagens e ao teu outras? Que dizer da ocorrência de imagens daquelas coisas que nunca existiram por completo, nem poderiam existir, como as Cilas e as Quimeras? Que dizer das imagens de homens, de lugares e daquelas cidades que nunca vimos? E do fato de, tão logo me agrada, estar presente em mim uma imagem? E do fato de chegarem imagens não chamadas mesmo a quem está dormindo? A tua teoria inteira, ó Veleio, é sem valor. Mas vós fazeis penetrar as imagens não só nos olhos, mas também nos espíritos: tão grande é a impunidade da vossa tagarelarice. **XXXIX. 109.** E quão caprichosamente! ‘Uma passagem de imagens que fluem em tão grande número que de muitas uma só seja vista.’ Envergonhar-me-ia dizer não compreender, se vós próprios, que a sustentais, a compreendeis. De que modo, efetivamente, provas que as imagens se movem sem interrupção ou, se ininterruptamente se movem, de que modo são eternas? ‘Basta,’ dizes, ‘a inumerabilidade dos átomos.’ Acaso, então, essa mesma fará com que tudo seja sempiterno? Recorres à exata proporção das partes (pois, se te apraz, assim chamemos *isonomia*) e afirmas que, existindo uma natureza mortal, é preciso também que exista uma imortal. Dessa maneira, já que existem homens mortais, existiriam alguns imortais e já que alguns nascem na terra, alguns nasceriam na água. ‘E porque há forças que destroem, há forças que conservam.’ Que existam realmente, mas que conservem as coisas que já existem: não penso que os deuses estejam entre estas. **110.** Entretanto, como nasce toda essa representação das coisas a partir dos átomos? E mesmo que eles existissem, mas não existem, provavelmente poderiam impulsionar-se por si próprios e agitar-se entre si por meio do embate, mas não poderiam dar forma, figura, cor e vida. Portanto, de nenhum modo tornais o deus imortal.

**XL.** ‘Vejam, agora, a respeito da felicidade. Certamente de nenhuma maneira ela existe sem a virtude;<sup>89</sup> mas a virtude é cheia de ação e o vosso deus nada faz; portanto, é desprovido de virtude; assim, nem mesmo é feliz. **111.** Que vida é a dele então? ‘É uma abundância de bens,’ dizes, ‘sem nenhuma intervenção de males.’ De que bens, enfim? Acredito que dos prazeres evidentemente relativos ao corpo: pois não conheceis nenhum prazer do espírito, senão o que se deriva do corpo e que

---

<sup>89</sup> Não se trata aqui da virtude no sentido cristão, mas de um conceito que engloba a idéia de força, potência ativa, valor, energia física e moral. Na obra inteira, sempre é esse o sentido de virtude. No original, *virtus*.

volta ao corpo. Não penso, ó Veleio, que queiras ser semelhante aos outros epicuristas que se envergonham de algumas sentenças de Epicuro, nas quais afirma nem sequer compreender algum bem que seja separado de prazeres voluptuosos e obscenos, os quais, sinceramente sem ficar vermelho, enumera a todos pelo nome. 112. Então, que alimentos, que bebidas, quais as variedades de cantos e de formosuras, que aptidões táteis e que cheiros relacionas aos deuses para que os enchas de prazeres? Além disso, os poetas fazem que tenham o néctar, a ambrósia, os alimentos e a deusa Juventude ou Ganimedes servindo as taças, ao passo que tu, Epicuro, que farás? Pois não imagino nem de onde é que teu deus possa ter essas coisas nem de que modo possa usá-las. Por conseqüência, a natureza dos homens é mais apropriada que a dos deuses para viver de maneira feliz, porque desfruta de mais tipos de prazeres. 113. Mas consideras frívolos aqueles prazeres com os quais, por assim dizer (e esta palavra é de Epicuro), uma cócega se aplica sobre os sentidos. Até quando brincas? Pois também nosso Filo não podia suportar que os epicuristas rejeitassem os prazeres obscenos e voluptuosos; de fato, com prodigiosa memória dizia em público numerosas sentenças de Epicuro com as próprias palavras com que foram escritas; mesmo de Metrodoro, que é colega de Epicuro em sabedoria, recitava numerosas frases um tanto impudentes: de fato, Metrodoro acusa seu irmão Timócrates de hesitar em medir com o ventre tudo o que se relaciona com a vida feliz, e isso ele diz não uma só vez, mas muitas. Reparo que concordas, pois te são coisas conhecidas; eu poderia apresentar os livros, se dissesses que não. Nem agora censuro a afirmação de que tudo estaria relacionado ao prazer (esta é uma outra questão), mas faço ver que os vossos deuses são desprovidos de prazer e, assim, segundo vossa opinião, tampouco felizes. **XLL 114.** ‘Pelo menos, são livres de dor.’ Isso basta para aquela vida felicíssima superabundante em bens? ‘O deus,’ dizem, ‘pensa que é ininterruptamente feliz; pois não tem nada alheio para pensar na mente.’ Concebe, então, no espírito e põe diante dos olhos um deus em toda a eternidade pensando ‘Eu estou bem’ e ‘Eu sou feliz.’ E, todavia, não imagino como esse deus feliz não tenha medo de morrer, dado que incessantemente é tocado e agitado pelo sempiterno embate dos átomos e dado que dele próprio sempre afluem imagens. Assim, nem feliz é o vosso deus, nem eterno.

115. “ ‘Epicuro, entretanto, escreveu livros também a respeito da santidade e da piedade em relação aos deuses.’ De que maneira, porém, fala neles? De modo tal

que dirias estar ouvindo os grandes pontífices Coruncânio e Cévola, não aquele que suprimiu radicalmente toda prática religiosa, e não com mão armada, como Xerxes, mas com argumentações aniquilou os templos e os altares dos deuses imortais. Que motivo há, de fato, para dizer que os deuses devem ser honrados pelos homens, quando eles próprios não só não respeitam os homens, mas de nada absolutamente se ocupam e nada fazem? **116.** ‘Mas é peculiar a eles certa natureza exímia e superior, de modo que ela própria por si mesma deva atrair a si o sábio para venerá-la.’ Poderia haver algo exímio nessa natureza que, alegre com seu próprio prazer, nunca iria fazer nada, nem faz e tampouco fez? Além disso, que piedade seria devida a ela, de quem nada se recebeu? Ou que poderia ser devido a ela, da qual absolutamente não há nenhum benefício? E a piedade é o cumprimento dos deveres para com os deuses; e que obrigação temos nós com eles, dado que o homem não tem nada em comum com o deus? A santidade é a ciência da honra aos deuses; mas não compreendo por que motivo eles deveriam ser honrados, visto que nenhum bem foi recebido deles, nem esperado. **XLII. 117.** E por que é que veneramos os deuses por causa da admiração daquela natureza em que nada há de egrégio?

‘Pois é fácil libertar-se da superstição, do que costumais vos gloriar, quando se tem suprimido toda influência dos deuses; a menos que acaso penses que Diágoras e Teodoro, que negaram por completo a existência dos deuses, puderam ser supersticiosos; de minha parte, tampouco julgo supersticioso Protágoras, a quem nem uma nem outra opinião foi clara, nem que os deuses existiam nem que não existiam. De fato, as sentenças de todos esses não só acabam com a superstição em que reside o temor vazio aos deuses, mas também com a religião que se sustenta no pio culto a eles. **118.** E quê? Os que disseram que toda opinião acerca dos deuses imortais foi inventada por homens sábios em vista da república, para que a religião conduzisse ao dever os que a razão não poderia, acaso não suprimiram radicalmente toda religião? E quê? Pródico de Céu, que afirmou dever ser contado no número dos deuses o que é útil à vida dos homens, qual religião, enfim, ele manteve? **119.** E quê? Os que contam que homens corajosos ou ilustres ou poderosos chegam ao estado de deuses após a morte e que eles são os mesmos que, de nossa parte, costumamos honrar, suplicar e venerar, acaso não são privados de toda religião? Essa doutrina foi exposta essencialmente por Evêmero, a quem nosso Ênio traduziu e seguiu mais que os outros; e as mortes e as sepulturas dos deuses são descritas por Evêmero; este, então,

parece ter fortalecido ou interiormente destruído a religião inteira? Omito aquela sagrada e majestosa Elêusis,

onde se iniciam pessoas dos mais longínquos lugares da terra,

passo em silêncio Samotrácia e os ritos que em Lemno

ocultos por acesso noturno se celebram

freqüentes em sebes silvestres,

e se esses ritos são explicados e reconduzidos à razão, conhece-se mais a natureza das coisas que a dos deuses.

**XLIII. 120.** “A mim, é certo, também Demócrito, um grande homem sobretudo, com cujas fontes Epicuro regou seus jardinzinhos, parece hesitar quanto à natureza dos deuses. Pois ora pensa que as imagens, dotadas de divindade, estão contidas na totalidade das coisas, ora diz que são deuses os princípios da mente que estariam no mesmo universo, ora as imagens vivas que costumam nos ser úteis ou nos prejudicar, ora certas imagens gigantescas e tão grandes que abraçam por fora o mundo inteiro. E tudo isso é mais digno da pátria de Demócrito do que de Demócrito; **121.** de fato, quem poderia compreender com o espírito essas imagens, quem as admiraria, quem as julgaria dignas de culto ou da religião?

“Epicuro, em verdade, radicalmente retirou a religião dos espíritos dos homens quando suprimiu aos deuses imortais a faculdade de ajudar e a de beneficiar. Pois diz que a natureza do deus é perfeita e muito superior, e ele mesmo nega que haja no deus a faculdade de beneficiar: acabou com aquilo que maximamente é próprio de uma natureza perfeita e muito superior. De fato, que há de melhor ou de mais superior que a bondade e a beneficência? Quando afirmais que o deus carece dela, afirmais que ninguém, nem deus nem homem, é caro ao deus, que ninguém é amado e estimado por ele. Assim acontece que não só os deuses não se importam com os homens, mas os próprios deuses entre si não se importam uns com os outros. **XLIV.** Quanto melhor os Estóicos, que são censurados por vós: eles pensam que os sábios são amigos de sábios mesmo que desconhecidos; pois nada é mais digno de amor do que a virtude, e quem a tiver adquirido é estimado por nós em toda parte do mundo em que estiver. **122.** Mas vós, que dano causais quando fazeis consistir a beneficência e a benevolência na fraqueza!<sup>90</sup> De fato, deixando de lado a essência e a

<sup>90</sup> “Fraqueza” indica aqui, de maneira geral, uma falta de caráter ou de coragem. Está traduzindo *imbecillitas*.

natureza dos deuses, não pensais que nem mesmo os homens, a não ser que sejam fracos, haverão de ser beneficentes e foram benignos? Não existe um amor natural entre os bons? A própria palavra ‘amor’ é estimada, da qual se derivou o nome ‘amizade;’ e se a referirmos à nossa vantagem e não ao proveito daquele que amamos, não existirá essa amizade, mas um tipo de compra das utilidades dele. As campinas, os campos e os rebanhos de animais são amados dessa maneira, porque deles se obtém proveito, mas o amor e a amizade dos homens são gratuitos; portanto, quanto mais os dos deuses, que, não carecendo de nada, amam-se entre si e cuidam dos homens. Se isso não for assim, por que veneramos e suplicamos aos deuses, por que os pontífices presidem aos atos religiosos e os áugures aos auspícios, por que pedimos benefícios aos deuses imortais e a eles fazemos votos? ‘Mas há também um livro de Epicuro a respeito da santidade.’ 123. Somos divertidos por um homem não tanto engraçado quanto livre no tocante à liberdade de escrever o que quiser. Pois que santidade poderia existir, se os deuses não se ocupam da sorte humana, que natureza animada poderia existir não se ocupando de nada?

“Mais verdadeiro, então, certamente é aquilo que Possidônio, conhecido de todos nós, expôs com argumentos no quinto livro do seu *Da Natureza dos Deuses*: que a Epicuro parece não existirem quaisquer deuses e o que ele tinha dito acerca dos deuses imortais dissera para afastar a hostilidade; de fato, não teria sido tão insensato a ponto de imaginar o deus semelhante ao homúnculo, a não ser nos contornos exteriores, mas sem uma conformação sólida, dotado de todos os membros do homem, mas com um uso nem mesmo mínimo desses membros, um ser débil e transparente, nada dando a ninguém, nada favorecendo, com nada absolutamente se preocupando e nada fazendo. Primeiro, não é possível existir nenhuma natureza assim e Epicuro, percebendo isso, suprimiu os deuses em realidade, mas os conservou em palavras; 124. depois, se o deus é essencialmente tal que não esteja ligado aos homens por nenhuma ajuda e por nenhum amor, passe bem – por que, por exemplo, eu diria ‘seja propício’? Não pode, de fato, ser propício a ninguém, já que, como dizeis, toda ajuda e todo amor se baseiam na fraqueza.”

## Segundo Livro

I. 1. Depois que Cota disse essas coisas, Veleio, então: “Quanto a mim,” diz ele, “certamente devo ser incauto para ter tentado um debate com um acadêmico que, além disso, é um orador. Pois nem teria assim temido um acadêmico não eloqüente, nem um orador sem essa filosofia, por mais eloqüente que fosse; com efeito, nem me assusto com um rio de palavras vazias, nem com a sutileza de pensamentos, se há aridez no estilo. Mas tu, Cota, demonstraste ser forte nas duas coisas; só te faltaram o público e os juizes. Mas tocarei nisso numa outra vez: agora, escutemos a Lucílio, se ele próprio está de acordo.”

2. Então, Lucílio Balbo: “Sem dúvida preferiria ouvir o mesmo Cota, contanto que apresente os verdadeiros deuses com a mesma eloqüência com que suprime os falsos. De fato, é próprio de um filósofo, de um pontífice e de Cota ter a respeito dos deuses imortais não uma opinião inconstante e vaga, como os acadêmicos, mas, como os nossos, uma firme e clara. Contra Epicuro certamente já se disse mais que suficientemente. Mas desejo ouvir o que tu próprio pensas, Cota.”

“Por acaso te esqueceste,” diz ele, “do que tinha dito no início: que com mais facilidade, principalmente sobre tais assuntos, sou capaz de dizer o que não penso do que o que penso? 3. Mesmo se eu tivesse algo que fosse claro, desejaria, contudo, ouvir-te por tua vez, dado que eu próprio já falei tanta coisa.”

Balbo, então: “Farei o que desejas; e tratarei do assunto o mais breve possível, pois, demonstrados os erros de Epicuro, longa é a exposição eliminada de minha discussão. Os nossos dividem essa questão a respeito dos deuses imortais em quatro partes ao todo: em primeiro lugar, ensinam que os deuses existem, em segundo, de que natureza são, em terceiro, que o mundo é dirigido por eles e, por fim, que se ocupam das coisas humanas. Mas nós, nesta exposição, escolhamos as que são as

duas primeiras; a terceira e a quarta, porque são mais importantes, penso que devam ser deixadas para um outro momento.”

“De maneira nenhuma,” diz Cota; “pois temos tempo livre e estamos nos ocupando daqueles assuntos que se devem preferir mesmo às atividades.”

**II. 4.** Então, Lucílio: “A primeira parte,” diz ele, “não parece nem mesmo necessitar de um discurso. De fato, que poderia ser tão manifesto e tão evidente, quando olhamos o céu e contemplamos as coisas celestes, quanto existir algum deus de mente muito superior pelo qual essas coisas são governadas? E se isso não fosse assim, como Ênio teria podido dizer com a aprovação de todos:

Contempla este ser elevado, brilhante, a quem todos invocam como Júpiter, e a esse não só como Júpiter, mas também como soberano do mundo e dirigente de tudo com seu aceno de cabeça, como disse o próprio Ênio:

pai dos deuses e dos homens,

um deus presente e poderosíssimo? E quem duvidar disso, realmente não entendo por que ele mesmo não poderia duvidar de que exista o sol ou não exista; **5.** afinal de contas, como isto seria mais evidente do que aquilo? E se não tivéssemos esse conhecimento arraigado no espírito, não persistiria uma opinião tão firme, nem se consolidaria com o decorrer de um longo tempo e tampouco teria podido estabelecer-se concomitantemente aos séculos e às gerações dos homens. Com efeito, vemos que as opiniões fictícias e sem fundamento desaparecem com o tempo. Pois quem pensa ter havido um hipocentauro ou uma quimera, ou que velha tão desarrazoada se poderia encontrar a ponto de temer aquelas monstruosidades que outrora se acreditava haver nos infernos? O tempo, de fato, acaba com as ficções da opinião, mas confirma os juízos vindos da natureza.

“Assim, em nosso povo e nos demais, o culto aos deuses e a santidade das práticas religiosas a cada dia que passa se mostram maiores e melhores; **6.** e isso acontece não às cegas e casualmente, mas porque os deuses, presentes, muitas vezes manifestam sua força, como junto do lago Regilo na guerra empreendida contra os Latinos: enquanto o ditador Aulo Postúmio travava combate contra Otávio Mamílio de Túsculo, em nosso exército Castor e Pólux foram vistos combater a cavalo e, em época mais recente, os mesmos Tindáridas anunciaram que Perseu fora derrotado. De fato, Públio Vatínio, avô deste rapaz de mesmo nome, à noite dois jovens em seus cavalos brancos tendo dito a ele, quando vinha da prefeitura de Reate para Roma, que

o rei Perseu fora feito prisioneiro naquele dia, como tivesse anunciado isso ao senado, primeiramente, sob a alegação de ter falado irrefletidamente da república, foi lançado no cárcere; em seguida, depois que se trouxe uma carta vinda de Paulo, como coincidia a mesma data, foi recompensado pelo senado com um campo e a isenção do serviço militar. E também, quando, junto do rio Sagra, os habitantes de Locros venceram por completo os de Crotona numa grandiosa batalha, naquele mesmo dia conta-se que se ouviu falar daquela batalha nos jogos olímpicos. Frequentemente as vozes dos faunos ouvidas com clareza, frequentemente as formas dos deuses vistas obrigaram qualquer um, desde que não obtuso ou ímpio, a confessar que os deuses estão presentes.

III. 7. “Por outro lado, as profecias e previsões de acontecimentos futuros, que outra coisa demonstram senão que esses fatos que estão por vir são revelados, mostrados, pressagiados e preditos aos homens? Daí serem chamados revelações, monstros,<sup>91</sup> presságios e prodígios. E se acreditarmos em coisas inventadas com a licença das fábulas, em Mopso, Tirésias, Anfiarao, Calchas e Heleno (os quais, entretanto, tampouco os próprios mitos teriam admitido como áugures se a realidade absolutamente recusasse), não reconheceremos como existente o poder das divindades intruídos com exemplos nem mesmo de nossa nação? Em nada nos sensibilizará a temeridade de Públio Cláudio durante a primeira guerra púnica? Ele, só por brincadeira rindo dos deuses, já que os frangos, livres da gaiola, não se alimentavam, ordenou que fossem atirados na água para que bebessem, dado que não queriam comer; e essa risada, quando sua frota foi vencida por completo, ocasionou muitas lágrimas a ele próprio e uma grande calamidade ao povo romano. Quê? Júnio, o colega dele, na mesma guerra, acaso não perdeu sua frota numa tempestade por não ter obedecido aos auspícios? Por conseqüência, Cláudio foi condenado pelo povo e Júnio optou pelo suicídio. 8. Célio conta que Caio Flaminio, porque não fez caso dos ritos sagrados, morreu junto do lago Trasimeno para grande aflição da república. Com a perda desses homens pode-se compreender que a república progrediu sob o comando daqueles que tinham obedecido às práticas religiosas. E se quisermos comparar nossos costumes com os dos povos estrangeiros, descobrir-nos-emos ou iguais ou mesmo inferiores nas demais coisas, mas em muito superiores na religião,

<sup>91</sup> Tanto *monstrari* (ser mostrado) como *monstrum* (monstro) derivam de *moneo*: “chamar a atenção para, advertir.”

isto é, no culto aos deuses. 9. Ou deve desprezar-se o famoso bastão augural de Ato Návio, com o qual demarcou as zonas da vinha para encontrar o porco? Eu acreditaria, se o rei Hostílio, sob augúrio dele, não tivesse feito as mais grandiosas guerras. Mas, por negligência da aristocracia, ao ter deixado de lado a formação nos conhecimentos augurais, a verdade dos auspícios foi menosprezada e se conservou apenas sua aparência; por conseqüência, os interesses mais importantes da república, dentre eles as guerras nas quais consiste sua conservação, não são dirigidos por nenhuns auspícios, não se observa nenhum presságio na travessia de rios, nenhum é tirado das pontas das lanças, nenhum quando os homens são convocados (e é por isso que, estando a tropa alinhada no campo de batalha, os testamentos se anulam, pois os nossos generais começam a guerrear no momento em que depuseram seus símbolos augurais de poder). 10. Por outro lado, entre os antepassados, foi tanta a força da religião que até mesmo certos comandantes, com a cabeça coberta e com determinadas palavras, se sacrificavam a si próprios aos deuses imortais em prol da república. Eu poderia mencionar muitas dentre as profecias sibílicas e muitas dentre as respostas dos arúspices pelas quais se confirmaria o que não deveria ser duvidoso para ninguém. IV. Ora, no consulado de Públio Cipião e de Caio Fígulo, o próprio acontecimento tornou crível a ciência dos nossos áugures e dos arúspices etruscos; como Tibério Graco, cônsul pela segunda vez, presidisse sua eleição,<sup>92</sup> o primeiro fiscal de votos, quando os notificou, no mesmo momento caiu morto de repente. Graco, como tivesse mantido os comícios até o fim assim mesmo e se dado conta de que este procedimento pareceu ao povo uma transgressão religiosa, submeteu isso ao senado. Este decidiu que se devia expô-lo ‘a quem era de costume.’ Introduzidos, os arúspices responderam que não fora justo o presidente dos comícios. 11. Então Graco, como eu costumava ouvir de meu pai, inflamado de ira: ‘Como assim? Injusto, eu, que, sendo cônsul e áugur, consultei o povo só depois de ter tomado os auspícios? Ou vós, etruscos e bárbaros, observais o direito augural do povo romano e podeis ser intérpretes dos comícios?’ E assim, naquele momento, ordenou que eles saíssem; mas, depois, de sua província enviou uma carta ao colégio dos áugures dizendo que, ao ler os livros, recordou-se de que irregularmente escolhera os jardins de Cipião

---

<sup>92</sup> De Cipião e de Fígulo.

como o lugar da tenda augural, porque, adentrando em seguida o pomério<sup>93</sup> para reunir o senado e, na volta, atravessando o mesmo pomério, tinha se esquecido de tomar os auspícios; desta maneira, os cônsules tinham sido eleitos irregularmente. Os áugures submetem o caso ao senado; este ordena que os cônsules abdicuem; abdicaram. Que exemplos maiores procuramos? Um homem sapientíssimo e talvez o melhor de todos preferiu confessar seu erro, que poderia ser escondido, a deixar que se juntasse à república uma mancha de impiedade; os cônsules preferiram depor imediatamente o sumo poder a mantê-lo mesmo durante um instante contrariamente à religião. **12.** Grande é a autoridade dos áugures; e quê? Acaso não é divina a arte dos arúspices? Acaso não seria forçado a confessar que os deuses existem quem visse esses e inumeráveis casos do mesmo tipo? De fato, certamente é necessário existirem aqueles próprios dos quais há intérpretes; ora, dos deuses é que são os intérpretes; portanto, confessamos que os deuses existem. Mas, talvez, nem tudo o que é predito acontece. Não é só pelo fato de nem todos os doentes recobrem a saúde que a medicina deixa de ser uma arte. Os sinais dos acontecimentos futuros são revelados pelos deuses; e se alguns intérpretes erraram no que lhes concerne, não foi a natureza dos deuses, mas a conjetura dos homens que falhou.

“Assim, o mais importante é conhecido entre todos de todos os povos, a saber, que a existência dos deuses é inata em todos e está como que insculpida no espírito. **V. 13.** De que natureza sejam, há várias opiniões, mas ninguém nega que existam. Nosso Cleantes, por exemplo, disse que por quatro causas se formaram as idéias dos deuses nos espíritos dos homens. Como primeira, postulou aquela de que há pouco falei: a que teria surgido do pressentimento das coisas futuras; como segunda, a que concebemos a partir da grande quantidade de benefícios que recebemos do equilíbrio do clima, da fertilidade das terras e da abundância de outras numerosas comodidades; **14.** como terceira, a que amedronta os espíritos com os raios, as tempestades, as pancadas d’água, as neves, os granizos, a devastação, a peste, os terremotos e freqüentes estrondos subterrâneos, as chuvas de pedra e gotas de chuva como que de sangue; ora com os desmoronamentos ou as repentinas aberturas do solo, ora com os monstros contrários à natureza dos homens e dos animais, ora com os globos de fogo vistos no céu, ora com aquelas estrelas que os gregos chamam de cometa e os nossos

<sup>93</sup> Espaço consagrado dentro e fora dos muros de Roma no qual não era permitido nem construir nem cultivar.

de estrelas cabeludas, que recentemente, durante a guerra otaviana, foram prenunciadoras de grandes calamidades, ora com o sol duplicado, que aparecera, como ouvi de meu pai, no consulado de Tuditano e Aquilio, no ano em que se extinguiu ainda Públio Africano, o outro sol; e os homens, aterrorizados por esses fenômenos, suspeitaram existir certa força celeste e divina; 15. como quarta causa, e esta seria a mais importante, a regularidade do movimento e das revoluções do céu, e as peculiaridades, variedade, beleza e ordem do sol, da lua e de todos os astros; o mero aspecto dessas coisas indicaria suficientemente que não são fortuitas. Como se alguém tivesse chegado a alguma casa ou a um ginásio ou ao foro, vendo a disposição, a forma e a organização de todas as coisas, não poderia julgar que isso se fizesse sem uma causa, mas entenderia haver alguém que presidisse e a quem se obedecesse; muito mais quando se trata de tantos movimentos e de tantas alternâncias, de ordens de coisas tão numerosas e importantes, nas quais uma imensa e infinda duração em nada jamais se enganou, julgaria ser necessário que tantos movimentos da natureza sejam governados por alguma mente. VI. 16. Crisipo, por sua vez, embora fosse de inteligência agudíssima, entretanto afirma coisas tais que parece tê-las aprendido da própria natureza e não tê-las descoberto por si mesmo. 'Pois,' diz ele, 'se existe algo na natureza das coisas que a mente do homem, que a razão, que a força, que o poder humano não pode realizar, certamente aquilo que o realiza é melhor que o homem; ora, as coisas celestes e todas aquelas cuja ordem é sempiterna não podem ser feitas pelo homem; portanto, aquilo pelo que aquelas coisas são feitas é melhor que o homem; e como se poderia chamar a isso senão deus? Porquanto, se os deuses não existem, que poderia haver na natureza das coisas melhor que o homem? De fato, nele unicamente há razão, à qual nada pode ser superior; e o fato de haver um homem que pense nada no mundo inteiro ser melhor do que ele mesmo é próprio de uma arrogância demente; portanto, existe algo melhor; certamente é deus, então.' 17. Na verdade, se observares uma casa grande e bela, não poderias ser levado a pensar, mesmo que não vejas o senhor, que tenha sido construída por ratos e doninhas: portanto, tão grande ornamento do mundo, tanta variedade e beleza das coisas celestes, tanta força e grandeza do mar e das terras, se considerasses como tua morada e não como a dos deuses imortais, acaso não parecerias estar completamente louco? Ou tampouco compreendemos isto: que as regiões superiores são melhores, ao passo que a terra é a parte mais baixa que um ar

densíssimo circunda? De modo que por aquele mesmo motivo pelo qual vemos acontecer também a determinadas regiões e cidades que as disposições naturais de seus habitantes sejam mais embotadas por causa de uma natureza mais densa do ar, isso mesmo teria acontecido ao gênero humano porque foram colocados<sup>94</sup> na terra, isto é, na região do mundo mais densa. **18.** Entretanto, a partir da própria sagacidade dos homens devemos julgar que existe alguma mente e ela mesma mais penetrante e divina. De onde então o homem a ‘agarrou’ (como diz Sócrates em Xenofonte)? E mais, se alguém procurasse saber de onde é que teríamos o líquido e o calor que se espalham pelo corpo, a própria solidez terrena das vísceras, enfim, aquele sopro vital, evidencia-se que recebemos um da terra, outro da água, outro do fogo e outro daquele ar que respiramos. **VII.** Ora, aquilo que supera a todas as coisas, quero dizer a razão e, se agrada com mais palavras, a mente, a reflexão, o pensamento e a prudência, onde é que os encontramos, de onde os tiramos? Ou o mundo terá as demais coisas e não esta única que é do maior valor? Além disso, dentre todas as coisas, certamente não existe nada melhor que o mundo, nada superior, nada mais belo, não somente não existe nada, mas nem mesmo é possível pensar em algo melhor. E, se nada é melhor que a razão e a sabedoria, é necessário que essas estejam naquilo que admitimos ser o melhor. **19.** E quê? Tanta conexão entre as coisas concordante, conjunta e contínua, a quem não obriga a reconhecer como verdadeiro o que está sendo dito por mim? Poderia a terra num determinado período florir e, em seguida, alternadamente, cobrir-se de gelo ou, enquanto tantas coisas elas próprias se modificam, conhecer-se a aproximação e o afastamento do sol nos solstícios de verão e de inverno, ou surgirem os fluxos marítimos e as águas baixas nos braços de mar pelo nascimento e ocaso da lua, ou conservarem-se os díspares cursos dos astros numa única revolução do céu inteiro? Essas coisas, dado que todas as partes do mundo estão em acordo harmonioso entre si, não poderiam dar-se assim se não dependessem de um só espírito divino e contínuo.

**20.** “E essas idéias, quando discutidas mais abundante e extensamente, como é minha intenção fazer, com mais facilidade escapam à calúnia dos Acadêmicos; ao passo que, quando se as conclui de maneira breve e resumida, como Zenão costumava, então ficam mais abertas a críticas. Pois, da mesma forma que a água

<sup>94</sup> O verbo concorda com o sentido de pluralidade expresso por *gênero humano*. Em latim se dá o mesmo: *generi humano...quod...conlocati sint*.

corrente ou dificilmente ou de nenhum modo se estagna, enquanto que a água parada facilmente, assim as censuras do crítico se diluem na fluência abundante do discurso, mas a abreviação de uma argumentação concisa com dificuldade se defende a si mesma. De fato, essas idéias que são desenvolvidas por nós, Zenão assim as condensava: VIII. 21. ‘aquilo que faz uso da razão é melhor que aquilo que não faz uso da razão; ora, nada é melhor que o mundo; logo, o mundo faz uso da razão.’ Semelhantemente pode-se estabelecer que o mundo é sábio, semelhantemente feliz, semelhantemente eterno; pois todas essas coisas são melhores que aquelas que são privadas destas qualidades, e nada é melhor que o mundo. Daí segue-se que o mundo é deus. E ele mesmo<sup>95</sup> deste modo: 22. ‘de nada que careça de sensação é possível haver alguma parte sensível; ora, as partes do mundo são sensíveis; logo, o mundo não carece de sensação.’ Ele mesmo continua e insiste mais cerradamente: ‘nada,’ diz, ‘que seja desprovido de espírito e de razão, pode gerar de si um ser animado e possuidor de razão. Ora, o mundo gera seres animados e possuidores de razão; portanto, o mundo é animado e possuidor de razão.’ E ele, com uma comparação, como freqüentemente costuma, conclui o raciocínio desta maneira: ‘se da oliveira nascessem flautas ressoando melodiosamente, acaso duvidarias que há na oliveira certa técnica de tocar flauta? E que dizer se os plátanos produzissem pequenas liras soando harmoniosamente? Tu mesmo naturalmente pensarias que há música nos plátanos. Logo, por que o mundo não seria considerado animado e sábio, visto que de si produz seres animados e sábios?’

IX. 23. ‘Mas, já que comecei a tratar a questão de maneira diferente de como dissera no início (pois tinha dito que esta primeira parte não necessitava de uma exposição, visto que a todos seria evidente que os deuses existem), entretanto isso mesmo quero provar com razões físicas (isto é, naturais). De fato, a realidade é tal que tudo o que se alimenta e cresce contém em si a força do calor, sem a qual não poderia nem se alimentar nem crescer, já que tudo o que é quente e ígneo se impulsiona e se move por seu próprio movimento; ora, o que se alimenta e cresce faz uso de algum movimento determinado e uniforme; e este por quanto tempo dura em nós, por tanto a sensação e a vida duram, mas, esfriado e desaparecido o calor, nós próprios tombamos e morremos. 24. E isto precisamente, quanta força de calor há em

---

<sup>95</sup> Zenão.

todo corpo, Cleantes mostra também com estes raciocínios: nega, com efeito, haver algum alimento tão pesado que não seja digerido de noite e de dia; e em seus restos, naqueles que a natureza repeliu, também há calor. Por outro lado, as veias e artérias não param de latejar como que por certo movimento ígneo, e observou-se freqüentemente que, quando o coração de algum ser vivo é arrancado, palpitava tão vivamente que semelhava a celeridade ígnea. Portanto, tudo que vive, seja animal seja parido da terra, vive por causa do calor nele encerrado. Daí deve-se compreender que aquela natureza do calor tem em si uma força vital estendida por todo o mundo.

25. “E mais facilmente discerniremos isso depois que se tiver explicado com mais minúcia todo este gênero ígneo que traspassa a tudo. Portanto, todas as partes do mundo (e falarei das maiores) se sustentam apoiadas no calor. E isso, primeiramente, pode-se perceber na natureza terrena. Pois vemos o fogo ser tirado das pedras por embate e atrito,<sup>96</sup> a ‘terra quente soltar vapor’ numa escavação recente, a água quente ser tirada mesmo de poços que nunca secam e isso principalmente dar-se na estação do inverno, porque grande força de fogo está contida nas cavidades do subterrâneo e esse no inverno é mais compacto, e por esse motivo contém mais cerradamente o calor natural nas terras. X. 26. Seria muito longo o discurso e numerosas as razões pelas quais se poderia mostrar que todas as sementes que a terra recebe e o que ela contém produzido de si própria e enterrado com raízes, nascem e crescem pela justa medida de calor. E por primeiro a liquidez e difusão da água por si mesmas indicam claramente que o calor está até mesmo misturado com ela, a qual nem se congelaria pelos frios, nem se condensaria em neve e granizo, se não se difundisse liquefeita e fundida pela mistura de calor; por isso a água se endurece pela junção dos ventos do norte e dos demais frios e, depois, funde-se aquecida e se liquefaz pelo calor. E também os mares agitados pelos ventos de tal modo se aquecem que facilmente se poderia compreender que o calor está encerrado naquelas tamanhas águas; de fato, aquela tepidez não deve ser considerada externa e de fora, mas produzida pela agitação vinda das partes mais profundas do mar, e isso também acontece aos nossos corpos quando voltam a aquecer-se com movimentação e exercício. E o próprio ar, que por natureza é maximamente frio, de nenhum modo está desprovido de calor; 27. na verdade, está misturado com muito calor mesmo, pois nasce da evaporação das

---

<sup>96</sup> É possível a tradução: “ser tirado do embate e atrito de pedras.”

águas; de fato, é como certo vapor destas que o ar deve ser considerado, mas existe por aquele calor que se encerra nelas, e podemos ver claramente esta semelhança naquelas águas que entram em ebulição com fogos sotopostos. Agora, quanto à quarta parte restante do mundo, por sua própria natureza é inteiramente quente e comunica a todas as demais naturezas um calor salutar e vital. **28.** Disto se conclui, já que todas as partes do mundo são mantidas pelo calor, que também o próprio mundo se conserva em tanta duração temporal por uma natureza semelhante e parecida, e tanto mais por isso se deve compreender que aquele elemento quente e ígneo de tal modo está difuso em toda a natureza que nele há a força do procriar e a causa do gerar, do qual é necessário que nasçam e cresçam os seres animados todos e aqueles cujas raízes estão contidas na terra.

**XI. 29.** “Existe, então, uma natureza que contém todo o mundo e o protege, e ela certamente não é sem sensação e razão; de fato, é necessário que toda natureza que não seja isolada nem simples, mas unida e ligada a outro ser, tenha em si algum princípio dirigente, como no homem a mente, na besta algo semelhante à mente de onde nascem as inclinações para as coisas; ao passo que das árvores e daquelas coisas que se geram da terra é nas raízes que se julga estar o princípio dirigente. E princípio dirigente digo aquilo que os gregos chamam *hegemonikôn*, ao qual nada em cada gênero nem pode nem deve ser superior; deste modo, é necessário que aquilo mesmo em que está o princípio dirigente da natureza inteira seja o melhor de todos e o mais digno de poder e domínio sobre todas as coisas. **30.** Além disso, observamos nas partes do mundo (pois nada há em todo o mundo que não seja parte do universo) haver sensação e razão. Portanto, é necessário que essas estejam naquela parte em que está o princípio dirigente do mundo, e certamente mais intensas e maiores. Em consequência, é necessário que o mundo seja inteligente, que aquela natureza, que mantém todas as coisas tendo-as circundado, seja superior em perfeição quanto à razão, que por isso o mundo seja deus e que toda a força do mundo consista na natureza divina.<sup>97</sup>

“E também aquela fervura do mundo será mais pura, mais diáfana, mais móvel e em muito, por esses motivos, mais apropriada para provocar sensações que este nosso calor com o qual são retidas e têm força essas coisas que nos são

---

<sup>97</sup> É possível a tradução: “...toda força do mundo seja contida pela natureza divina.”

conhecidas. **31.** Portanto, é absurdo dizer, visto que os homens e as bestas subsistem graças a este calor e, por isso, movem-se e sentem, que seja sem sensação um mundo que se sustém por um fogo intacto, extenso e puro e, ao mesmo tempo, muito intenso e móvel, sobretudo porque este fogo, que é próprio do mundo, move-se não impelido por outra nem externa impulsão, mas por si próprio e espontaneamente; ora, que poderia ser mais vigoroso que o mundo para impulsionar e mover aquele calor pelo qual é mantido? **XII. 32.** Ouçamos, por sua vez, a Platão como a um deus dos filósofos; a ele parece bom haver dois movimentos, um próprio e outro externo, e ser mais divino o que sozinho, de si mesmo e espontaneamente, se move do que o que é impelido por impulso alheio. Propõe, ademais, que esse movimento esteja unicamente nos espíritos, e pensa que é destes que proveio o princípio do movimento. Por isso, já que todo movimento nasce do fogo do mundo e este fogo se move não por impulsão alheia, mas espontaneamente, é necessário que exista um espírito; daí se conclui que o mundo é animado.

“E disso se poderá também entender que nele há uma inteligência, pois certamente o mundo é melhor que qualquer ser; como, de fato, não há nenhuma parte de nosso corpo que não valha menos que nós próprios valemos, assim é necessário que o mundo universal valha mais que alguma parte do universo; e se isso é assim, é necessário que o mundo seja sábio, porque se não fosse assim, seria preciso que o homem, sendo parte do mundo, visto ser participe de razão, valesse mais que o mundo todo.

**33.** “E, também, se queremos proceder das naturezas primeiras e imperfeitas até as últimas e perfeitas, é necessário que cheguemos à natureza dos deuses. De fato, constatamos que é sustentado pela primeira natureza aquilo que é gerado da terra, ao qual a natureza nada deu de especial senão que o protegeu alimentando-o e fazendo-o crescer. **34.** Às bestas, em seguida, deu sensação e movimento e, com certo instinto, inclinação às coisas salutare e repugnância às prejudiciais; ao homem, mais do que isto, acrescentou a razão, pela qual os apetites do espírito são orientados, os quais ora são permitidos, ora reprimidos. **XIII.** O quarto grau e o mais elevado, enfim, é daqueles que por natureza são gerados bons e sábios, aos quais desde o princípio é inata uma razão justa e constante, que deve ser considerada acima do homem e atribuída ao deus, isto é, ao mundo, no qual é necessário que esteja aquela razão perfeita e absoluta. **35.** De fato, não se pode dizer que algo extremo e perfeito não

esteja em alguma disposição das coisas. Como, por exemplo, na videira e no animal, a não ser que alguma força tenha impedido, vemos que a natureza por determinado caminho seu chega ao fim, e como a pintura, a arquitetura e as demais artes se caracterizam por uma execução da obra perfeita, assim, em toda a natureza e muito mais ainda, é necessário que algo seja rematado e completado. Com efeito, nas demais naturezas muitos fatores externos podem obstar que cheguem à completude, enquanto que à natureza universal nenhuma coisa pode impedi-la, porque ela própria inclui e contém todas as naturezas. Daí ser necessário haver aquele quarto e altíssimo grau do qual nenhuma força poderia se aproximar. **36.** Ora, esse é o grau em que está posta a natureza de todas as coisas; e visto que seja tal que presida a tudo e nenhuma coisa possa impedi-la, é necessário que o mundo seja inteligente e ainda também sábio.

“Por outro lado, que é mais estúpido que não ser dita ótima aquela natureza que abarca todas as coisas, ou, sendo ótima, não ser primeiro animada, depois nem possuidora de razão e reflexão, por fim, nem sábia? De fato, como poderia ser ótima de outra maneira? Por exemplo, se fosse semelhante às plantas ou também às bestas, nem deveria ser considerada ótima de preferência a péssima; e, em verdade, se fosse partícipe de razão e, contudo, não fosse sábia desde o princípio, seria pior a condição do mundo que a humana; pois o homem pode tornar-se sábio, ao passo que o mundo, se foi não sábio no eterno espaço de tempo passado, nunca certamente obterá a sabedoria; desta maneira, será pior que o homem. E já que isso é um absurdo, desde o princípio o mundo deve ser considerado sábio e um deus.

**37.** “Não existe realmente algo outro, à parte do mundo, a que nada falte e que por todos os lados seja apropriado, perfeito e completo em todos os seus elementos e partes. **XIV.** Crisipo, de fato, sabiamente disse que como o estojo é para o escudo e a bainha para a espada, assim, exceto o mundo, todas as demais coisas foram geradas para as outras, como aqueles grãos e frutos que a terra produz são para os animais, e estes para os homens, como o cavalo para transportar, o boi para arar, o cão para caçar e guardar; quanto ao próprio homem, de nenhum modo perfeito, mas é certa partícula do perfeito, nasceu para contemplar e imitar o mundo. **38.** Mas o mundo, porque abarcou a tudo e não há nada que não esteja nele, é perfeito por todos os lados; portanto, como poderia lhe faltar o que é ótimo? Ora, nada é melhor que a mente e a razão; essas, então, não podem faltar ao mundo. Fez bem, então, o mesmo

Crisipo que, acrescentando casos semelhantes, ensina que tudo é melhor nos seres perfeitos e maduros, como no cavalo é melhor que no potro, no cão que no cachorrinho, no homem que no menino; da mesma maneira, o que é ótimo em todo o mundo, isso deve existir em algo perfeito e absoluto; 39. ora, nada é mais perfeito que o mundo, nada é melhor que a virtude; portanto, a virtude é própria do mundo. Nem a natureza do homem, na verdade, é perfeita e, apesar disso, a virtude se realiza nele; portanto, quanto mais facilmente no mundo; a virtude está nele, então. Logo, é sábio e, ademais, um deus.

XV. ‘E, bem examinada esta divindade do mundo, a mesma deve ser atribuída aos astros, que se geram da parte mais móvel e mais pura do éter e, além disso, não são de uma natureza misturada, mas são inteiramente quentes e translúcidos, de modo a dizer-se com muita justeza que eles também existem como seres animados, têm sensação e são inteligentes. 40. E que eles de fato sejam inteiramente ígneos, Cleantes julga ser provado pelo testemunho de dois sentidos: do tato e dos olhos. Pois mesmo o brilho do sol é mais intenso que o de qualquer fogo, visto que resplandece tão longe e largamente no imenso mundo, e tal é seu contato que não só aquece, mas também freqüentemente queima, e não faria nem uma nem outra dessas ações se não fosse ígneo. ‘Portanto,’ diz, ‘sendo o sol ígneo e se alimentando dos líquidos do oceano, já que nenhum fogo poderia persistir sem algum alimento, é necessário que ou seja semelhante àquele fogo que empregamos para a vida prática e a comida ou àquele<sup>98</sup> que se encerra nos corpos dos seres vivos. 41. Mas este nosso fogo, que a necessidade da vida requer, é um destruidor e consumidor de tudo e ele, onde quer que tenha se alastrado, destrói e dissipa tudo; contrariamente, aquele material, vital e salutar conserva a tudo, alimenta, faz crescer, sustenta e dota de sensação.’ Diz, portanto, não ser duvidoso a qual destes fogos o sol é semelhante, pois que também faz com que tudo floresça e, em seu próprio gênero, cada coisa se desenvolva. Por isso, sendo o fogo do sol semelhante àqueles fogos que estão nos corpos dos seres animados, é necessário que o sol também seja um ser animado, e sem dúvida os demais astros que nascem no fogo celeste que se nomeia éter ou céu. 42. Então, visto que o nascimento de alguns seres animados seja na terra, de outros na água e de outros no ar, parece ser absurdo a Aristóteles julgar que nenhum animal se gere naquela parte que seja a mais

---

<sup>98</sup> Segui aqui o texto crítico de Plasberg: *aut ei* e não *aut et*.

apropriada para gerar seres animados. Os astros, por sua vez, ocupam o espaço etéreo, e este sendo o mais sutil e sempre em movimento e em atividade,<sup>99</sup> é necessário que o animal que nele se gera seja de um sentido agudíssimo e de uma mobilidade extremamente rápida; por isso, visto que os astros se geram no éter, é conseqüente que neles haja sensação e inteligência. Daí se conclui que os astros devem ser contados no número dos deuses. XVI. Com efeito, é possível observar que a inteligência daqueles que habitam as regiões em que o ar é puro e sutil é mais penetrante e mais apta para compreender que a daqueles que vivem numa atmosfera densa e compacta; 43. e mais, pensa-se que o alimento de que nos servimos importa em algo para a agudeza da mente; portanto, é provável que seja superior a inteligência nos astros que ocupam a parte etérea do mundo e se nutrem dos líquidos marinhos e terrestres, diminuídos por longo intervalo. Ora, a ordem e a constância dos astros mostram com muita clareza seu senso e sua inteligência; pois não há nada que possa mover-se com razão e em cadência sem reflexão e nesta não há nada às cegas, nada desvairado, nada acidental; por outro lado, a ordem e a, em toda eternidade, constância dos astros não têm o significado nem de natureza (pois é cheia de razão), nem o de acaso que, amigo da variedade, repele a constância; segue-se, portanto, que eles próprios se movem espontaneamente e por seu senso e divindade. 44. E Aristóteles certamente deve ser aprovado por ter afirmado que tudo o que se move se move ou por natureza, ou por força, ou por vontade; e que se movem o sol, a lua e todos os astros; por sua vez, quanto às coisas que se moviam por natureza, que estas ou seriam levadas para baixo por seu peso ou para cima por sua leveza, e destes movimentos nenhum dos dois caberia aos astros, porque o movimento deles seria conduzido em órbita circular; não é possível dizer que por certa força maior se dá que contrariamente à natureza os astros sejam movidos; pois que força poderia ser maior? Resta, então, que o movimento deles seja voluntário.

“E quem perceba essas coisas não só agiria na ignorância, mas também impiamente, se negasse que os deuses existem. Na verdade, não importa muito se negue isso ou os prive de toda preocupação e ação; pois quem não faz nada não me parece absolutamente existir. Portanto, que os deuses existem é de tal modo evidente que quem negue isso dificilmente eu o consideraria de mente sã.

---

<sup>99</sup> É possível também: “sempre se movendo e se revigorando.”

**XVII. 45.** “Resta que consideremos qual seja a natureza deles; e nisso nada é mais difícil que separar do costume dos olhos a agudeza da mente. Essa dificuldade induziu os ignorantes em massa e filósofos semelhantes aos ignorantes à incapacidade de nada pensar sobre os deuses imortais senão sob figuras estabelecidas de homens; e a leviandade dessa opinião, refutada por Cota, não requer um discurso meu. Mas, dado que por determinada noção do espírito pressentimos ser tal o deus que, primeiro, seja animado, depois, que em toda a natureza nada seja superior a ele, a este nosso pressentimento e noção nada vejo que melhor se conforme senão pensar, primeiramente, que justamente este mundo, ao qual não é possível nada superior, é animado e um deus. **46.** Neste momento,<sup>100</sup> que Epicuro graceje o quanto queira, homem o menos possível feito para o riso e quase inteiramente sem o sabor de sua pátria,<sup>101</sup> e que diga ser incapaz de compreender de que natureza seria um deus giratório e redondo, entretanto, jamais me afastará disto que também ele próprio reconhece: agrada-lhe, com efeito, que os deuses existam, dado ser necessário que alguma natureza seja superior, em comparação com a qual nada seria melhor. Ora, certamente nada é melhor que o mundo. Nem é duvidoso que aquilo que é animado e tem senso, razão e mente seja melhor que aquilo que careça destes. **47.** Dessa maneira, segue-se que o mundo é animado e provido de senso, mente e razão; e por esse motivo se conclui que o mundo é deus.

“Mas essas afirmações um pouco depois serão reconhecidas mais facilmente a partir das próprias coisas que o mundo produz. **XVIII.** Neste momento, ó Veleio, por favor não ostentes que vós sois completamente faltos de ciência. Dizes que o cone, o cilindro e a pirâmide te parecem mais belos que a esfera. Também dos olhos formais um novo julgamento! Mas esses são mais belos tão somente no olhar, - e isso, contudo, não me parece assim, pois, que é mais belo que aquela figura que sozinha encerra todas as outras circundando-as, e que não pode ter nada de aspereza, nada de saliência lesiva, nada entalhado por cantos, nada por sinuosidades, nada proeminente, nada lacunoso? E dado que duas são as formas superiores, dentre os sólidos o globo (pois assim parece bom traduzir *sphaera*) e dentre os planos o círculo ou o orbe, que em grego se diz *kyklos*, acontece somente a estas duas formas que todas as suas partes sejam entre si simílimas e a extremidade se distancie do centro o mesmo tanto: nada

<sup>100</sup> Segui aqui o texto crítico de Plasberg: *Hic* e não *His*.

<sup>101</sup> Também poderia ser: “e minimamente fazendo lembrar sua pátria.”

pode dar-se mais ligado que isso – 48. mas se não percebeis isso, porque nunca tocastes aquela areia erudita, tampouco isto, sendo físicos, teríeis podido compreender: que esta igualdade de movimento e invariabilidade de sucessões não teriam podido se manter em outra figura? Conseqüentemente, nada pode ser mais desavisado do que aquilo que se costuma ser afirmado por vós, a saber, dizeis que não é certo que justamente este mundo seja redondo, pois poderia dar-se que outra seja a figura e inumeráveis outros mundos sejam de outras formas. 49. E isso Epicuro certamente não diria, se tivesse aprendido quanto fazem dois vezes dois; mas, enquanto decide o que é o melhor pelo palato, não olhou ao alto, como diz Ênio, para ‘o palato do céu.’

XIX. “Ora, sendo dois os tipos de astros, dos quais um, pelos espaços imutáveis indo de um ponto a outro do levantar-se ao pôr-se, nunca arrede nenhum passo de seu curso, e outro perfaça contínuas revoluções, duas nos mesmos espaços e percursos, de ambas as coisas se constatam a rotação do mundo, que a não ser na forma de globo não poderia existir, e os giros redondos das estrelas.

“O mais importante, o sol, que dentre os astros detém o principado, de tal modo se move que, depois de ter enchido as terras com abundante luz, escurece as mesmas ora desde estas partes, ora desde aquelas; com efeito, a própria sombra da terra, opondo-se ao sol, produz a noite. E a igualdade dos espaços noturnos é a mesma que dos diurnos. Ora as aproximações moderadas do mesmo sol e ora os afastamentos regram a medida de frio e de calor. Pois os giros das órbitas do sol, de trezentos e sessenta e cinco dias, acrescentada quase uma quarta parte de dia, completam a revolução anual; e o sol, inclinando seu curso ora para o setentrião ora para o sul, produz os verões, os invernos e aquelas duas estações das quais uma está unida ao inverno que finda e a outra ao verão. Assim, das quatro mudanças das estações são tirados os princípios e as causas de todas as coisas que são geradas na terra e no mar.

50. “Já a lua segue em espaços mensais os cursos anuais do sol, e a vizinhança muito próxima ao sol torna fraquíssima sua claridade, ao passo que cada afastamento bem extenso, fortíssima. Não só seu aspecto e forma se modificam, ora crescendo, ora por diminuições voltando aos inícios, mas também sua posição, que ora é setentrional, ora austral. No curso da lua, também há uma semelhança ao inverno e ao solstício, e desta emanam e procedem muitos influxos pelos quais não só os seres

animados são alimentados, crescem e se desenvolvem, mas ainda adquire amadurecimento o que é gerado da terra.

**XX. 51.** “Por outro lado, especialmente admiráveis são os movimentos daquelas cinco estrelas que sem fundamento são chamadas errantes – pois em nada erra o que em toda a eternidade mantém constantes e estáveis as idas, as vindas e os demais movimentos. E isso tanto é mais admirável nestas estrelas de que estamos falando, porque ora se ocultam ora se mostram outra vez, ora se aproximam ora se retiram, ora precedem enquanto que ora vêm depois, ora se movem mais rapidamente, ora mais devagar, ora nem mesmo se movem por completo, mas param por certo tempo. E é conforme seus diferentes movimentos que os matemáticos denominaram o grande ano, que então se completa quando está feito o giro do sol, da lua e das cinco errantes para a mesma posição entre si, depois que se percorreram os espaços de todos. **52.** E quão extenso ele seja é uma grande discussão, mas é necessário que esteja determinado e definido. De fato, aquela que é dita estrela de Saturno e chamada *Phainon* pelos gregos, que mais se distancia da terra, em quase trinta anos completa seu percurso, no qual admiravelmente produzindo muitas fases, ora por preceder ora por recuar, ora por esconder-se às horas vespertinas ora por novamente mostrar-se nas matutinas, em nada se modifica nos sempiternos tempos dos séculos de modo que não produza as mesmas fases nas mesmas épocas. Por sua vez, abaixo dessa e mais proximamente da terra, gira a estrela de Júpiter que se diz *Phaethon*, e esta completa em doze anos a mesma órbita dos doze signos zodiacais e, no percurso, produz as mesmas variedades que a estrela de Saturno. **53.** Em seguida, a órbita inferior próxima desta, ocupa-a *Pyroeis*, que é chamada estrela de Marte, e percorre a mesma órbita que as duas anteriores em vinte e quatro meses e, como penso, menos seis dias. Abaixo desta, depois, está a estrela de Mercúrio (é chamada *Stilbon* pelos gregos), que percorre o orbe zodiacal em um ano quase se decorrendo e nunca se afasta do sol mais longamente que o intervalo de um só signo zodiacal, ora precedendo, ora seguindo. Mais baixa das cinco errantes e mais perto da terra está a estrela de Vênus, que se diz *Phosphoros* em grego, *Lucifer* em latim quando antecede o sol, mas *Hesperos* quando o sucede; completa seu percurso num ano e, percorrendo a largura e a longura do orbe zodiacal, o mesmo que fazem as estrelas anteriores, nunca se afasta do sol mais longamente que o intervalo de dois signos zodiacais, ora antecedendo, ora sucedendo.

**XXI. 54.** “Não posso compreender, então, esta constância nas estrelas, esta tamanha harmonia de tempos em tão variados percursos em toda a eternidade sem mente, razão e reflexão. E vendo que essas coisas estão nos astros, não podemos deixar de arrolar justamente a elas no número dos deuses.

“E certamente aquelas estrelas que se chamam fixas dão sinal de mesma inteligência e previsão, cuja revolução diária, concorde e constante, não tem percursos etéreos nem presos ao céu, como a maioria afirma, desconhecedora da explicação física; pois a natureza do éter não é tal que por força própria faça rodar as estrelas tendo-as envolvido, já que sutil, transparente e perpassado de igual calor, ele não parece suficientemente apropriado para encerrar as estrelas; **55.** portanto, as estrelas fixas possuem sua esfera separada e independente da conjunção etérea. Por outro lado, seus cursos perenes e perpétuos com admirável e incrível constância mostram claramente que nelas há uma força e uma mente divina, de modo que aquele que não perceber que estas coisas têm a força dos deuses não parece estar à altura de perceber absolutamente nada.

**56.** “Portanto, não há no céu nenhum acaso, cegueira, extravio e inconstância, pelo contrário, toda ordem, verdade, razão e constância; e dessas carece, inventado, falso e cheio de ilusão, o que se passa ao redor da terra abaixo da lua (que é dentre todas a última) e na terra. Logo, aquele que julga serem vazias de mente a admirável ordem dos fenômenos celestes e a incrível constância, das quais nascem a conservação e todo bem-estar de tudo, ele é que deve ser considerado desprovido de mente.

**57.** “Então, como penso, não terei me enganado se tiver deduzido o fundamento desta discussão do primeiro a pesquisar cuidadosamente a verdade. **XXII.** Zenão, portanto, define a natureza de modo a afirmar que seja um fogo artificioso avançando com método para gerar. De fato, pensa que maximamente próprio da arte é criar e gerar, e o que a mão realiza nas obras de nossas artes o realiza muito mais habilmente a natureza, isto é, como disse, o fogo artificioso, mestre das demais artes. E, em verdade, dessa maneira toda a natureza é artificiosa, porque tem, por assim dizer, certa via e diretriz para seguir; **58.** ainda, a natureza do próprio mundo, que a tudo em abraço estreita e encerra, não só artificiosa é dita pelo mesmo Zenão, mas inteiramente artista, provedora e providenciadora das utilidades e comodidades todas. E como as demais naturezas cada uma de suas sementes se

geram, começam a crescer e são mantidas, assim a natureza do mundo tem como livres na vontade todos os movimentos, impulsos e inclinações que os gregos chamam *hormai*, e a estes ajunta ações conformes assim como nós próprios que nos movemos por emoções e sensações. Portanto, sendo tal a mente do mundo e por essa razão podendo com justeza chamar-se ou prudência ou providência (pois em grego se diz *pronoia*), provê essencialmente estas coisas e com elas sobretudo está ocupada: primeiro, que o mundo seja o mais apto possível para durar, depois, que não careça de nenhuma coisa e maximamente que nele haja uma rara beleza e todo tipo de adorno.

**XXIII. 59.** “Falou-se do mundo como universo, falou-se também dos astros, de modo a já quase mostrar-se claramente a multidão dos deuses que não descansam, nem com trabalho penoso e pesado realizam o que fazem. Pois não se constituem de veias, tendões e ossos, nem se nutrem de alimentos e bebidas tais que acumulem líquidos ou muito ativos ou muito densos, nem são de corpos tais que receiem as quedas ou os golpes ou temam as doenças por causa do enfraquecimento dos membros, e Epicuro, reverentemente temendo essas coisas, imaginou deuses insubstanciais e nada fazendo. **60.** Além disso, dotados da forma mais bela e colocados na região do céu mais pura, de tal maneira se movem e dirigem os percursos que parecem estar de acordo para conservar e proteger a tudo.

“Ainda, muitas outras naturezas de deuses não sem motivo resultaram e foram designadas pelos mais sábios da Grécia e pelos nossos antepassados a partir de seus grandes benefícios. Pois, tudo o que ocasionasse grande utilidade ao gênero humano, julgavam que isso se dava em prol dos homens não sem a bondade divina. Em conseqüência, ora aquilo que tinha provindo de um deus chamavam pelo nome do próprio deus, como quando chamamos de Ceres aos cereais e de Baco ao vinho, de onde aquele verso de Terêncio:

sem Ceres e Baco esfria-se Vênus,

**61.** ora, por outro lado, a própria coisa em que há alguma força maior é designada de tal forma que ela mesma é chamada deus, como Boa-Fé,<sup>102</sup> como Mente,<sup>103</sup> que vemos consagradas no Capitólio bem recentemente por Marco Emílio Scauro, e anteriormente a Boa-Fé foi consagrada por Aulo Atilio Calatino. Estás vendo o

<sup>102</sup> No original: *Fides*.

<sup>103</sup> No original: *Mens*.

templo da Virtude,<sup>104</sup> estás vendo o de Honra<sup>105</sup> reformado por Marco Marcelo, que muitos anos antes na guerra ligústica fora consagrado por Quinto Máximo. Que dizer do de Riqueza,<sup>106</sup> que dizer do de Salvação,<sup>107</sup> que dizer do de Concórdia,<sup>108</sup> Liberdade<sup>109</sup> e Vitória?<sup>110</sup> De todas essas coisas porque a força era tamanha que sem um deus não poderia ser governada, a própria coisa obteve o nome dos deuses. E desta maneira foram consagrados os vocábulos de Desejo, de Prazer e de Vênus Libentina,<sup>111</sup> coisas viciosas e não naturais (embora Veleio pense de outro modo), mas, contudo, justamente essas coisas corrompidas é que com freqüência impelem mais vivamente a natureza.<sup>112</sup> 62. Portanto, pela importância das utilidades foram constituídos aqueles deuses que as geravam cada uma, e exatamente com esses nomes, que pouco antes se disseram, mostra-se com clareza qual força há em cada deus.

XXIV. “E a vida dos homens e o costume comum se encarregavam de elevar ao céu, pela fama e voluntariamente, os homens eminentes por benefícios. Daí Hércules, daí Cástor e Pólux, daí Esculápio, daí Liber também (quero dizer o Liber nascido de Sêmela, não aquele que nossos antepassados religiosa e santamente divinizaram com Ceres e Líbera,<sup>113</sup> e o que seja isto pode-se compreender a partir dos mistérios; mas, porque chamamos *liberi* os nascidos de nós, por esse motivo os nascidos de Ceres são denominados *liber* e *libera*, o que se conserva em Líbera, não igualmente em Liber) – daí também Rômulo, que alguns pensam ser o próprio Quirino, e porque subsistem os espíritos deles e gozam de eternidade, com justeza foram considerados deuses, já que seriam os melhores e eternos.

63. “Também por outra razão e certamente física superabundou uma grande multidão de deuses que, revestidos do aspecto humano, forneceram fábulas aos poetas e atulharam a vida dos homens de toda superstição. E essa questão foi tratada por Zenão, depois com mais palavras exposta por Cleantes e Crisipo. Pois, como esta

<sup>104</sup> No original: *Virtus*.

<sup>105</sup> No original: *Honor*.

<sup>106</sup> No original: *Ops*.

<sup>107</sup> No original: *Salus*.

<sup>108</sup> No original: *Concordia*.

<sup>109</sup> No original: *Libertas*.

<sup>110</sup> No original: *Victoria*.

<sup>111</sup> No original: *Cupido, Voluptas, Venus Libentina*.

<sup>112</sup> Segui aqui o texto crítico de Plasberg: *naturam* e não *natura* (ablativo).

<sup>113</sup> *Líbera* é o nome de Prosérpina, filha de Ceres e de Júpiter e raptada por Plutão.

velha opinião tivesse inteiramente enchido a Grécia, o Céu castrado pelo filho Saturno, o próprio Saturno, por sua vez, acorrentado pelo filho Júpiter, 64. nas fábulas sacrílegas se dissimulou uma razão física não deselegante. De fato, a natureza celeste, altíssima e etérea, isto é, ígnea, que por si mesma geraria a tudo, afirmaram-na estar vazia daquela parte do corpo que precisava da união com outro para procriar. XXV. Depois afirmaram que Saturno era aquele que sustentava o curso e a revolução dos espaços e dos tempos; e esse deus em grego tem esse nome mesmo: pois se diz *Krónos*, que é o mesmo *khrónos*, isto é, um espaço de tempo. Mas é chamado Saturno porque, diz-se, saciava-se com os anos; de fato, é representado como tendo o costume de devorar os nascidos de si mesmo, dado que o tempo consome os espaços das horas e insaciavelmente se preenche dos anos decorridos; mas foi acorrentado por Jove para não ter cursos infinitos e para atá-lo às algemas dos astros. Por outro lado, o próprio Júpiter – isto é, o pai que ajuda, a quem, por causa das mudanças das desinências, a partir de ajudar chamamos Jove, pelos poetas é dito ‘pai dos deuses e dos homens’, e pelos nossos antepassados ótimo máximo, e ainda ótimo, isto é beneficentíssimo, antes de máximo, porque é maior e certamente mais gratificante ser útil a todos do que ter grande poder – 65. a esse, então, Ênio, como acima falei, chama assim dizendo:

contempla este ser elevado, brilhante, a quem todos invocam como Júpiter,  
mais claramente que em outro verso, ele mesmo:

pelo que me diz respeito amaldiçoarei isto que brilha, o que quer que seja;  
a este também nossos áugures, quando dizem ‘Jove relampejante, trovejante,’ querem dizer, na verdade, ‘céu relampejante e trovejante.’ Eurípedes, por sua vez, da mesma forma que escreveu muitos versos maravilhosamente, assim também a isto brevemente:

vês no alto o estendido infinito éter,  
que com delicado circundar abraça a terra:  
a este considera o sumo deus, chama-o Jove.

XXVI. 66. “O ar, por sua vez, como os estóicos sustentam, interposto entre o mar e o céu, é consagrado com o nome de Juno, que é irmã e cônjuge de Jove, porque o ar tem semelhança com o éter e estreita união com ele; atribuíram-lhe, porém, gênero feminino e o destinaram a Juno, porque nada é mais mole que ele. (Mas a

partir de ajudar, acredito, é que Juno<sup>114</sup> é nomeada.) Restavam a água e a terra, já que, segundo as fábulas, existiam três reinos separados. Deu-se, então, a Netuno um, irmão de Jove, como afirmam, todo o reino marítimo, e como o nome Portuno é um prolongamento de porto,<sup>115</sup> assim Netuno de nadar,<sup>116</sup> modificadas um pouco as primeiras letras. Toda a força terrena, por sua vez, e a natureza foram consagradas ao pai Dite (que é *Diues*,<sup>117</sup> como entre os gregos *Plóúton*), porque tudo recai na terra e nasce da terra. Dizem que Prosérpina é casada com ele (este é um nome dos gregos, pois ela é a que se chama *Perséphone* em grego) – afirmam-na ser a semente dos grãos e representam-na sendo procurada pela mãe depois de raptada.<sup>118</sup> 67. A mãe, por sua vez, é Ceres a partir de gerar os grãos<sup>119</sup> (como Geres, por acaso a primeira letra se modificou do mesmo modo que da parte dos gregos; pois por eles também *Deméter* como que *gé méter* é chamada). Já Mavorte é o que magníficas coisas versaria,<sup>120</sup> ao passo que Minerva a que ou faria minguar ou seria minaz.<sup>121</sup> XXVII. E já que em todas as coisas os princípios e os fins teriam força máxima, afirmaram ser Jano o primeiro nos sacrifícios aos deuses, e este nome é derivado de ir,<sup>122</sup> a partir do qual se chamam portões as passagens viáveis e portas as entradas nas soleiras das casas profanas.<sup>123</sup> Já o nome de Vesta vem dos gregos; pois é a que por eles é dita *Hestia*, sua força concerne aos altares e aos lares, e assim a esta deusa, porque é a guardiã das coisas íntimas, são dirigidas por último toda súplica e imolação. 68. Nem longe dessa tarefa estão os deuses Penates, ou porque o nome deriva de provisões<sup>124</sup> (pois é provisão tudo de que se alimentam os homens) ou do fato de que estão instalados na privacidade<sup>125</sup> da casa, e é a partir disto também que são chamados

<sup>114</sup> No original: *Iunonem a iuvando*. Note: **Iuno** (Juno), **iuvare** (ajudar).

<sup>115</sup> No original: *Portunus a portu*. Note: **Portunus** (Portuno), **portus** (porto).

<sup>116</sup> No original: *Neptunus a nando*. Note: **Neptunus** (Netuno), **nare** (nadar).

<sup>117</sup> Rico.

<sup>118</sup> Prosérpina, filha de Ceres e de Júpiter, foi raptada por Plutão.

<sup>119</sup> Em latim: *a gerendis frugibus Ceres*. Note: **Ceres** (Ceres), **gerere** (gerar).

<sup>120</sup> Em latim: *qui magna verteret Mauors*. Mavorte, forma que já aparece n'Os *Lusíadas* em I,41, é o mesmo que Marte. Note: **Mauors** (Mavorte), **magna vertere** (magníficas coisas versar). **Vertere** tem a variante **vortere**.

<sup>121</sup> Em latim: *Minerua...quae uel minueret uel minaretur*. Note: **Minerua** (Minerva), **minuere** (minguar) e **minari** (ser minaz).

<sup>122</sup> Em latim: *Ianum...quod ab eundo nomen est ductum*. Note: **Ianus** (Jano), **ire** (ir). **Eundo** (indo) é a forma do gerúndio de **ire** (ir).

<sup>123</sup> Em latim: *Ianum...ex quo transitiones peruiuae iani foresque in liminibus profanarum aedium ianuae nominantur*. Note: **Ianum** (Jano), **iani** (portões), **ianuae** (portas).

<sup>124</sup> Em latim: *Penates...a penu ducto nomine*. Note: **Penates** (Penates), **penus** (provisão).

<sup>125</sup> Em latim: *Penates...ab eo quod penitus insident*. Note: **Penates** (Penates), **penitus** (privacidade).

penetrais<sup>126</sup> pelos poetas. Já o nome de Apolo é grego, a quem afirmam ser o sol; (Diana, porém, julgam ser a mesma que a lua), visto que foi chamado sol ou porque só entre todos os astros é tão grande ou porque, quando acaba de nascer, aparece só, todos tendo se obscurecido,<sup>127</sup> enquanto que se chamou Lua de luzir,<sup>128</sup> de fato, ela mesma é Lucina; logo, como entre os gregos invocam Diana e aquela Lucífera, assim entre nós a Juno Lucina na hora de parir. E esta mesma é dita Diana Onívaga não por ação venatória, mas porque é contada entre as sete estrelas por assim dizer vagantes.<sup>129</sup> 69. É chamada Diana porque produziria um quase dia durante a noite.<sup>130</sup> É invocada, ainda, nos partos porque os fetos se desenvolvem por completo ou em sete, algumas vezes, ou, como é normal, em nove cursos da lua, os quais por percorrerem espaços mensurados são chamados meses;<sup>131</sup> e engenhosamente, como em muitos casos, exprimiu-se Timeu, que, como em sua história tivesse dito que na mesma noite em que nascera Alexandre o templo de Diana efésia se consumira inteiramente, acrescentou que de nenhum modo isso deveria causar surpresa, pois Diana, tendo desejado estar presente ao parto de Olímpíada,<sup>132</sup> ausentou-se de sua casa. A deusa, por outro lado, que sobreviria a todas as coisas, os nossos a chamaram Vênus, e dela antes derivou ser venusto, que Vênus de ser venusto.<sup>133</sup>

**XXVIII. 70.** “Vedes, então, que de fenômenos físicos, conveniente e proveitosamente descobertos, extraiu-se a explicação para deuses imaginários e fictícios? E esse fato gerou falsas opiniões, erros perniciosos e superstições quase de velhas. De fato, nos são conhecidas as formas dos deuses, as idades, as vestimentas e os aparatos, além disso, as linhagens, os casamentos e os parentescos, e todas as coisas interpretadas à semelhança da debilidade humana. Pois também são representados sob paixões conturbadas: por exemplo, conhecemos tradicionalmente

<sup>126</sup> Em latim: *penetrales*.

<sup>127</sup> Em latim: *cum sol dictus sit uel quia solus ex omnibus sideribus est tantus uel quia cum est exortus obscuratis omnibus solus apparet*. Note: **sol** (Sol), **solus** (só, sozinho).

<sup>128</sup> Em latim: *Luna a lucendo nominata est*. Note: **Luna** (lua), **lucere** (luzir). **A lucendo** (de luzir) é o ablativo de **lucere**.

<sup>129</sup> Em latim: *Diana Omnivaga dicitur non a venando sed quod in septem numeratur tamquam vagantibus*. Note: **Omnivaga** (Onívaga), **a venando** (por ação venatória), **in...vagrantibus** (entre as...vagantes).

<sup>130</sup> Em latim: *Diana dicta quia noctu quasi diem efficeret*. Note: **Diana** (Diana), **diem** (dia).

<sup>131</sup> Em latim: *qui quia mensa spatia conficiunt menses nominantur*. Note: **mensa spatia** (espaços mensurados), **menses** (meses).

<sup>132</sup> Olímpíada é a mãe de Alexandre.

<sup>133</sup> Em latim: *ex ea potius venustus quam Venus ex venustate*. Note: **Venus** (Vênus), **venustus** (ser venusto)

os desejos dos deuses, as fraquezas morais e as iras; nem, ainda, como as fábulas narram, estão isentos de guerras e combates, e não só, como em Homero, uns deuses de um lado e outros de outro defendendo dois exércitos, mas também, como contra os Titãs, como contra os Gigantes, fizeram sua própria guerra. Afirma-se isso e se acredita nisso muito insensatamente e está cheio de futilidade e de uma leviandade extrema. 71. Mas, entretanto, afastadas e rejeitadas essas fábulas, um deus que se estende através da natureza de cada coisa, através da terra Ceres, do mar Netuno e outros de outras coisas, poder-se-á compreender quais e de que tipo sejam, e com nome que o costume lhes tenha dado é que deveríamos venerá-los e cultuá-los. Ora, o culto aos deuses é o melhor e, além disso, o mais casto, o mais santo e muito cheio de piedade, supondo que sempre os veneremos com mente e voz puras, íntegras e sinceras. Pois não somente os filósofos, mas também nossos antepassados distinguiram superstição de religião. 72. Assim, os que dias inteiros suplicavam e sacrificavam para que seus filhos sobrevivessem a si, foram chamados supersticiosos,<sup>134</sup> e essa palavra se espalhou depois mais largamente; ao passo que os que escrupulosamente se ocupavam com e por assim dizer recolhiam tudo o que dizia respeito ao culto dos deuses foram chamados religiosos a partir de recolher, como escolhidos de escolher, de acolher acolhidos e de inteligir inteligentes,<sup>135</sup> de fato, em todas essas palavras há o sentido de colher, o mesmo que em religioso. Assim, quanto a supersticioso e religioso, formou-se, no primeiro, uma designação de defeito, no segundo, uma de elogio. E parece-me ter mostrado suficientemente que os deuses existem e de que natureza sejam.

XXIX. 73. “A próxima tarefa é mostrar que o mundo é dirigido pela providência dos deuses. Realmente importante é a questão e pelos vossos, ó Cota, atacada, e ainda há certamente toda uma contenda convosco. Mas de vós, Veleio, bem pouco conhecido é o modo como cada problema é expresso; de fato, somente ledes os vossos escritos, gostais das vossas argumentações e condenais os outros sem examinar-lhes as razões. Assim, por ti em pessoa no dia anterior foi afirmado que

<sup>134</sup> Em latim: *ut sibi sui liberi superstites essent supersticiosi sunt appellati*. Note: **superstites essent** (sobrevivessem), **superstitiosi** (supersticiosos).

<sup>135</sup> Em latim: *religiosi ex relegendo, ut elegantes ex eligendo ex diligendo diligentes ex intellegendo intellegentes*. Note: **religiosi** (religiosos), **ex relegendo** (de recolher); **elegantes** (escolhidos), **ex eligendo** (de escolher); **diligentes** (acolhidos), **ex diligendo** (de acolher); **intellegentes** (inteligentes), **ex intellegendo** (de inteligir).

uma velha profética, a *prônoia*, pelos estóicos é que foi difundida,<sup>136</sup> isto é, a providência; e disseste isso por este equívoco: porque julgas que a providência é imaginada por eles de alguma maneira como certa deusa isolada que governaria e regeria o mundo inteiro. 74. Mas isso está dito de maneira abreviada: assim como, se alguém diz que a república dos atenienses é dirigida por um conselho, faltaria o termo ‘do Areópago,’ da mesma forma, quando dizemos que o mundo é governado pela providência, pensa que está faltando ‘dos deuses,’ e considera ser dito plena e perfeitamente assim: o mundo é governado pela providência dos deuses. Dessa maneira, esse teu sal, de que carece vossa gente, não queirais consumi-lo ridicularizando-nos, e, por Hércules, mesmo se me ouvis, certamente tampouco o experimentais; não é decoroso, não é concedido, não sois capazes. E isto não mais convém a ti sozinho, polido pelos costumes nacionais e pelo refinamento de nossos homens, mas, de uma maneira geral, convém aos demais vossos e, em particular, àquele que inventou essas coisas, homem sem arte, sem cultura literária, que insulta a todos, sem nenhuma agudeza intelectual, sem autoridade e sem jovialidade. XXX. 75. Digo, então, que é pela providência dos deuses que o mundo e todas as suas partes foram constituídas no início e são governadas a todo momento; e essa discussão é em três partes que os nossos ordinariamente a dividem, das quais primeira é a que se deduz daquela argumentação que mostra que os deuses existem; admitido isso, deve-se confessar que o mundo é governado pelo conselho deles. Segunda é a que ensina que todas as coisas foram submetidas a uma natureza sensível e por esta tudo é guiado da maneira mais bela; estabelecido isso, segue-se que essas coisas foram geradas por princípios animados. Como terceiro é o argumento que provém da admiração pelas coisas celestes e terrestres.

76. “Primeiramente, então, ou deve-se negar que os deuses existem, e isso tanto Demócrito, representando simulacros como Epicuro imagens, de certo modo afirmam, ou as pessoas que admitem que os deuses existem por elas deve ser admitido que eles fazem alguma coisa e alguma coisa maravilhosa; ora, nada é mais maravilhoso que o governo do mundo; é governado, portanto, pelo conselho dos deuses. E se isto fosse de outra maneira, haveria algo, certamente seria necessário, melhor e dotado de força maior que um deus, seja isso qual for, ou uma natureza

---

<sup>136</sup> Vide I, 18, 20, 22.

inanimada ou uma necessidade por grande força estimulada realizando estas belíssimas obras que vemos; 77. não seria, portanto, a natureza dos deuses poderosíssima nem superior, se de fato estivesse sujeita àquela ou necessidade ou natureza pela qual céu, mares e terras seriam dirigidos. Mas nada é superior ao deus; por ele, então, é necessário que o mundo seja governado; por conseqüência, a nenhuma natureza é obediente ou sujeito, logo, ele próprio governa toda a natureza. Com efeito, se admitimos que os deuses são inteligentes, admitimos também que são providentes e das coisas ainda as mais importantes. Assim, será que ignoram quais coisas sejam as mais importantes e de que modo devam ser administradas e conservadas, ou não possuem a força pela qual poderiam sustentar e gerir tantas coisas? O desconhecimento destas, porém, é contrário à natureza dos deuses e a dificuldade de sustentar seu encargo por fraqueza de nenhum modo quadra com a majestade deles. Daí se conclui o que afirmamos, que o mundo é governado pela providência dos deuses. **XXXI. 78.** Certamente é necessário, já que os deuses existem (se, todavia, existem, como seguramente existem), que sejam animados, e não só animados, mas também possuidores de razão e congregados entre si por uma quase união e sociedade civis, dirigindo um único mundo como uma comum república e uma cidade. 79. Segue-se que haja neles a mesma razão que no gênero humano, a mesma verdade esteja em ambas as partes e a mesma lei, que é o ensinamento do correto e o afastamento do mal. Disso se compreende que a prudência também e a mente chegaram aos homens da parte dos deuses; é por esse motivo que nas instituições dos antepassados a Mente, a Boa-Fé, a Virtude e a Concórdia<sup>137</sup> foram imortalizadas e publicamente consagradas, as quais quem concordaria em afirmar que não estejam entre os deuses, visto que veneramos suas augustas e santas imagens? Ora, se estão no gênero humano a mente, a boa-fé, a virtude e a concórdia, de onde é que estas teriam podido confluir à terra senão dos superiores? Já que há em nós reflexão, razão e prudência,<sup>138</sup> é necessário que os deuses as tenham maiores, e não apenas tenham, mas também as usem nas mais importantes e melhores coisas; **80.** ora, nada é mais importante nem melhor que o mundo; é necessário, então, que seja governado pelo conselho e providência dos deuses. Enfim, como temos suficientemente mostrado que estes são os deuses, cuja notável força e luminoso

<sup>137</sup> Ver acima notas 102, 103, 104 e 108.

<sup>138</sup> No original: *consilium, ratio, prudentia*.

aspecto veríamos, o sol quero dizer, a lua, as estrelas errantes e fixas, o céu, o próprio mundo e a força daquelas coisas que estão em todo o mundo para grande utilidade e comodidade do gênero humano, daí se conclui que tudo é regido pela mente e prudência divinas. Da primeira parte, então, se disse suficientemente.

**XXXII. 81.** “Em seguida, mostro que tudo está sujeito à natureza e que por ela é dirigido da maneira mais bela. Mas antes é preciso brevemente explicar o que seja a própria natureza, para que mais facilmente seja possível compreender o que queremos mostrar. Pois alguns julgam que a natureza seja determinada força sem razão que provoca os movimentos necessários nos corpos, outros, porém, uma força participe de razão e ainda de ordem avançando como por um trajeto e fazendo ver claramente o que e por causa de que coisa realiza o que segue, cuja engenhosidade nenhuma arte, mão nenhuma e nenhum artista poderia atingir imitando-a; de fato, tamanho é o vigor da semente, afirmam, que, embora seja bem pequenina, entretanto, se tiver caído numa natureza que a acolha e a encerre e encontrado matéria com a qual possa alimentar-se e fazer-se crescer, de tal modo enforma e completa cada detalhe em seu gênero, que, em parte, apenas através de suas raízes se alimentam, em parte, são capazes de mover-se, sentir, desejar e de si gerar semelhantes a si. **82.** Mas há quem chame a tudo pelo nome de natureza, como Epicuro, que a divide assim: de tudo o que existe são natureza os corpos, o vazio e seus acidentes. Mas nós, quando afirmamos que o mundo é constituído da natureza e governado por ela, não a entendemos como um terreno ou um fragmento de pedra ou algo tal com um único princípio de coesão, mas como uma árvore, como um animal, nos quais nenhum acaso, mas ordem aparece e certa semelhança com a arte.

**XXXIII. 83.** Ora, se pela arte da natureza vive e adquire vigor aquilo que proveniente da terra se mantém por raízes, certamente a própria terra se mantém pela mesma força,<sup>139</sup> pois que fecundada por sementes a tudo produz e faz nascer de si mesma, tendo envolvido as cepas as alimenta e as faz crescer e ela mesma se nutre por sua vez dos elementos de cima e externos. E por suas exalações o ar se nutre, o éter e todos os astros. Assim, se a terra é mantida pela natureza e adquire vigor, a mesma razão vale no mundo restante; as raízes, de fato, estão fixas na terra, os seres animados, porém, conservam-se pela aspiração de ar, e o próprio ar conosco vê,

---

<sup>139</sup> Neste lugar, o texto crítico de Plasberg acrescenta *arte naturae*, “pela arte da natureza.”

conosco ouve, conosco soa, pois nada disso pode dar-se sem ele; ainda mais, move-se conosco, pois por onde quer que andemos, por onde<sup>140</sup> nos movemos, ele parece, por assim dizer, dar e conceder o lugar. **84.** Formam uma natureza de mundo contínua e una o que se move para o lugar central do mundo, que é o mais baixo, o que do meio para cima e o que com um giro circular ao redor do centro. E dado que quatro são as espécies de corpos, pela alternância deles é que a natureza é contínua. Pois da terra a água, da água se origina o ar, do ar o éter, depois em sentido inverso por sua vez, do éter o ar, daí a água, da água a terra mais baixa. Assim, a conjunção das partes do mundo consiste nesses elementos dos quais, circulando para cima, para baixo, além, aquém, tudo se constitui. **85.** E essa conjunção ou é necessário que seja sempiterna nesta mesma perfeição que vemos, ou ao menos bastante duradoura, permanente até um tempo muito distante e quase infinito. Admitindo que seja qualquer das duas dessas alternativas, segue-se que o mundo é governado pela natureza. De fato, que navegação de frotas ou que ordenação de exército ou, novamente para colocarmos em paralelo o que a natureza realiza, que procriação de vinha ou de árvore, enfim, que figura de ser animado e disposição de membros mostra tanta engenhosidade da natureza quanta o próprio mundo? Portanto, ou nada há que seja dirigido por uma natureza sensível ou deve-se confessar que o mundo o seja. **86.** Com efeito, quem contém as demais naturezas todas e suas sementes, como pode ele próprio não ser governado pela natureza? Da mesma forma, se alguém dissesse que os dentes e a barba existem por natureza e que o homem mesmo, para quem essas coisas existem, não depende da natureza, não compreenderia que as coisas que produzem algo a partir de si mesmas têm naturezas mais perfeitas do que aquilo que é produzido a partir delas. **XXXIV.** E de todas as coisas que são governadas pela natureza o semeador, plantador e pai, por assim dizer, o formador e alimentador é o mundo, e a tudo nutre e abarca, como membros e suas partes. Ora, se as partes do mundo são governadas pela natureza, é necessário que o próprio mundo seja governado por ela. E seu governo, certamente, nada tem em si que possa ser censurado; porque a partir daqueles elementos naturais que existiam está feito o melhor que pôde ser feito. **87.** Pois bem, que alguém demonstre que teria sido possível algo melhor; mas ninguém

---

<sup>140</sup> Segui o texto crítico de Plasberg: *qua em vez de quacumque.*

jamais demonstrará, e se quiser corrigir alguma coisa ou a tornará pior ou achará falta daquilo que não poderia ser feito.

“Ora, se todas as partes do mundo de tal modo foram estabelecidas que nem poderiam ser melhores para o uso, nem mais belas quanto ao aspecto, vejamos se seriam fortuitas ou se estariam numa tal disposição que de nenhum modo poderiam formar um todo a não ser por uma inteligência dirigente e uma providência divina. Se, depois, são melhores as coisas que foram feitas pela natureza do que as feitas pela arte, e se a arte nada produz sem razão, tanto menos a natureza deve ser considerada desprovida de razão. Que coerência há, então, quando se examinou uma estátua ou um quadro pintado, em saber que uma arte foi empregada, e quando se viu ao longe o curso de um navio, em não duvidar que se desloca pela razão e por uma arte, ou quando se contempla um relógio solar desenhado ou de água, em compreender que as horas são indicadas por uma arte e não por acaso, mas em pensar que o mundo, que abrange essas mesmas artes, seus criadores e a tudo, é desprovido de conselho e de razão? **88**. E se alguém tiver levado à Cítia ou à Britânia esta esfera que há pouco tempo nosso amigo Possidônio fez, cujos giros um a um efetuam com respeito ao sol, à lua e às cinco estrelas o mesmo que se passa no céu em todos os dias e noites separadamente, quem, naquele país bárbaro, duvidaria que a tal esfera tenha sido fabricada conforme a razão? **XXXV**. Mas têm dúvidas, a respeito do mundo do qual tudo nasce e se faz, sobre se foi formado pelo acaso ou por alguma necessidade, ou se por uma razão e mente divina, e julgam que Arquimedes tem mais valor ao reproduzir por imitação os giros da esfera celeste do que a natureza em criá-los, ao passo que em muitos detalhes aqueles giros naturais foram feitos com mais engenhosidade do que estes simulados. **89**. Como, em Ácio, aquele pastor que nunca antes tinha visto um navio, quando ao longe enxergou de um monte o veículo divino e estranho dos argonautas, num primeiro momento admirado e amedrontado, fala desta maneira:

tamanha massa se desliza

fremente do alto-mar com grande estrondo e sopro:

diante de si faz rolar ondas, suscita turbilhões d'água com sua força,

precipita-se deslizando-se avante, o pélago<sup>141</sup> borrifá-a, reflui;

assim, ora crerias cair uma chuva passageira,

ora ser arrastado por ventos ou tempestades algo como

<sup>141</sup> Neste passo, há quem estenda *pelagus*, *i. n.* como objeto direto.

um elevado rochedo solto, ou existir redemoinhos  
 agitados por ondas que vão e vêm,  
 se não for o mar que provoque tais estragos terrestres,  
 ou por acaso Tritão, revirando com seu tridente por baixo  
 as bases de sua caverna até o fundo no mar undoso,  
 desenterre das profundezas ao céu uma massa rochosa.

Primeiramente, hesita sobre qual seja aquela natureza que divisa desconhecida; ao mesmo tempo, vistos os jovens e ouvido um canto:

como ágeis e ardentes golfinhos fremem violentamente  
 com seus focinhos –

semelhantemente, outras muitas observações –

mui semelhante à melodia

de Silvano o que foi cantado e escutado ele reproduz de ouvido.<sup>142</sup>

90. Bem, da mesma forma que este pastor, à primeira vista, julga divisar algo inanimado e vazio de senso, depois, porém, por indicações mais claras começa a supor que natureza seja aquilo sobre que hesitara, assim também os filósofos, se por acaso a primeira aparência do mundo os espantara, em seguida, dado que observassem seus movimentos definidos e iguais e todas as coisas estando sob medida graças a encadeamentos invariáveis e a uma constância imutável, deveriam ter compreendido que existe alguém nesta casa celeste e divina, não só como habitante, mas também como senhor, dirigente e, por assim dizer, arquiteto de tamanha obra e de tamanho encargo.

XXXVI. “Agora, no entanto, parecem-me nem sequer suspeitar o quanto há digno de admiração nos fenômenos celestes e terrestres. 91. Pois, em primeiro lugar, a terra, situada na parte central do mundo, de todos os lados é circundada por este elemento vivo e respirável, cujo nome é ar – uma palavra grega na verdade, mas, entretanto, já adotada entre nós pelo uso; de fato, é comum como palavra latina. A esse,<sup>143</sup> por sua vez, rodeia o imenso éter, que se constitui dos altíssimos fogos – tomemos de empréstimo também esta palavra e seja dito éter em latim assim como se diz ar, embora Pacúvio traduza:

isto que menciono os nossos nomeiam céu, os gregos éter –

<sup>142</sup> *Ele* refere-se ao pastor de quem Ácio está falando.

<sup>143</sup> Ao ar.

como se, em verdade, um não grego estivesse dizendo isso! ‘Mas fala em latim.’ Pois que raramente ouvimos alguém falando em grego; ele<sup>144</sup> ensina em outro passo:

de origem grega: disso dá mostras a própria maneira de falar.

**92.** Mas voltemos a assuntos mais importantes. Do éter, então, provêm inumeráveis chamas de astros, dentre os quais o principal é o sol que a tudo ilumina com luz muito brilhante, muitas vezes maior e mais amplo que a terra inteira, em seguida os demais astros de grandezas imensas. E esses tamanhos fogos e tão numerosos não só nada prejudicam a terra e as coisas terrestres, mas de tal modo são úteis que, se fossem movidos de sua posição, seria necessário que as terras se consumissem por tais labaredas, devido à suspensão da justa medida e proporção.

**XXXVII. 93.** Neste momento, não deveria me admirar de que haja alguém que esteja convencido de que certos corpos, sólidos e indivisíveis, sejam movidos por sua força e peso e que o mundo seja formado o mais ordenado e o mais belo a partir do encontro fortuito desses corpos? Quem julgue tenha sido possível ocorrer isso, não compreendo por que não pense, se fossem lançadas num lugar em quantidade inumerável as formas das vinte e uma letras, sejam de ouro ou de qualquer material, poder, com elas espalhadas ao chão, formarem-se os *Anais* de Ênio de modo que depois possam ser lidos; e sobre isso não sei se nem mesmo num único verso o acaso poderia ter tanta influência. **94.** E esses, por exemplo, asseguram que a partir de corpúsculos dotados não de calor, não de qualidade alguma (que os gregos chamam *poiôtes*), não de senso, mas se entrechocando às cegas e ao acaso, o mundo foi feito, ou que antes a todo instante do tempo inumeráveis uns nascem, outros morrem, - ora, se o entrecchoque de átomos pode formar o mundo, por que não pode formar o pórtico, por que o templo, por que a casa, por que a cidade, que são menos trabalhosos e, sim, muito mais fáceis? Certamente, de tal modo tagarelam às cegas a respeito do mundo, que me parecem nunca mesmo ter levantado os olhos para este maravilhoso enfeite do céu (que é a região mais próxima). Brilhantemente, então, Aristóteles: **95.** ‘Se existissem,’ diz, ‘os que sempre tivessem habitado debaixo da terra em cômodas e belas moradas que fossem ornadas com estátuas e quadros e providas de todas aquelas coisas de que abundam os que são considerados felizes e, no entanto, nunca tivessem saído acima da terra, e ainda tivessem tomado conhecimento por tradição e

---

<sup>144</sup> Pacúvio

por ouvir dizer de que haveria certo poder e força dos deuses, depois, em algum momento, escancaradas as aberturas da terra, tivesse sido possível sair daquelas ocultas moradas e subir a estas regiões que habitamos: quando, de repente, tivessem visto a terra, os mares e o céu, conhecido a abundância de nuvens e a violência dos ventos, examinado o sol e reconhecido, de um lado, sua grandeza e beleza e, de outro, sobretudo sua ação, e quando a noite tivesse coberto as terras de sombra, então poderiam distinguir todo o céu, matizado e enfeitado com estrelas, a diversidade das luminosidades da lua, ora crescente, ora minguante, o elevar-se e o pôr-se de todos aqueles astros e os cursos constantes e imutáveis em toda a eternidade – quando vissem essas coisas, certamente acreditariam não só que os deuses existem, mas também que estes feitos tão grandiosos são obras deles.’ XXXVIII. 96. Essas palavras mesmas ele disse; quanto a nós, refletamos nas tamanhas trevas quantas se diz que outrora teriam obscurecido, pela erupção dos fogos do Etna, as regiões vizinhas, de tal modo que durante dois dias nenhum homem reconhecia um outro homem, mas quando, no terceiro dia, o sol se pôs a brilhar, então pareciam como que ter voltado à vida: ora, provindo das trevas eternas, se isto mesmo acontecesse, que subitamente vissemos a luz, qual pareceria o aspecto do céu? Mas pela assídua presença cotidiana e pelo costume derivado dos olhos os espíritos se habituam, e não se admiram, nem buscam as razões daquelas coisas que sempre vêm, como se a novidade mais que a grandeza das coisas devesse nos animar para a pesquisa das causas. 97. Pois quem diria que é um ser humano este que, tendo visto os movimentos tão precisos do céu, os encadeamentos tão invariáveis dos astros e todas as coisas formando continuidade e ligadas entre si, negue haver nelas uma razão, mas diga que acontece por acaso o que com quanta sabedoria se realiza e por meio de nenhuma sabedoria não poderíamos compreender? Ou, vendo algo mover-se por algum mecanismo, como uma esfera, como um relógio e como outras coisas em grande número, não duvidamos de que essas obras sejam próprias da razão, ao passo que, observando o impulso rotativo do céu mover-se com prodigiosa rapidez e rodar sem qualquer variação, produzindo as alternâncias que acontecem em todos os anos para grande proveito e conservação de todas as coisas, duvidamos não só de que isso seja feito com razão, mas também de que seja feito com uma razão superior e divina?

98. “É possível agora, colocada à parte a sutileza própria ao discutir, de certo modo contemplar com os olhos a beleza daquelas coisas que dizemos formadas pela

divina providência. **XXXIX.** E, em primeiro lugar, seja visualizada a terra em seu conjunto, colocada na posição central do mundo, sólida, esférica e, além disso, conglobada sobre si mesma devido a sua gravidade, revestida com flores, plantas, árvores e grãos, dos quais todos uma incrível multidão se diversifica numa inexaurível variedade. Acrescenta a isso a vigorosa perenidade das fontes, os líquidos transparentes dos rios, as vestimentas mui verdejantes das margens, as profundidades côncavas das cavernas, as asperidades dos rochedos, as alturas das montanhas que se suspendem e as imensidades das planícies; acrescenta também os veios ocultos de prata e ouro e a ilimitada quantidade de mármore. **99.** Ainda, quais e quão vários os gêneros de bestas, ou domésticas ou selvagens! Que vôos e cantos de pássaros! Que pastagens para os rebanhos! Que vida a dos animais selvagens! Que direi agora do gênero dos homens? Esses, constituídos como habitantes da terra, não permitem que essa se barbarize pela selvageria das feras nem se despovoe pela rudeza das plantas, e graças a essas atividades os campos, as ilhas e os litorais resplandecem diferentes com casas e cidades. E se pudéssemos enxergar essas coisas com os olhos da mesma forma que com a inteligência, ninguém, atentamente observando a terra inteira, duvidaria de uma divina razão. **100.** E, depois, quão grande é a beleza do mar! Que bela visão a de seu conjunto! Que infinidade e variedade de ilhas! Que encantos nas praias e nos litorais! Quantos e quão diferentes os tipos de animais, alguns que submergem, outros que bóiam, outros que nadam e outros presos aos rochedos com suas escamas naturais! E o próprio mar, desejando a terra, de tal modo se exercita em contato com as margens que, de duas naturezas, uma única parece ter se formado. **101.** Em seguida, o mais contíguo ao oceano, o ar se diferencia dia e noite, e ora difuso e tênue, desloca-se para cima, ora espesso, condensa-se em nuvens negras e, acumulando líquido, fertiliza a terra com chuvas, ora circulando aqui e ali, gera os ventos. Ao mesmo tempo, produz as variedades anuais de frios e calores, dá suporte aos vôos dos pássaros e, conduzido pela respiração, alimenta e sustenta os seres animados. **XL.** Resta o mais afastado e o mais recuado de nossas habitações, que se chama éter, enlaçando a tudo e encerrando os complexos do céu, o éter última borda e extremidade do mundo, em que as formas ígneas demarcam seus cursos regulares de uma maneira maximamente digna de admiração. **102.** E dentre essas o sol, por cuja grandeza em muito a terra é superada, gira ao redor desta mesma, além disso, nascendo e morrendo, produz o dia e a noite, e ora se aproximando, mas depois se

afastando, duas vezes em cada ano faz retornos, contrários a partir do ponto mais afastado, em cujos intervalos ora como que por certa tristeza comprime a terra, ora em alternância a torna alegre de modo a parecer bem humorada com o céu. 103. A lua, em seguida, que é, como mostram os astrônomos, maior que a meia parte da terra, circula pelos mesmos espaços que o sol, mas ora caminhando com ele, ora se afastando, não só aquela luz que recebe dele a envia para as terras, como ainda ao mesmo tempo tem as diversas alterações de luminosidade e, além disso, ora sotoposta e oposta ao sol, obscurece seus raios e brilho, ora incidindo sobre a sombra da terra, quando está do lado oposto do sol, pela interposição e intercalação da terra, de repente se eclipsa. E pelos mesmos espaços se movimentam ao redor da terra aquelas estrelas que dizemos errantes e do mesmo modo nascem e têm ocaso, cujos movimentos ora se aceleram, ora retardam e freqüentemente até param. 104. E nada pode ser mais admirável do que tal espetáculo, nada mais belo. Segue a enorme quantidade de estrelas fixas, cuja designação está repartida de tal modo que adquiriram seus nomes pela semelhança com figuras conhecidas.” **XLI**. E, neste ponto, olhando-me atentamente: “servir-me-ei,” diz ele, “dos versos de Arato, que, traduzidos por ti quando eras bem jovem, tanto me agradam, pois estão em latim, que guardo muitos deles na memória. Então, como continuamente vemos com os olhos, sem qualquer alteração ou diversidade

os demais celestes em célere movimento se deslizam  
e simultaneamente com o céu se movem noites e dias,

105. e com a contemplação deles não é possível que se sacie o espírito de ninguém desejoso de ver a invariabilidade da natureza;

e o vértice extremo na ponta do duplo eixo  
diz-se ser o pólo.

Ao redor deste se movem as duas Ursas jamais em ocaso:

uma dessas, entre os gregos, de Cinosura é chamada,  
a outra se diz ser Hélice,

cujas claríssimas estrelas, é certo, divisamos em todas as noites,

as quais os nossos se habituaram a nomear Septentrião;

106. e com igual número de estrelas, semelhantemente separadas, a pequena Cinosura percorre o mesmo vértice do céu:

fiam-se nesta guia noturna os Fenícios em alto-mar;

mas aquela primeira mais separada das estrelas resplende  
e largamente logo desde o início da noite é vista,  
na verdade, é pequena, mas há nela uma utilidade aos marinheiros,  
pois em percurso mais estreito roda com breve giro.

**XLII.** E para que seja mais admirável a vista daquelas estrelas,  
entre elas, como um rio com rápida massa d'água,  
um ameaçador dragão serpeia abaixo e acima, enroscando-se  
e fazendo dobradas sinuosidades com o corpo.

**107.** Se é belíssima sua aparência no conjunto, em particular, deve-se observar  
sobretudo a figura da cabeça e o brilho dos olhos:

a ele não só única, ornando a cabeça, uma estrela reluz,  
mas as têmporas estão com duplo fulgor marcadas  
e dos terríveis olhos duas férvidas luminosidades flamejam  
e ainda o mento com único astro radiante luz;  
a cabeça inclinada mas com o redondo pescoço recurvado,  
que ela o olhar na cauda da Ursa maior fixa dirias.

**108.** E ainda o corpo restante do Dragão discernimos por noites inteiras:  
esta cabeça aqui súbito no oceano se esconde um pouco,  
onde oriente e ocidente misturam seu espaço num só.

Depois, a cabeça

contactando, afadigada como a imagem de alguém triste,  
vira-se,

a qual imagem os gregos, por sua vez,

chamam de o Ajoelhado, pois se apresenta apoiada nos joelhos.

Aqui está posta a de exímio fulgor famosa Coroa.

E essa, ademais, está atrás, ao passo que ao lado da cabeça o Serpentário,

**109.** que com ilustre nome os gregos designam Ofioco.

Este sob pressão dupla das palmas contém a Cobra,

e ainda permanece ligado ao corpo torto dela,

pois a um varão ao meio a serpente sob o peito enlaça.

Aquele porém nitente assenta os passos pesadamente

e aos olhos atormenta com os pés e ao peito do Escorpião.

E ao Septentrião segue

o Arctofilax, que comumente se diz ser o Boiadeiro,

pois como que junta ao timão diante de si persegue à Ursa.

110. E, depois, a esses versos se seguem: já àquele Boiadeiro

sob o precordial fixa se vê

uma estrela cintilante em raios, Arcturo de nome claro,

a cujos pés sotoposta se move

empunhando espiga lustrosa uma Virgem de esplendente corpo.

XLIII. E tão delimitadas são as constelações que em tamanhas distribuições se mostra claramente uma engenhosidade divina:

e aos filhos Gêmeos verás sob a cabeça da Ursa,

sotoposto ao meio dela está o Câncer, e pelos pés é retido

o grande Leão concutindo do corpo trêmula flama.

O Auriga

sob a parte esquerda dos Gêmeos oculto se moverá;

em frente a esse à cabeça de Hélice atrozmente observa,

e a Cabra clara ocupa o ombro esquerdo.

Então, a esses versos se seguem:

mas essa Cabra é dotada de grande e lustroso signo,

contrários, os Bodes lançam aos mortais pequeno fogo.

Sob cujos pés

cornífero está o Touro apoiado em válido corpo.

111. A cabeça deste está aspergida de numerosas estrelas:

a essas os gregos de estrelas Hiadas se habituaram chamar,

a partir de chover (*hýein*, de fato, é chover); os nossos, sem saber, de Súculas, como se fossem de suínos, não denominadas a partir da palavra chuvas.<sup>145</sup> E Cefeu com as palmas abertas segue imediatamente atrás ao Septentrião Menor:

pois gira exatamente às costas da Cinosura Ursa.

A esse precede

de obscura espécie de estrelas Cassiopéia.

E nas vizinhanças desta se move de lustroso corpo

Andrômeda fugindo aflita ao aspecto da progenitora.

A ela o famoso Cavallo agitando a crina de fulgor cintilante

atinge o sumo da cabeça com o ventre, e uma estrela se juntando

---

<sup>145</sup> No original: *sucula* (porca), *sus* (suino, porco), *imber* (chuva).

única obtém as duplas formas de comum luz,  
 cúpida de conjuntar um eterno nó a partir dos astros.  
 Em seguida, Áries está unido com chifres contorcidos;

Perto dele

os Peixes, dos quais um se desliza pouco avante  
 e mais é atingido pelas auras horríferas do Aquilão.

**XLIV. 112.** Aos pés de Andrômeda Perseu se esboça,  
 a quem de suma região os ventos do aquilão espancam;

do qual

vizinhas ao joelho esquerdo em toda parte dispostas  
 as pequenas Pléiades com tênue luz verás.

Daí a Lira colocada e levemente inclinada se vê,  
 daí está o alado Cisne sob a larga abóbada do céu.

E bem perto da cabeça do Cavalo se encontra a direita do Aquário e, seguindo, o  
 Aquário inteiro.

Então uma gélida frieza do válido peito espirando  
 de corpo semi-selvagem o Capricórnio em grande órbita;  
 a quem com perpétua luminosidade vestiu o Titã,  
 no brumal tempo curvando desvia o carro.

**113.** Aí, então, observa-se

como se mostrando emerge o Escorpião ao alto  
 com a força traseira do corpo esticando recurvado<sup>146</sup> Arco,  
 perto do qual nitente nas penas rodeia o Pássaro,  
 e vizinha a Águia a si com ardente corpo se move.

Em seguida, o Golfinho,

depois o Órion com oblíquo corpo nitente.

**114.** Ao qual se seguindo

aquela férvida Canícula com luz de estrelas refulge.

Após, segue a Lebre,

a corrida nunca, cansado o corpo, aquientando;  
 e à cauda do Cão serpeando se desliza a Barca.

A essa Áries cobre e de escamoso corpo os Peixes,  
 quando atinge as margens do Rio com o casco lustroso.

---

<sup>146</sup> Segui o texto crítico de Plasberg: *flexum* em vez de *plexum*.



lugar central dela, acumula-se em toda parte igualmente e jamais transborda nem extravasa. 117. E contíguo a ele, aquele ar se move certamente por leveza para as alturas, mas ao mesmo tempo, entretanto, distribui-se por todas as partes; e assim não só é contínuo e ligado ao mar, mas também por natureza se move para o céu e, temperado pela tenuidade e calor deste, dá um sopro vital e salutar aos seres animados. E circundando-o a suma parte do céu, a qual se diz etéria, não só conserva seu fogo tênue e não abafado por qualquer mistura, mas também se liga à extremidade do ar. XLVI. E no éter os astros giram, os quais não só se mantêm conglobados por sua força de gravidade, mas também com a própria forma e figura sustentam seus movimentos; pois são redondos, às quais formas, como antes parece-me ter dito, de nenhum modo pode-se causar dano. 118. Depois, as estrelas são flamejantes por natureza, em consequência se alimentam dos vapores da terra, do mar e das águas, daqueles que se elevam das terras aquecidas e das águas sob a ação do sol; e por esses alimentadas e renovadas, as estrelas e todo o éter redistribuem os mesmos vapores e novamente os retiram do mesmo lugar, de modo que quase nada se perde ou, na medida, o pouquinho que o fogo dos astros e a chama do éter consomem. E a partir disso os nossos acreditam que há de chegar aquilo a respeito de que afirmavam que Panécio duvidava, que o mundo inteiro se incendiaria até o fim, já que, esgotado por completo o líquido, nem a terra poderia alimentar-se nem retornar o ar, cujo nascimento, toda a água tendo-se secado, não poderia dar-se; que, dessa maneira, nada sobraria a não ser o fogo, do qual novamente, sendo um ser animado e um deus, se faria a renovação do mundo e surgiria o mesmo cosmo. 119. Não quero vos parecer prolixo na consideração das estrelas, e particularmente na das que se dizem errantes; sua harmonia, a partir de movimentos muito dessemelhantes, é tanta que, enquanto a mais elevada estrela de Saturno refrigera, a central, a de Marte, abraça, entre essas interposta a de Júpiter ilumina e tempera, e, abaixo de Marte, duas estão submissas ao sol, o próprio sol com sua luz enche todo o mundo e, por ele iluminada, a lua traz gravidez, parto e maturação do gerar. E bem sei que aquele a quem não comovem esta conjuntura de coisas e este aglomerado, por assim dizer, unânime na conservação do mundo, jamais examinou nada dessas coisas.

XLVII. 120. “Vamos, para vir das coisas celestes às terrestres, que há entre essas em que não se mostre a razão de uma natureza inteligente? Primeiramente, as

estirpes<sup>147</sup> dos vegetais que provêm da terra não só dão estabilidade ao que elas sustêm, mas também retiram do solo a seiva pela qual se alimentam as plantas que dependem de raízes; e os troncos se recobrem de uma entrecasca e de uma casca para que estejam mais protegidos contra os frios e os calores. Já as videiras, por sua vez, prendem-se em arrimos com seus renôvos como se fossem mãos e se levantam tal como os seres animados. Além disso, diz-se que fogem das couves, se estão plantadas perto, como de coisas pestíferas e nocivas, e que não as tocam em nenhuma parte.

**121.** Por outro lado, quão grande é a diversidade dos seres animados e quanta sua força para essa finalidade, no intuito de que cada um permaneça em seu próprio gênero! E dentre aqueles uns são recobertos com couro, outros revestidos de pêlos, outros eriçados de espinhos; vemos uns encobertos com plumagem, outros com escama, outros serem munidos com chifres, outros terem asas para fugir.<sup>148</sup> A natureza, por sua vez, dispôs larga e copiosamente aos seres animados a pastagem que era apropriada a cada um. Poderia enumerar, nas figuras dos animais, qual seja e quão sagaz e sutil a distribuição das partes e quão admirável a fábrica dos membros para ingerir e digerir aquela pastagem. Pois tudo o que certamente está incluso no interior de tal modo é constituído e de tal modo é disposto que nada daquilo é supérfluo, nada é desnecessário para conservar a vida.

**122.** E a mesma natureza deu às bestas senso e apetite, para que com este tivessem o impulso de buscar as pastagens naturais, com aquele separassem o prejudicial do saudável. Por outro lado, os animais se aproximam da pastagem uns caminhando, outros se arrastando, uns voando, outros nadando, e, em parte, tomam o alimento com a abertura da boca e os próprios dentes, em parte, pegam-no com a tenacidade das garras, em parte, com a curvatura dos bicos, uns sugam, outros roem, uns devoram, outros mastigam. E de outros, ainda, tal é a baixa estatura que facilmente alcançam o alimento terrestre com os focinhos; **123.** quanto àqueles que são mais altos, como os gansos, como os cisnes, como os grou, como os camelos, são ajudados pela longura dos pescoços; foi dada também uma tromba ao elefante, porque, devido ao tamanho de seu corpo, tinha difíceis acessos à pastagem.

**XLVIII.** Por outro lado, às bestas, às quais o alimento era tal que se nutriam de bestas de outro gênero, a natureza deu ou forças físicas ou

<sup>147</sup> Neste passo, em vez de traduzir *stirpes* por “raízes”, preferi “estirpes”, que tem o mesmo sentido, para manter o radical “*st*” presente no original nas palavras *stirps* e *stabilitas*, “estirpe e estabilidade.”

<sup>148</sup> Literalmente: “outros terem escapes de penas.”

velocidade. A algumas foi dada também uma espécie de mecanismo e habilidade: por exemplo, entre as pequenas aranhas, umas tecem quase que uma rede para matarem, se algo ficou preso a ela, ao passo que outras...<sup>149</sup> inesperadamente observam e, se algo caiu nela, agarram-no e o consomem. A pina marinha, por sua vez (pois assim se diz em grego), aberta em duas grandes conchas, com um pequeno crustáceo forma uma associação para obter o alimento e, deste modo, quando os pequenos peixinhos nadaram para dentro da concha escancarada, naquele momento, avisada pelo crustáceo, a pina marinha comprime as conchas por uma mordedura; destarte, o alimento é procurado em comum por bestíolas muito diferentes. **124.** E nisso é de se perguntar com admiração se estão unidas entre si por uma espécie de associação ou se pela própria natureza já desde o nascimento. São dignas também de alguma admiração, dentre as bestas aquáticas, as que nascem sobre a terra: por exemplo, os crocodilos, as tartarugas fluviais e certas serpentes, nascidas fora da água, logo que são capazes de se arrastarem, procuram a água. Além disso, freqüentemente colocamos os ovos das patas debaixo das galinhas, dos quais nascidos, os franguinhos primeiramente são alimentados por elas<sup>150</sup> como por mães pelas quais são paridos e aquecidos, depois as abandonam e fogem seguindo, logo que tenham sido capazes de ver a água como sua habitação natural: tanto cuidado de conservar a si mesmo a natureza infundiu nos seres animados. **XLIX.** Li também num escrito que há certa ave que se chama pelicano; que procura para si o alimento voando em direção daquelas aves que mergulham no mar e, depois que essas emergiram e pescaram um peixe, molesta a cabeça delas com uma mordida até que larguem a presa, sobre a qual se lança. Está escrito, ainda, que essa mesma ave costuma se encher de conchas e, quando as digeriu com o calor do estômago, vomita-as, e assim escolhe dentre aquelas partes as que são comestíveis. **125.** Diz-se que as rãs marinhas têm o costume de se recobrirem de areia e de se moverem perto da água, e os peixes, tendo se aproximado delas como de alimento, são mortos e consumidos por elas. O milhano tem certa rixa, por assim dizer, natural com o corvo; logo, um, onde quer que tenha encontrado os ovos do outro, quebra-os. Agora, a isto (observado por Aristóteles, de quem retiramos a maior parte dos exemplos) quem poderia ver sem admirar-se: que os grous, quando atravessam os mares em busca de regiões mais quentes, dispõem-se

---

<sup>149</sup> Há uma lacuna neste lugar.

<sup>150</sup> As galinhas.

no formato de triângulo? E na ponta dianteira deste, o ar que se opõe é repellido por elas; em seguida, gradualmente, o curso das aves é elevado de cada lado pelas asas da mesma maneira que por remos; quanto à base do triângulo, a qual<sup>151</sup> os grous formam, esta é ajudada pelos ventos, por assim dizer, vindos da popa; e elas apóiam os pescoços e as cabeças nas costas das que voam diante; e isso já que ao mesmo tempo o guia não pode fazer, pois não tem onde apoiar-se, voa para trás a fim de também descansar, vindo em seu lugar uma das que já descansaram, e tal alternância se conserva em todo o percurso. 126. Poderia citar muitos exemplos desse tipo, mas percebeis com precisão o geral. Acrescento, ainda, aqueles mais conhecidos: com quanto cuidado as bestas se protegem, como, na pastagem, ficam olhando ao redor de si, como, nas tocas, escondem-se. L. Entretanto, há casos admiráveis, como o fato – o que recentemente, isto é, poucos séculos antes, foi descoberto pela inteligência dos médicos – de que os cães se curam pelo vômito, ao passo que as íbis egípcias limpando os intestinos. Ouviu-se dizer que as panteras, que são capturadas em nação bárbara com carne envenenada, têm determinado remédio graças ao qual não morrem, tendo-se utilizado dele, ao passo que as cabras selvagens em Creta, quando são trespassadas com flechas envenenadas, procuram uma erva que se chama poejo, e, quando a degustam, dizem que as flechas saem espontaneamente do corpo. 127. E as corças, um pouco antes de parirem, limpam-se inteiramente com certo matinho que se diz sesela. Vemos, ainda, estes exemplos: como cada besta se defende com suas armas contra a violência e o medo, os touros com os chifres, os javalis com os dentes, os leões com a mordedura; umas se protegem com a fuga, outras se escondendo, as sibas com o derramamento de um líquido escuro, os torpedos com o torpor,<sup>152</sup> muitas, ainda, repelem os que as perseguem com o fedor insuportável de uma exalação.

LI. “Mas, para que o enfeite do mundo fosse perpétuo, grande cuidado foi empregado pela providência dos deuses para que sempre existissem os gêneros das bestas, das árvores e de todas as coisas que são abraçadas pelo solo nas raízes.<sup>153</sup> E aquelas, com certeza todas, têm em si uma tal força na semente que de um só se gera uma pluralidade, e essa semente está encerrada na parte mais interna daquelas frutas que se espalham em cada galho; e graças às mesmas sementes tanto os homens se

<sup>151</sup> Segui aqui o texto crítico de Plasberg: *quam* em vez de *quem*.

<sup>152</sup> *Siba* e *torpedo* são espécies de peixe. “Os torpedos com o torpor” conserva o jogo do original *torpore torpedines*.

<sup>153</sup> É possível também: “...que dependem de raízes vindas do solo.”

alimentam à saciedade como a terra se enche de novo pela renovação das plantas do mesmo gênero. **128.** Para que falar da tão grande disposição que se mostra nas bestas para a conservação perpétua de sua espécie? De fato, primeiramente, umas são machos, outras, fêmeas, e isso a natureza maquinou em vista da perpetuidade; depois, as partes do corpo bem apropriadas para procriar e conceber e, tanto no macho como na fêmea, os maravilhosos desejos de unir os corpos. Porém, depois que a semente se instalou nas partes genitais, subtrai para si quase todo nutriente e lá protegida<sup>154</sup> forma o animal; e quando esse, escorregado do útero, sai involuntariamente, naqueles seres animados que se nutrem de leite, quase todo alimento das mães passa a converter-se em leite, e os que um pouco antes acabaram de nascer procuram sem instrução as mamas sob a guisa natureza e se saciam da abundância delas. Ademais, para que compreendamos que nada dessas coisas é fortuito e que todas são obras de uma natureza providente e inteligente, as que procriam ninhadas numerosas, como as porcas, como as cadelas, foi-lhes dada grande quantidade de mamas, e dessas mesmas têm poucas aquelas bestas que geram pouco. **129.** Que direi de quanto seja o amor das bestas no nutrir e proteger aos que procriaram, até o momento em que sejam capazes de sozinhos se defenderem? Contudo os peixes, como se diz, abandonam os ovos quando os põem, já que na água estes facilmente são conservados e fazem nascer o feto. **LII.** Por outro lado, dizem que as tartarugas e os crocodilos, depois de deitar na terra o que pariram, recobrem os ovos e, em seguida, afastam-se; destarte, sozinhos nascem e se nutrem por si. Já as galinhas e as demais aves não só procuram um lugar calmo para darem à luz, mas também constroem para si nichos e ninhos e os calçam por baixo o quanto podem da maneira mais macia para que os ovos se conservem o mais facilmente possível; e quando, bicando, fazem sair dos ovos os filhotinhos, protegem-nos de tal modo que os aquecem com as asas para que o frio não lhes faça mal e, se há calor vindo do sol, colocam-se diante. Quando, porém, os filhotinhos são capazes de se servirem das asinhas, as mães, nesta fase, acompanham seus vôos e desvencilham-se do cuidado restante. **130.** Ajuntam-se, ainda,<sup>155</sup> para a conservação e saúde de alguns seres animados e daquelas coisas que a terra produz, também a habilidade e atenção dos homens. Pois há muitos animais e plantas que não podem ficar em bom estado sem o cuidado dos homens.

<sup>154</sup> É possível: “e revestida por este (alimento)”, “e rodeada por este.” “Lá” remete a “partes genitais.”

<sup>155</sup> Segui o texto crítico de Plasberg: *Accedit etiam* em vez de *Accedit* apenas.

“Ademais, encontram-se grandes condições favoráveis para o gênero de vida e a opulência dos homens, umas em uns, outras em outros lugares. O Nílo rega o Egito e, quando o manteve inundado e cheio no verão inteiro, então retira-se e deixa os campos afogados e enlameados para semear. O Eufrates torna fértil a Mesopotâmia, na qual todos os anos, por assim dizer, introduz novos campos. Quanto ao Indo, que é o maior de todos os rios, não só aduba e afofa os campos com sua água, mas também os semeia; pois se diz que arrasta consigo grande quantidade de sementes semelhantes a grão. **131.** Poderia citar muitos outros exemplos célebres em outros lugares, muitos outros campos produtivos de outros frutos. **LIII.** Mas quão grande a generosidade da natureza, pois dá para alimento tão numerosos produtos, tão variados e tão agradáveis, e esses não numa única estação do ano para que sempre fiquemos satisfeitos com a renovação e a abundância! Depois, quão oportunos ofereceu os ventos Etésias, quão salutares não só ao gênero humano, mas também ao dos animais e, enfim, a tudo que nasce do solo, por cujo sopro os calores excessivos são temperados e também pelos mesmos são dirigidas, com rapidez e precisão, as viagens marítimas. Numerosos exemplos devem ser omitidos [e, no entanto, muitos estão sendo ditos]. **132.** De fato, é impossível enumerar as condições favoráveis dos rios, as agitadas ondas marítimas que muito se aproximam e se retiram, as montanhas cobertas de vegetação e selvas, as salinas afastadíssimas da orla marítima, a terra abarrotada de medicamentos salutares, enfim, os incontáveis expedientes necessários para a alimentação e para a vida. Já a alternância do dia e da noite conserva os seres animados atribuindo-lhes um tempo para agir, outro para descansar. Assim, em toda parte, por todos os meios, conclui-se que tudo neste mundo é admiravelmente governado por uma mente e uma deliberação divina para o bem-estar e conservação de todas as coisas.

**133.** “Aqui, alguém perguntará: em vista de que, então, fez-se a construção de tamanhas coisas? Das árvores e das plantas, que, embora sejam sem senso, são mantidas pela natureza? Mas isso, com certeza, é absurdo. Ou das bestas? Não é nem um pouco provável que os deuses tenham trabalhado tanto em vista de seres mudos e que não compreendem coisa alguma. Então, em vista de quais poder-se-ia dizer que o mundo foi feito? Evidentemente, em vista daqueles seres animados que fazem uso da razão; esses são os deuses e os homens, e seguramente nada é melhor do que eles,

pois a razão é o que supera a tudo. Assim, faz-se crível que é em vista dos deuses e dos homens que o mundo foi feito e tudo o que nele se encontra.

**LIV.** “E mais facilmente compreender-se-á que da parte dos deuses imortais se teve cuidado com os homens, se forem examinadas atentamente a estrutura inteira do homem e toda a configuração e perfeição da natureza humana. **134.** A vida dos seres animados, na realidade, é mantida por três coisas: comida, bebida e respiração, e a boca é a mais apropriada para recolher todas essas, pois, com a adunção do nariz, é favorecida na respiração. Ademais, pelos dentes enfileirados na boca a comida é mastigada e por eles é esmigalhada e amolecida. Dentre aqueles, os incisivos<sup>156</sup> dividem os alimentos, ao passo que os do fundo, que se chamam molares, trituram-nos, e essa trituração parece ser ajudada também pela língua. **135.** Em seguida, imediatamente após a língua, unindo-se às suas bases, vem o esôfago, no qual primeiramente se afunda tudo o que foi recebido pela boca. Ele, tendo contato com as amídalas de um e outro lado, é limitado pelo final e o mais interior do céu da boca. E, depois que recebeu a comida engolida e, por assim dizer, empurrada pela atividade e movimentos da língua, expele-a: aquelas suas partes, então, que se encontram abaixo do que foi engolido, dilatam-se, ao passo que as de cima se estreitam. **136.** Mas, já que a traquéia – pois assim é chamada pelos médicos – tem uma abertura adjunta às bases da língua pouco acima de onde o esôfago se une a esta e, estendendo-se até os pulmões, recebe o ar que é conduzido pela respiração e, exalando-o dos pulmões, o faz sair fora, é resguardada como que por certa tampa que foi dada por este motivo: para que a respiração não seja impedida se por acaso alguma comida tenha caído nela.<sup>157</sup> Mas, visto que a estrutura do intestino, sotoposta ao estômago, seja o receptáculo da comida e da bebida, ao passo que os pulmões e o coração tomam de fora o fôlego, muitas coisas maravilhosas foram feitas no intestino, que pela maior parte se constitui de nervos; é também cheio de dobras e sinuoso, encerra e contém o que recebeu, seja seco ou líquido, de modo que isso possa ser transformado e digerido, ora se comprime, ora se dilata, e tudo o que acolheu em si ajunta e mistura, para que facilmente tanto pelo calor, do qual possui bastante, tanto pelo triturar a comida como, ademais, pela respiração, tudo, digerido e moído, seja distribuído pelo resto do corpo. **LV.** Por outro lado, nos pulmões há certa porosidade e elasticidade à

<sup>156</sup> Literalmente, “os cortantes dianteiros.”

<sup>157</sup> Na traquéia.

semelhança de esponjas, apropriadíssimas para absorver a respiração, os quais, ora se contraindo, expiram, ora na respiração, dilatam-se, para que com freqüência se introduza o alimento animador do qual sobretudo se nutrem os seres animados. **137.** E dos intestinos, separado do resto da comida, aquele suco pelo qual somos nutridos penetra no fígado através de determinadas vias a partir do meio do intestino até a entrada daquele (pois assim é chamada), condutoras e diretas que se estendem até o fígado e a ele aderem; e daí outras se estendem a outro lugar, através das quais se precipita o nutriente escorrido do fígado. Quando daquele suco estão separados a bÍlis e aqueles líquidos que se despejam dos rins, os restos se transformam em sangue e confluem para a mesma entrada do fígado, na qual desembocam todas as suas vias; e transcorrido através dessas, o suco neste exato lugar se difunde naquela veia que se chama cava e através dela moído e já digerido chega ao coração; por fim, a partir do coração é distribuído pelo corpo inteiro através de veias um tanto numerosas que se ramificam por todas as partes do corpo. **138.** E de que maneira as partes restantes da comida são expelidas dos intestinos que num momento se comprimem, noutro se relaxam, realmente não é difícil de se dizer, mas, entretanto, deve-se omiti-la para que a exposição não tenha algo de desagradável. De preferência seja descrito aquele incrível mecanismo provindo da natureza, a saber: o ar que é conduzido aos pulmões pela aspiração se aquece primeiramente pela própria aspiração, depois pelo contato com os pulmões, e uma porção dele é exalada respirando, outra é absorvida por determinada parte do coração à qual chamam ventrículo, e, semelhante a esse, está adjunto um outro em que penetra o sangue vindo do fígado através daquela veia cava; e, dessa maneira, de todas as partes tanto o sangue se difunde por todo o corpo através das veias como o ar aspirado através das artérias; ora, uma e outra, espessas e numerosas, entrelaçadas pelo corpo inteiro atestam certa força incrível de uma obra artística e divina. **139.** Que direi dos ossos? Esses, colocados como suportes ao corpo, têm juntas admiráveis, aptas para a firmeza e apropriadas para dispor as articulações tanto ao movimento como a toda atividade do corpo. A isso acrescenta os músculos, pelos quais as articulações são conectadas, e seu entrelaçamento se espalhando pelo corpo inteiro, os quais, como as veias e as artérias prolongadas e saídas<sup>158</sup> do coração, são conduzidos por todo o corpo.

---

<sup>158</sup> Segui o texto crítico de Plasberg: *tractae et projectae* em vez de *tracti et projecti*.

**LVI. 140.** “A esta providência da natureza tão diligente e tão engenhosa, muitos exemplos podem-se ajuntar, a partir dos quais se compreende quantas coisas e quão notáveis foram concedidas aos homens pelos deuses. Primeiro, ela os constituiu, levantados do humo, altos e eretos para que, olhando o céu, pudessem tomar conhecimento dos deuses. Pois os homens são provindos da terra não como cultivadores e habitantes, mas como que contempladores das coisas do alto e do céu, cujo espetáculo não cabe a nenhum outro gênero de seres animados. Os sentidos, depois, intérpretes e anunciadores das coisas, foram feitos e colocados na cabeça como numa alta cidadela maravilhosamente para os usos necessários. Os olhos, de fato, como os observadores, ocupam o lugar mais alto e, percebendo a partir deste numerosas coisas, cumprem sua obrigação; **141.** e as orelhas, como devem perceber o som que por natureza é levado para cima, justamente foram colocadas nas partes altas dos corpos; de modo semelhante, as narinas, de um lado, visto que todo cheiro é levado para cima, justamente estão no alto e, de outro, porque é delas o principal parecer sobre a comida e a bebida, não sem motivo seguiram a proximidade da boca. Já o paladar, que deve sentir as qualidades das coisas de que nos alimentamos, tem lugar naquela parte da boca na qual a natureza abriu um caminho às comidas e às bebidas. O tato, por sua vez, está espalhado uniformemente pelo corpo inteiro, para que possamos sentir todos os golpes e as mínimas impressões de frio e de calor. E, concluindo, da mesma maneira que, nas construções, os arquitetos desviam dos olhos e das narinas dos proprietários as coisas que, necessariamente se derramando, viriam a ter algo de asqueroso, assim a natureza apartou para longe dos sentidos semelhantes dejetos.

**LVII. 142.** “Que artífice, em verdade, exceto a natureza, e nada pode ser mais hábil do que ela, teria sido capaz de executar nos sentidos tamanha engenhosidade? Primeiramente, ela cobriu e protegeu os olhos com membranas muito finas, as quais, por um lado, fez transparentes para que se pudesse ver através delas e, por outro, resistentes para que pudessem conservá-los; mas fez os olhos escorregadiços e móveis para que pudessem tanto se desviar, se algo os prejudicasse, como facilmente voltar a visão para onde quisessem; e o próprio pontinho pelo qual vemos, que se chama pupila, de tal modo é pequeno que com facilidade evita as coisas que poderiam prejudicá-lo, e as pálpebras, que são as coberturas dos olhos, molíssimas no contato para não ferirem a pupila, da maneira mais apropriada foram foadas tanto para

recobrir as pupilas, para que algo não caia sobre, como para descobri-las, e isso a natureza providenciou para que se pudesse fazer repetidamente com a maior rapidez.

143. E as pálpebras são munidas como que de uma muralha de pêlos, com os quais, seja enquanto os olhos estão abertos, se por acaso algo cai sobre, é repellido, seja durante o sono quando estão fechados, já que não precisamos dos olhos para ver, para que descansem como que envoltos. Além disso, os olhos estão alojados de maneira proveitosa e por todo lado são rodeados em suas partes altas; primeiramente, de fato, as bandas de cima, recobertas pelas sobrancelhas, afastam o suor que escorre da cabeça e da testa; depois, as pálpebras sotopostas e levemente salientes os protegem pela parte inferior; e o nariz de tal modo foi colocado que parece ser quase um muro interposto entre os olhos.

144. Quanto à audição, sempre está alerta, pois também dormindo precisamos de seu sentido e, depois que um som foi recebido por ele, certamente somos despertados. Tem um caminho cheio de curvas, para que nada possa entrar, o que aconteceria se tivesse uma abertura simples e direta; providenciou-se ainda para que, se algum inseto minúsculo tentasse invadir, ficasse preso às ceras das orelhas como numa cola. No lado de fora, em seguida, salientam-se as que são chamadas orelhas, feitas tanto para cobrir e proteger o sentido como para que não se percam e não se extraviem os sons lançados antes que o sentido seja impressionado por eles. Mas as orelhas têm entradas firmes, semelhantes a cornos e com muitas curvas, pois por essas propriedades o som repercutido é amplificado; por isso, nas cítaras, há ressonância na concha ou na caixa harmônica e os sons, a partir de lugares sinuosos e ocultos, repercutem-se mais amplificados.

145. Semelhantemente, as narinas, que sempre estão abertas por causa das utilidades necessárias, têm entradas mais estreitas a fim de que não seja possível penetrar nelas algo que prejudique; e sempre têm uma umidade não inútil para repelir a poeira e muitas outras coisas. O paladar está excelentemente enclausurado, pois é contido pela boca de maneira apropriada tanto para o uso como para a conservação de seu bom estado.

LVIII. “E todos os sentidos dos homens em muito são superiores aos sentidos das bestas. Primeiramente, porque naquelas artes cujo juízo é próprio dos olhos, nas figuras pintadas, talhadas e esculpidas, também no movimento e gesto dos corpos, os olhos distinguem muitas coisas com mais precisão, visto que das cores e das figuras são eles que julgam a beleza, o arranjo e, por assim dizer, a adequação; e também

quanto a outras coisas mais importantes, reconhecem, por exemplo, as virtudes e os vícios, o irado e o bondoso, o alegre e o amargurado, o corajoso e o covarde, o ousado e o medroso. **146.** E, igualmente, é próprio das orelhas um admirável e hábil juízo, pelo qual são julgadas, nos sons da voz, nos das flautas e nos das cordas, a variedade, os intervalos e a distinção das notas, e múltiplos tipos de timbre, o sonoro e o abafado, o suave e o rouco, o grave e o agudo, o macio e o ríspido, os quais são julgados somente pelas orelhas dos homens. E, do mesmo modo, das narinas, do paladar e, por certa parte, do tato, importantes são os juízos. E para entreter e desfrutar esses sentidos, foram inventadas artes mais numerosas, na verdade, do que eu desejaria. Pois é evidente até onde chegaram as composições de perfumes, até onde os preparos das comidas, até onde os enfeites sedutores dos corpos.

**LIX. 147.** “Por outro lado, quem não reconhece com clareza que o próprio espírito, a mente, a razão, o conselho e a prudência do homem foram inteiramente feitos pelo cuidado divino, ele mesmo me parece carecer justamente dessas coisas. E enquanto eu discutir a respeito disso, desejaria, ó Cota, que me fosse dada a tua eloquência. Pois de que maneira dirias essas coisas! Primeiramente, quanta inteligência haveria em nós, depois a união e a percepção das idéias seguintes com as anteriores; a partir disso naturalmente julgamos qual e de que coisas se tira uma consequência e isso é com a razão que concluímos, definimos cada coisa e as circundamos com precisão; a partir disso se compreende o quanto a ciência tem força e qual seja, à qual nem mesmo no deus existe alguma coisa superior. Quão importantes, na verdade, são aquelas afirmações que vós, Acadêmicos, invalidais e suprimis, só porque pelos sentidos e pelo espírito percebemos e compreendemos as coisas que estão fora de nós; **148.** e a partir dessas, contrapostas entre si e comparadas, também criamos as artes necessárias em parte para as necessidades da vida, em parte para o deleite. Além disso, soberano das coisas, como vós costumais dizer, o poder da fala quanto é ilustre e quanto é divino: ele, primeiramente, faz com que possamos não só aprender o que ignoramos, mas também ensinar a outros o que sabemos; depois, por ele exortamos, por ele persuadimos, por ele consolamos os aflitos, por ele desviamos do medo os amedrontados, por ele refreamos os alegres em demasia, por ele aquietamos as paixões e as iras, é ele que nos uniu numa sociedade de direito, de leis e de cidades, é ele que nos separou de uma vida grosseira e selvagem. **149.** E, além disso, quanto ao exercício da fala, é incrível, se

escrupulosamente se lhe dê atenção, com quanto cuidado a natureza a imaginou. Pois, vinda primeiramente dos pulmões, a traquéia se estende até o fundo da boca, e através daquela, retirando da mente seu início, a voz é acolhida e difundida. Depois, na boca está situada a língua, delimitada pelos dentes; esta modela e reduz a voz desordenadamente proferida e torna seus sons distintos e pronunciados ao tanger os dentes e as outras partes da boca. E, desta maneira, os nossos costumam dizer que a língua é semelhante a uma palheta, os dentes a cordas e as narinas àquelas caixas harmônicas que, nas músicas, ressoam ao lado das cordas.

**LX. 150.** “Por outro lado, quão apropriadas mãos e quão servidoras de numerosas artes a natureza deu ao homem! De fato, a fácil contração dos dedos e a fácil extensão, devido às moles juntas e articulações, não encontram dificuldade<sup>159</sup> em nenhum movimento. Por isso, com o movimento dos dedos, a mão é apropriada para pintar e modelar,<sup>160</sup> para esculpir e para tirar os sons das cordas e das flautas. E essas coisas são próprias do deleite, estas da necessidade, isto é, o cultivo dos campos e a construção de casas, as coberturas dos corpos, ou tecidas ou costuradas, e toda fabricação de bronze e ferro; disso se compreende que conseguimos tudo pelas mãos dos artesãos aplicadas às descobertas graças ao espírito e às percepções graças aos sentidos, para que pudéssemos estar abrigados e vestidos e salvos, e tivéssemos cidades, muros, habitações e templos. **151.** Além disso, pelas obras dos homens, isto é, pelas mãos, encontram-se também uma diversidade e uma abundância de alimento. De fato, por um lado, os campos dão muitos produtos preparados com a mão, os quais ou logo são consumidos ou, guardados em segurança, são mantidos por longo tempo; por outro, alimentamo-nos ainda de bestas, sejam terrestres, sejam aquáticas, sejam voláteis, em parte capturando-as, em parte criando-as. Fazemos também os transportes com nossa ação de domar os quadrúpedes, cuja velocidade e força acrescentam a nós próprios força e velocidade; nós impomos cargas em certas bestas, nós jugos, nós usamos dos aguçadíssimos sentidos dos elefantes, nós do faro dos cães para nosso proveito, nós extraímos das cavernas da terra o ferro, coisa necessária para cultivar os campos, nós encontramos escondidos no fundo os veios de bronze, de prata, de ouro, não só próprios para o uso como convenientes para o enfeite. Servimo-nos, ademais, do corte de árvores e de toda madeira, seja plantada ou da floresta, em

<sup>159</sup> É possível: “não se cansam em...”.

<sup>160</sup> Segui a edição de Plasberg: *ad pingendum fingendum* em vez de *ad pingendum, ad fingendum*.

parte, aplicando fogo para aquecer o corpo e para amolecer o alimento, em parte, para construir, a fim de que, protegidos nas casas, afastemos os frios e os calores; **152.** a madeira verdadeiramente é de grande utilidade para se fazer navios, por cujas viagens são fornecidos de todos os lugares todos os bens para a vida; somente nós temos o controle das coisas violentíssimas que a natureza criou, do mar e dos ventos, devido ao conhecimento das coisas náuticas, e desfrutamos e usamos dos fenômenos marítimos. Semelhantemente, está no homem todo o domínio das comodidades terrestres: nós desfrutamos das campinas, nós das montanhas, nossos são os rios, nossos os lagos, nós plantamos os grãos, nós as árvores, nós damos fecundidade às terras pelas canalizações das águas, nós retemos, direcionamos e desviamos os rios, enfim, com nossas mãos tentamos fazer na natureza das coisas como que outra natureza.

**LXI. 153.** “E que mais? A razão dos homens não penetrou até o céu? Pois apenas nós dentre os animais conhecemos dos astros o levantar-se, o pôr-se e os percursos, é pelo gênero humano que se delimitaram o dia, o mês e o ano, que foram conhecidos os eclipses do sol e da lua e prefixados para todo o tempo futuro, quais, quantos e quando haveriam de dar-se. E, observando isso, o espírito chega ao conhecimento dos deuses, do qual nasce a piedade, a que estão ligadas a justiça e as demais virtudes, das quais provém uma vida feliz parecida e semelhante à dos deuses, em nenhuma outra coisa a não ser na imortalidade, que nada concerne ao bem viver, sendo inferior aos celestes. Expostas essas coisas, pareço ter suficientemente mostrado o quanto a natureza do homem ultrapassa a todos os animais; disso deve-se compreender que nem a figura e a disposição dos membros, nem o poder da inteligência e da mente foram capazes de se fazerem tais por acaso.

**154.** “Resta mostrar e enfim concluir que todas as coisas que estão neste mundo, das quais os homens se servem, é em vista deles que foram feitas e preparadas.

**LXII.** “Primeiramente, o próprio mundo foi feito em vista dos deuses e dos homens e o que nele está foi preparado e imaginado para benefício dos homens. De fato, o mundo, por assim dizer, é a casa comum dos deuses e dos homens ou a cidade de uns e outros, pois somente os que se utilizam da razão vivem conforme o direito e a lei. Portanto, da mesma forma que se deve supor que Atenas e Lacedemônia foram fundadas em vista dos atenienses e dos lacedemônios e que tudo o que está nessas

idades diz-se pertencer por justiça a esses povos, assim todas as coisas que se encontram em todo o mundo devem ser consideradas dos deuses e dos homens. **155.** Além disso, as órbitas do sol, da lua e dos demais astros, embora tenham também como fim a coesão do mundo, no entanto oferecem em acréscimo um espetáculo aos homens; pois nenhuma visão é mais insaciável, nenhuma mais bela e mais eminente quanto à razão e à engenhosidade; por exemplo, tendo demarcado seus percursos, ficamos conhecendo as regularidades, as diversidades e as mudanças das estações; e se isso é reconhecido somente pelos homens, deve-se pensar que é em vista deles que foi feito. **156.** Por outro lado, a terra, fecunda em frutos e num gênero variado de leguminosas, aos quais produz com a máxima prodigalidade, parece gerá-los em vista das feras ou dos homens? Que direi das videiras e dos olivais, cujas produções muito abundantes e muito ricas em completamente nada dizem respeito às bestas? Pois não é próprio dos animais nenhum conhecimento nem de semear, nem de cultivar, nem de a seu tempo ceifar e recolher os produtos, nem de pô-los à parte e guardá-los, mas dessas coisas todas é dos homens que são próprios o uso e o cuidado. **LXIII. 157.** Portanto, assim como deve-se dizer que a lira e as flautas foram feitas em vista daqueles que pudessem usar delas, da mesma forma deve-se reconhecer que aquelas coisas de que falei foram fabricadas para aqueles somente que usam delas, e, se alguns animais furtam alguma dentre elas ou roubam, não diremos que foram produzidas em vista também deles. E os homens, de fato, não guardam os grãos por causa dos ratos ou das formigas, mas das esposas, dos filhos e de seus serviçais; destarte, como falei, os animais desfrutam furtivamente, os proprietários aberta e livremente. **158.** É em vista dos homens, então, que se deve admitir preparada aquela abundância de coisas, a não ser que, por acaso, tanta riqueza e variedade de frutos e desses não o sabor apenas, mas o cheiro ainda e o aspecto, tragam a dúvida de que a natureza as tenha dado aos homens somente. Está tão longe de essas coisas terem sido preparadas também em vista dos animais, que, ao contrário, vemos que eles próprios foram gerados por causa dos homens. Por exemplo, que outra coisa as ovelhas produzem senão que com suas lãs confeccionadas e tecidas os homens se vestem? E elas, certamente, não teriam sido capazes nem de se alimentar nem de se sustentar nem de comer nenhum fruto por si mesmas sem o trabalho e o cuidado dos homens. Ainda, a tão fiel guarda dos cães, o tão afetuoso afago aos donos, a tamanha aversão aos estranhos, o incrível faro das narinas para seguir uma pista e o tamanho ardor em

caçar, que outra coisa indicam senão que foram criados para as comodidades dos homens? **159.** Que direi dos bois? Seu próprio dorso mostra claramente que não foi talhado para receber carga, mas seu pescoço é naturalmente estruturado para o jugo, depois, as forças e a largura dos ombros, para puxar os arados. E contra esses bois, já que o solo era amolecido pelo sulcamento da terra dura, por aquela áurea raça, como dizem os poetas, nenhuma violência jamais era feita;

mas férrea prole então nasceu de repente,  
e primeira ousou fabricar o funesto gládio  
e degustar o novilho por mão amarrado e domado.

Tamanha utilidade se estimava ser recebida dos bois que se considerava um crime alimentar-se de suas carnes.

**LXIV.** “Seria longo enumerar os serviços próprios das mulas e dos asnos, os quais, sem dúvida, foram preparados para o uso dos homens. **160.** Quanto ao porco, o que tem além de alimento? Ao qual certamente, para não entrar em putrefação, Crisipo diz ter sido dada uma alma exatamente como o sal; e do que esse animal, porque era apropriado para servir de alimento aos homens, a natureza não criou nada mais fecundo. Que direi da multidão e do refinado sabor dos peixes? Que das aves, das quais tamanho prazer se tira que às vezes nossa Providência parece ter sido epicurista? E elas não são capturadas jamais a não ser pela razão e esperteza dos homens; - embora pensemos que certas aves, tanto as voadoras quanto as canoras, como nossos áugures as chamam, foram feitas para dar augúrios. **161.** Por outro lado, caçando encontramos bestas enormes e ferozes, de modo que nos alimentamos delas, exercitamo-nos na caça à semelhança da estratégia bélica, servimo-nos das domadas e adestradas, como os elefantes, e de seus corpos extraímos muitos remédios para as doenças e as feridas, assim como de certas raízes e plantas cujas utilidades aprendemos pelo uso e experiência de um longo tempo. É possível percorrer com o espírito como que com os olhos a terra inteira e todos os mares: já discernirás os imensos e frutíferos espaços dos campos, os densíssimos revestimentos das montanhas, as pastagens dos animais e, depois, as correntezas marítimas de incrível velocidade. **162.** E não apenas sobre a terra, mas também em suas trevas mais profundas se esconde a utilidade de numerosas coisas, a qual, formada para o uso dos homens, por estes somente é encontrada.

LXV. “Mas isto, de que um e outro de vós lançará mão talvez para me censurar, Cota, porque Carnéades prazerosamente invectivava contra os estóicos, Veleio, porque Epicuro nada ridicularizava tanto quanto a predição de eventos futuros, parece-me o máximo possível confirmar que é pela providência dos deuses que se cuida das coisas humanas. Pois há verdadeiramente uma adivinhação que aparece em muitos lugares, acontecimentos e circunstâncias, de um lado, privados, de outro, sobretudo públicos. 163. Os arúspices entrevêm muito, muito os áugures prevêm, muito é esclarecido pelos oráculos, muito pelos vaticínios, muito pelos sonhos, muito pelos presságios; conhecidos os quais, freqüentemente muitas coisas foram procuradas de acordo com o parecer e a utilidade dos homens e também muitos perigos foram afastados. Portanto, esta capacidade ou arte ou disposição natural para o conhecimento das coisas futuras foi dada ao homem verdadeiramente, e a nenhum outro ser, pelos deuses imortais.

“Se esses fatos um a um por acaso não vos influenciam, entretanto, o conjunto de todos, conexos e ligados entre si, certamente deverá vos influenciar.

164. “E, ainda, não apenas ao gênero dos homens em conjunto, mas também aos indivíduos é costume da parte dos deuses imortais dar-se cuidado e prover-se. É possível, de fato, restringir a universalidade do gênero humano e reduzi-la gradativamente a alguns poucos, até, enfim, aos indivíduos. LXVL. Pois, se de todos os homens, que em toda parte estão em qualquer país e região das terras distantes a partir da continuação desta terra aqui que nós habitamos, julgamos que os deuses cuidam pelos mesmos motivos que anteriormente dissemos, cuidam também desses homens que habitam conosco estas terras do oriente ao ocidente. 165. Mas se cuidam dos que habitam a por assim dizer espécie de grande ilha, que chamamos de disco da terra, também cuidam daqueles que ocupam as partes dessa ilha, a Europa, a Ásia e a África. Logo, de um lado, estimam suas partes, como Roma, Atenas, Esparta e Rodes, de outro, separadamente do conjunto de todos, estimam os indivíduos dessas cidades, como, na guerra de Pirro, Cúrio, Fabrício, Coruncânio, na primeira guerra púnica, Calatino, Duílio, Metelo e Lutácio, na segunda, Máximo, Marcelo e Africano, e, após esses, Paulo, Graco, Catão, ou, no tempo de nossos antepassados, Cipião e Lélío; e, ademais, tanto nossa cidade como a Grécia produziram numerosos homens extraordinários, dos quais nenhum é de se crer que tenha sido tal a não ser com o auxílio de um deus. 166. E esse motivo impeliu os poetas e sobretudo Homero a unir

aos principais dos heróis, Ulisses, Diomedes, Agamênon e Aquiles, determinados deuses como companheiros nos momentos críticos e nos perigos. Além disso, freqüentemente as aparições dos próprios deuses, tais como mencionei acima, mostram com clareza que é da parte deles que se cuida das cidades e dos homens um a um. E isso é bem compreendido também pelas indicações das coisas futuras que são reveladas ora aos que dormem, ora aos que estão acordados; ainda, de muito somos advertidos pelos prodígios, de muito pelas entranhas, e graças a muitas outras coisas que um uso prolongado tanto tornou exatas de modo a criar a arte da adivinhação.

167. Portanto, nenhum homem jamais foi grande sem alguma inspiração divina. E verdadeiramente de tal maneira não se deve refutar isso, que, se uma tempestade causou dano às plantações ou aos vinhedos de alguém, ou se o acaso arrancou algo das comodidades da vida, aquele a quem alguma dessas coisas tenha acontecido julgamos ou odioso ao deus ou abandonado pelo deus. É de grandes coisas que os deuses cuidam, das pequenas não se ocupam. Ora, aos grandes homens todas as coisas sempre são prósperas, se é que pelos nossos e pelo príncipe da filosofia, Sócrates, suficientemente se falou da exuberância e das riquezas da virtude.

**LXVII. 168.** “São mais ou menos essas coisas que me vinham à mente, as quais julgava dever ser ditas a respeito da natureza dos deuses. Quanto a ti, Cota, se me tens em consideração, trates da mesma questão e leves em conta que és tanto o principal concidadão como o pontífice e, dado que vos é lícito disputar num e noutra partido, preferentemente escolhas o meu e preferentemente apliques nele aquela capacidade de raciocinar que, recebida dos exercícios retóricos, a Academia te ampliou. Pois mau e ímpio é o costume de disputar contra os deuses, seja isso feito ou com convicção ou por fingimento.”

### Terceiro Livro

**L. 1.** Depois que Balbo falou essas coisas, Cota, então, sorrindo: “muito tarde,” diz, “ó Balbo, mandas-me sustentar uma opinião; pois, de minha parte, enquanto discorrias, meditava aqui comigo o que poderia dizer em resposta, não tanto para te refutar quanto para perguntar acerca do que menos eu entendia. Mas, já que cada um deve fazer uso de seu próprio juízo, seria difícil fazer que eu esteja de acordo com o que afirmas.”

**2.** Aí Veleio: “não sabes,” diz, “com quanta expectativa, Cota, estou disposto a te ouvir. Agradável, certamente, a nosso Balbo foi teu discurso contra Epicuro; mostrar-me-ei, então, a ti por minha vez um atento ouvinte contra os estóicos. Espero, sim, como costumás, que venhas bem preparado.”

**3.** Então, Cota: “sim, certamente, Veleio,” exclama, “pois nem tenho com Lucílio Balbo uma polêmica igual àquela que tive contigo.”

“Como assim?” Diz ele.

“É que vosso Epicuro, parece-me, a respeito dos deuses imortais não discutiu grande coisa: tão somente não ousou negar que os deuses existem para não se insinuar alguma antipatia ou acusação. Mas, quando afirma que os deuses nada fazem, de nada se ocupam e são dotados dos membros humanos, embora não tenham nenhum uso desses membros, parece gracejar e acreditar suficiente dizer que há certa natureza feliz e eterna. **4.** Mas reparaste, imagino, quantas coisas foram ditas por Balbo e, se bem que pouco verdadeiras, entretanto quão ligadas e coerentes entre si. Assim, como disse, penso não tanto em refutar o discurso dele quanto em perguntar sobre o que menos entendi. Por isso, Balbo, deixo-te livre se preferes responder-me acerca de cada coisa quando te perguntar sobre as que compreendi quase nada, ou ouvir meu discurso por inteiro.”

Balbo, então: “quanto a mim, na verdade, se quiseres que alguma coisa te seja esclarecida, prefiro responder, mas se preferes interrogar-me não tanto para compreender quanto para refutar, farei qualquer uma das duas propostas que quiseres: ou responderei sem demora a cada coisa que perguntares ou a tudo quando terminares teu discurso.”

5. **Aí Cota:** “muito bem,” diz; “por isso, procedamos assim como a própria discussão nos conduzirá. **II.** Mas, antes de falar do assunto, falo um pouco acerca de mim. Realmente, de uma maneira não insignificante estou sensibilizado por tua autoridade, Balbo, e por esse discurso que, concluindo, exortava-me a lembrar que sou não apenas Cota, mas ainda o pontífice; e essa exortação, penso, visava a isto: que eu defendesse as crenças a respeito dos deuses imortais que recebemos dos antepassados, os sacrifícios, as cerimônias e as práticas religiosas. No entanto, de minha parte, sempre as defenderei e sempre as defendi, e jamais a eloquência de nenhum instruído ou ignorante me demoverá daquela crença que recebi dos antepassados acerca do culto aos deuses imortais. Mas, quando se trata de religião, sigo a Tibério Coruncânio, Públio Cipião e Públio Cévola, máximos pontífices, não a Zenão ou Cleantes ou Crisipo, e tenho Caio Lélio, áugure e ao mesmo tempo sábio, a quem preferentemente ouviria falando acerca da religião naquele bem conhecido discurso a ouvir algum chefe dos estóicos. E, dado que toda a religião do povo romano está dividida em ritos sagrados e auspícios, seja acrescentado um terceiro elemento, supondo que os intérpretes da Sibila ou os arúspices, para predizer, avisaram alguma coisa a partir de presságios e prodígios; dessas práticas religiosas, garanto, jamais pensei que se devia desprezar alguma, e estou convencido de que foram Rômulo, por meio de auspícios, e Numa, com a instituição dos ritos sagrados, que lançaram os fundamentos de nossa cidade, que seguramente jamais teria sido capaz de ser tão grandiosa sem a suma aprovação dos deuses imortais. **6.** Tens, Balbo, o que Cota, o que o pontífice pensam; agora, faz que eu compreenda, por tua vez, o que pensas. Pois de ti que és filósofo devo receber uma explicação para a religião, ao passo que em nossos antepassados devo acreditar mesmo sem nenhuma explicação dada.”

**III.** Nesse momento, Balbo: “qual explicação, então, Cota,” diz ele, “desejas de mim?”

E este: “quadripartida,” diz, “foi tua divisão: primeiro, para querer ensinar que os deuses existem; depois, quais são; em seguida, que o mundo é governado por eles; e, por último, que se ocupam das coisas humanas. Essa, se bem me lembro, foi a partição.”

“Muito corretamente,” diz Balbo, “mas estou para ver o que procuras saber.”

7. Então Cota: “primeiramente examinemos cada afirmação,” diz, “e se a primeira é aquela sobre a qual há concordância entre todos exceto entre os completamente ímpios, para mim, pelo menos, não se pode extirpar de meu espírito que os deuses existem, precisamente isso, entretanto, de que estou convencido pela autoridade dos antepassados, por que é assim, em nada tu me ensinas.”

“Se estás convencido,” diz Balbo, “que motivo há para queres aprender de mim?”

Aí Cota: “porque,” diz, “achego-me assim a esta discussão: como se jamais tivesse ouvido dizer nada ou pensado nada acerca dos deuses imortais; recebe-me como um discípulo ignorante e novato e ensina-me o que procuro saber.”

8. “Então fala,” retruca, “o que procuras saber.”

“Eu? Primeiramente isto: por que, como<sup>161</sup> tivesses dito que essa parte nem sequer tinha necessidade de um discurso, visto que seria evidente que os deuses existem e haveria um acordo entre todos, falaste tantas coisas a respeito disso mesmo.”

“Porque,” diz, “também te vi, Cota, muitas vezes falando no foro, sobrecarregar o juiz o quanto podias com numerosos argumentos, conquanto o processo te proporcionasse aquela possibilidade de falar. E exatamente isso não só os filósofos fazem, mas também eu, como pude, fiz. Tu, porém, que procuras saber aquilo, estás agindo como se me perguntasses por que fico te olhando com os dois olhos e não fecho um, dado que eu poderia conseguir a mesma coisa com um só.”

IV. 9. Aí Cota: “a que ponto seja semelhante essa comparação,” diz, “és tu que poderias ver. Pois, quanto a mim, nem nas causas, se é evidente alguma coisa acerca da qual haveria concordância entre todos, costumo ficar argumentando (porque a clareza seria diminuída pela argumentação), nem, se fizesse isso nos processos forenses, faria o mesmo nesta sutileza de discussão. Não haveria motivo, porém, para

---

<sup>161</sup> Tal como alguns editores, também não li o *perspicuum in*.

fechares um olho, já que a visão de ambos seria a mesma e já que a natureza das coisas, a qual tu afirmas ser sábia, teria desejado que tivéssemos dois lumens perfurados desde o espírito até os olhos. Mas, porque não confiavas que isso fosse tão evidente quanto pretendias, por isso com muitos argumentos quiseste mostrar que os deuses existem. Para mim, é verdade, um só era o bastante: os nossos antepassados assim nos transmitiram. Mas tu desprezas as autoridades e combates com a razão,<sup>162</sup> 10. permite, então, rivalizar<sup>163</sup> meu raciocínio com o teu.

“Aduzes todos esses argumentos para que os deuses possam existir, e uma coisa, na minha opinião, minimamente dúbia, argumentando a tornas dúbia. Pois memorizei não só a quantidade, mas também a sucessão dos teus argumentos. O primeiro foi que, quando olhamos ao alto o céu, imediatamente compreenderíamos que existe alguma divindade pela qual tudo seria governado. Daí também aquele verso:

contempla este ser sublime, brilhante, a quem todos invocam como Júpiter;

11. como se, no entanto, um dentre nós chamasse Júpiter antes a isso que ao Júpiter Capitolino, ou fosse evidente e houvesse acordo entre todos quanto a isto: que seriam deuses aqueles que Veleio e muitos ainda não te concederiam que sejam nem mesmo seres vivos. Forte também te parecia o argumento de que a crença a respeito dos deuses imortais não só seria de todos como cresceria a cada dia: agrada, então, que coisas tão importantes sejam decididas pela crença dos tolos, a vós principalmente que afirmais que eles são insanos? V. ‘Mas realmente presentes vemos os deuses, como junto do lago Regilo Postúmio viu, e na via Salaria Vatínio;’ e não sei o que também a respeito da guerra dos Locres ao lado do rio Sagra. Então aqueles a quem chamavas de Tindárides, isto é, homens nascidos de um homem, e os quais Homero, que viveu bem próximo da época deles, disse terem sido sepultados na Lacedemônia, tu imaginas que, em pangarés brancos e sem quaisquer ajudantes, vieram ao encontro de Vatínio e anunciaram de preferência a ele, homem rústico, a vitória do povo romano a anunciá-la a Marcos Catão que na ocasião era o primeiro do senado? Então também acreditas que aquela marca num rochedo que hoje é visível ao lado do Regilo como a pegada de um casco, seja do cavalo de Castor? 12. Por acaso não preferes

<sup>162</sup> A expressão *ratione pugnas*, “combates com a razão,” também poderia ser traduzida “estás em luta ou em desacordo ou em contradição com a razão.”

<sup>163</sup> Em vez de “rivalizar, lutar, medir-se”, sentido adotado pelos dicionários para este passo, *contendere* também poderia ser traduzido aqui por “comparar.”

acreditar naquilo que poderia ser aprovado, que os espíritos dos homens ilustres, quais foram esses teus Tindárides, seriam divinos e eternos, a acreditar que eles, que foram cremados uma vez por todas, teriam sido capazes de cavalgar e combater num exército? Ou se afirmas que isso foi possível acontecer, é preciso que mostres de que maneira e não fiques proferindo historietas de velhotas.”

13. Então Lucílio “é verdade,” diz, “que te parecem historietas? Acaso não vês no foro o templo dedicado a Castor e Pólux por Aulo Postúmio, acaso não vês a resolução do senado acerca de Vatínio? Prova é que, a respeito do rio Sagra, há um provérbio comum entre os gregos, que dizem ser as coisas que eles afirmam mais certas que aqueles fatos junto do Sagra. Por estas fontes, então, acaso não deverias ficar sensibilizado?”

Aí Cota “é com boatos,” diz, “que combates contra mim, Balbo, ao passo que de ti são as razões que eu quero saber...”<sup>164</sup>

VL 14. “...vêm em seguida as coisas que vão acontecer; de fato, ninguém é capaz de evitar o que vai acontecer. De outra parte, muitas vezes não é nem mesmo útil saber o que vai acontecer; pois é lamentável angustiar-se sem nada aproveitar e não ter tampouco da esperança o último e, entretanto, comum consolo, principalmente porque vós próprios afirmais que tudo acontece pelo fado, aquilo, por sua vez, que sempre desde toda a eternidade teria sido verdadeiro seria o fado: então, em que ajuda ou em que contribui para se ter cautela saber algo que vai acontecer, já que isto seguramente vai acontecer? Depois, de onde surgiu essa arte de adivinhar? Quem encontrou uma fissura no fígado, quem notou o canto da gralha, quem as sortes? De minha parte, acredito nessas coisas, e não posso desprezar o bastão augural de Ato Návio, a quem mencionavas; mas, de que modo essas coisas seriam compreendidas, é dos filósofos que devo aprender, sobretudo porque esses adivinhos mentem a respeito de inúmeras coisas. 15. ‘Mas os médicos também’ (pois assim afirmavas) ‘muitas vezes se enganam.’ Em que se assemelham a medicina, cujo método visualizo, e a adivinhação, a qual não compreendo de onde se origina? Tu, porém, ainda julgas que os deuses foram aplacados pelos sacrifícios dos Décios. Qual foi a tamanha iniquidade deles<sup>165</sup> para que não pudessem se reconciliar com o povo romano a não ser que tais homens tivessem perecido? Aquilo foi uma resolução de

<sup>164</sup> No original, há uma lacuna neste lugar.

<sup>165</sup> Dos Décios.

comandante, que os gregos chamam *strategema*, mas daqueles comandantes, que cuidavam da pátria, os deuses não poupariam a vida; pois acreditavam que o exército seguiria o comandante lançando-se, com o cavalo a galope, contra o inimigo, o que aconteceu. Quanto à voz de Fauno, de minha parte nunca a ouvi: se dizes tê-la ouvido, acreditarei em ti, embora absolutamente ignoro o que seja um Fauno. VII. Então, até agora, pelo quanto afirmas, Balbo, não compreendo que os deuses existem; sem dúvida acredito que eles existem, mas nada ensinam os estóicos.

16. “Por outro lado, como dizias, Cleantes pensa que, por quatro modos formadas, há noções dos deuses nos espíritos dos homens. Um deles é aquele modo do qual eu disse suficientemente, que é tomado do pressentimento das coisas futuras; outro, das perturbações das condições atmosféricas e das demais mudanças; o terceiro, da comodidade das coisas que recebemos e de sua abundância; o quarto, da ordem dos astros e da constância do céu. Acerca do pressentimento já falamos. Das perturbações celestes, marítimas e terrenas não podemos dizer, quando estas ocorrem, que não haja muitos<sup>166</sup> que as temem e as julgam produzidas pelos deuses imortais; 17. mas não é isto que se procura saber, se há alguns que pensam que os deuses existem: são os deuses que se procura saber se existem ou não. Quanto às demais causas que Cleantes aduz, das quais uma é acerca da abundância das comodidades que recebemos, outra, da ordem das estações e da constância do céu, serão tratadas por nós quando discutirmos sobre a providência dos deuses, a respeito da qual muitas coisas foram ditas por ti, Balbo; 18. e para o mesmo momento também adiaremos essas coisas, porque afirmavas que Crisipo dizia, havendo algo na natureza das coisas que não poderia ser feito pelo homem, que existe algo melhor que o homem, e não apenas comparavas as mobílias numa bela casa com a beleza do mundo, mas também quando alegavas a harmonia e a concordância do mundo inteiro; e adiaremos as breves e agudas conclusões de Zenão para a mesma parte da discussão de que há pouco falei, e no mesmo momento aquelas afirmações todas que à maneira de um físico foram ditas por ti a respeito da força ígnea e daquele calor do qual dizias tudo ser gerado, em seu lugar serão examinadas; e todas as afirmações que há dois dias atrás foram ditas por ti quando querias mostrar que os deuses existem e por que o mundo em seu conjunto, o sol, a lua e as estrelas teriam sensação e mente, reservá-

<sup>166</sup> “...não podemos dizer que...não haja muitos...” = “podemos dizer que haja muitos.”

las-ei para o mesmo momento. 19. Mas de ti desejarei saber mais e mais aquilo mesmo: com quais razões estarias convencido de que os deuses existem.”

**VIII.** Então Balbo “estou certo de ter apresentado razões, mas tu as refutas de tal maneira que, quando pareces estar prestes a me interrogar e eu fico preparado para responder, de repente desvias o assunto e não me dás chance de responder. Em consequência, as coisas mais importantes passaram em silêncio, acerca da adivinhação e do fado, e dessas questões, ainda, tu falaste rapidamente, ao passo que os nossos costumam dizer muito, mas aquelas coisas se distinguem desta questão que agora temos em mãos; por isso, se te parece oportuno, não raciocines confusamente para que com essa discussão possamos esclarecer o que se procura saber.”

**20.** “Muito bem,” diz Cota. “Assim, visto que foi em quatro partes que dividiste toda a questão e da primeira já dissemos, consideremos a segunda; e essa me parece ter sido tal que, quando pretendias mostrar quais deuses existem, mostravas que nenhum existe. Afirmavas, sim, como difícilimo afastar o espírito do costume dos olhos; mas, dado que nada seria superior ao deus, não duvidavas de que o mundo fosse deus, e, na natureza das coisas, nada seria melhor que ele.<sup>167</sup> Somente poderíamos representá-lo como um ser vivo, ou, antes, da mesma forma que com os olhos vemos as demais coisas, assim com o espírito poderíamos vê-lo! **21.** Mas, como negas que exista algo melhor que o mundo, que queres dizer com melhor? Se mais belo, consinto; se mais apropriado às nossas utilidades, isso também consinto; se, porém, queres dizer isto: que nada é mais sábio que o mundo, de nenhuma maneira absolutamente consinto, não que seja difícil separar dos olhos a mente, mas quanto mais separo, tanto menos sou capaz de com a mente compreender aquilo que tu afirmas. **IX.** ‘Nada é melhor que o mundo na natureza das coisas.’ Nem mesmo na terra, nada é melhor do que nossa cidade: acaso, então, por isso julgas que na cidade há razão, pensamento e mente, ou, visto que não há, acaso por isso julgas que se deve preferir uma formiga a esta belíssima cidade, só porque nesta não há nenhuma sensação e naquela não apenas sensação, mas também mente, razão e memória? É preciso ver, Balbo, o que te é concedido, não tu sozinho assumires o que quiseres. **22.** É certo que aquela antiga conclusão de Zenão, breve e, como te parecia, aguda, alargou todo esse tema. Zenão, de fato, assim conclui: ‘aquilo que faz uso da razão é

---

<sup>167</sup> O mundo

melhor do que aquilo que não faz uso da razão; ora, nada é melhor que o mundo; logo, o mundo faz uso da razão.’ 23. Se isso te agrada, já obterás que o mundo pareça competentemente ler um livro; é que pelos passos de Zenão poderás concluir o raciocínio por este modo: ‘aquilo que é letrado é melhor que aquilo que não é letrado; ora, nada é melhor que o mundo; logo, o mundo é letrado.’ Dessa maneira o mundo será também hábil falante e, ainda, matemático, músico, depois instruído em toda doutrina e, por fim, filósofo. Muitas vezes disseste que nada é feito senão a partir dele e que não é característico da natureza uma força tal que possa reproduzir seres dessemelhantes de si própria: concederei que o mundo não só seja vivo e sábio, mas ainda tocador de lira e trombeta, já que são engendrados a partir dele os homens também dessas artes? Nada, portanto, aduz esse pai dos estóicos pelo que pensemos que o mundo faça uso da razão, nem sequer porque seja um ser vivo. Assim, o mundo não é deus; e, entretanto, nada é melhor que ele, pois nada é mais belo que ele, nada mais salutar para nós, nada mais enfeitado no aspecto e mais constante no movimento.

“Mas, se o mundo em conjunto não é deus, tampouco as estrelas, as quais tu colocavas como inumeráveis no número dos deuses. Os percursos delas, uniformes e eternos, encantavam-te, e, por Hércules, não injustamente, pois são de uma constância admirável e incrível. 24. Mas nem tudo, Balbo, que tenha percursos determinados e constantes, preferentemente deve ser atribuído ao deus a ser atribuído à natureza. X. Que pensas de mais constante poder dar-se que o Euripo calcídico<sup>168</sup> no idêntico movimento de ir e vir, que de mais constante que o estreito siciliano, que de mais constante que a efervescência do oceano naqueles lugares

onde rapace onda divide a Europa e a Líbia?

E quê? As correntes marítimas ou da Espanha ou da Bretanha e suas aproximações e afastamentos em determinadas épocas não poderiam produzir-se sem o deus? Verifica, por favor: se chamamos divinos a todos os movimentos e a tudo o que em determinadas épocas conserva sua ordem, não se deveria chamar divinas também as febres terçãs e quartãs, e o que poderia ser mais constante que seu retorno e movimento? Mas de tais coisas todas deve ser dada uma razão; 25. e como não sois capazes de fazer isso, como num altar procurais refúgio junto do deus.

<sup>168</sup> Braço de mar entre a Beócia e a Eubéia.

“E Crisipo te parecia falar argutamente, homem sem dúvida versuto e cálido (chamo versutos àqueles cuja mente se diversifica rapidamente, e cálidos àqueles dos quais, como as mãos pelo trabalho, assim o espírito se calejou pelo uso); ele então ‘se existe algo,’ diz, ‘que o homem não seria capaz de fazer, quem o faz é melhor que o homem; ora, o homem não é capaz de fazer essas coisas que estão no mundo; quem foi capaz, então, é este que é superior ao homem; mas quem poderia ser superior ao homem senão deus? Existe, portanto, um deus.’ Essas afirmações todas se encontram no mesmo erro em que aquelas de Zenão; 26. pois não são distinguidos o que seria o melhor, o que seria o superior, que diferença haveria entre natureza e razão. E ele ainda, se os deuses não existem, nega haver em toda a natureza algo melhor que o homem; mas julga ser de suma arrogância que algum homem pense isto: nada ser melhor que o homem. Seria bem próprio de um arrogante pensar-se mais que o mundo; no entanto, não só do não arrogante, mas antes do prudente isto é próprio: compreender que tem sensação e razão e que essas mesmas Órion e Canícula não as têm. E ‘se há uma bela casa,’ diz ele, ‘entendemos que foi edificada pelos proprietários, não pelos ratos; assim, então, devemos supor que o mundo é a casa dos deuses.’ Assim deveras eu suporia, se pensasse que ele tivesse sido construído, não, ao modo como mostrarei, se conformado pela natureza.

**XI. 27.** “Mas, dirás tu: Sócrates, em Xenofonte, pergunta de onde é que teríamos obtido um espírito se não tivesse existido nenhum no mundo. E eu pergunto de onde é que adquirimos a linguagem, de onde os números, de onde o canto; a menos que realmente pensemos que o sol fale com a lua toda vez que estiver bem próximo dela, ou que o mundo cante segundo uma harmonia, como Pitágoras imagina. Essas coisas são próprias da natureza, Balbo, não de uma natureza perambulando artificialmente, como diz Zenão, e isso ainda qual seja já veremos, mas de uma a tudo impulsionando e agitando com seus movimentos e mudanças. **28.** Desta maneira, agradava-me aquela exposição sobre a harmonia e a concórdia da natureza, a qual dizias conspirar como que por uma afinidade contínua; eu, porém, não aprovava isto: que negavas ter podido acontecer aquilo a não ser que ela<sup>169</sup> dependesse de um único espírito<sup>170</sup> divino. Ao contrário, ela é coesa e permanece

<sup>169</sup> A afinidade contínua.

<sup>170</sup> “Conspirar” e “espírito” traduzem *conspirare* e *spiritus*, ambos provenientes de *spiro*, “soprar, respirar.”

pelas forças da natureza, não dos deuses, e há nela essa como que concórdia, a que os gregos chamam *sympátheia*, mas quanto maior é por sua espontaneidade, tanto menos se deve pensar que seja feita por uma divina razão.

**XII. 29.** “Por outro lado, de que modo resolveis os problemas que Carnéades aduzia? Se nenhum corpo for imortal, nenhum corpo será sempiterno; ora, não há nenhum corpo imortal, tampouco um indivisível, nem um que não possa ser retalhado ou espedaçado. E, dado que todo animal tenha uma natureza sensível, nenhum deles há que escape à necessidade de receber algo externo, isto é, como que de suportar e de sofrer, e, se todo animal é tal, nenhum é imortal. Portanto, semelhantemente, se todo animal pode ser dissecado e dividido, dentre eles nenhum é indivisível, nenhum eterno; todo animal, porém, está preparado para receber e suportar uma força externa; é necessário, então, que todo animal seja mortal, dissolúvel e divisível. **30.** Igualmente é verdade, se toda cera fosse transmutável, nada seria ceroso que não pudesse se transmutar, do mesmo modo nada argênteo, nada brônzeo, se transmutável fosse a natureza do argento<sup>171</sup> e do bronze – semelhantemente, então, se são mutáveis todas as coisas que existem das quais a totalidade é composta, nenhum corpo pode ser não mutável; e mutáveis são aquelas coisas de que tudo é composto, como vos parece; todo corpo, então, é mutável. Mas se existisse algum corpo imortal, não haveria o todo mutável. Daí segue-se que todo corpo é mortal. E, de fato, todo corpo é ou água, ou ar, ou fogo, ou terra, ou densificado a partir desses ou de alguma parte deles; e nada há deles que não pereça; **31.** vejamos: todo elemento terreno se divide, e o líquido é tão mole que facilmente pode ser comprimido e colidido, ao passo que o fogo e o ar muito facilmente são repelidos por toda impulsão e naturalmente são ao máximo cedentes e dissipáveis; e, além disso, todos esses perecem no momento em que se convertem em outra natureza, o que ocorre quando a terra se transforma em água e quando desta se origina o ar, do ar o éter, e quando os mesmos caminham inversamente para trás; ora, se perecem esses dos quais é composto todo animal, nenhum animal é sempiterno. **XIII. 32.** E, para deixarmos esses exemplos, por ora não se pode encontrar nenhum animal que um dia não tenha nascido e que sempre haverá de existir; pois todo animal tem sentidos; sente, então, o calor, o frio, o doce e

---

<sup>171</sup> “Argento” = prata. Com “argênteo” e “argento” recupera-se o duo latino *argenteum e argentum*.

o amargo e é impossível que receba por um sentido o agradável e não receba o contrário; se, portanto, capta a sensação de prazer, capta também a de dor; ora, é necessário que aquilo que recebe a dor também receba dissolução; logo, é preciso confessar que todo animal é mortal. **33.** Além disso, se algo existe que não sinta nem prazer nem dor, isso não pode ser um animal, se, ao contrário, algo for um animal, é necessário que isso sinta aqueles; e, visto que os sente, não pode ser eterno; todo animal sente; portanto, nenhum animal é eterno. Ademais, não pode haver nenhum animal em que não haja tanto desejo como repulsão naturais; e é desejado o que é segundo a natureza, repellido o contrário; e todo animal deseja certas coisas e enjeita certas coisas, e o que ele rejeita, é isso que é contra a natureza, e o que é contra a natureza, é isso que tem força de destruição; é necessário, portanto, que todo animal pereça. **34.** Inumeráveis são as razões a partir das quais se poderia estabelecer e concluir que não há nada que tenha sensação que não pereça; e, de fato, justamente essas coisas que são sentidas, como o frio, como o calor, como o prazer, como a dor, como as demais, quando são exageradas, matam; e nenhum animal há sem sensação; portanto, nenhum animal é eterno. **XIV.** Outro fato é que a natureza de um ser animado é ou simples, por exemplo, é ou terrena, ou ígnea, ou de ar, ou úmida, e o que seja isso não é possível nem sequer compreender; ou composta de mais elementos, dos quais cada um tem seu lugar para onde é levado pela força da natureza, uns têm o mais baixo, outros o alto, outros o meio: eles podem ter coesão por certo tempo, mas de nenhum modo podem sempre, pois é necessário que a natureza arraste cada qual para seu lugar, portanto, não há nenhum animal sempiterno.

**35.** “Mas os vossos, Balbo, costumam relacionar todas as coisas ao vigor ígneo, seguindo, como penso, a Heráclito, ao qual justamente nem todos interpretam de uma só maneira; e já que ele não quis que se compreendesse o que dizia, deixemo-lo à parte; quanto a vós, assim afirmais: que todo vigor é ígneo e, por consequência, que não só os seres animados morrem quando falta o calor, mas também em toda natureza das coisas vive aquilo e tem vigor aquilo que é quente. Quanto a mim, não compreendo de que modo, extinto o calor, os corpos perecem, e não perecem perdido o líquido ou a respiração, sobretudo porque também perecem com o calor excessivo; **36.** é porque isso certamente é universal a respeito do calor; mas, entretanto, vejamos a conclusão. Assim sustentais, penso: que nada seria animado, no interior da natureza

e do mundo, exceto o fogo; como assim mais interior que o ar, de que se compõe também o ânimo dos seres animados, a partir do qual se diz animal? E de que maneira, como se fosse possível conceder, admitis isto: que nada é animado exceto o fogo? Mais provável realmente, parece, que o ânimo seja algo tal que se componha de fogo e ar. Se o fogo, porém, de si e por si é animado sem mistura de alguma outra natureza, e visto que ele, por estar contido em nossos corpos, faz que sintamos, não poderia ele mesmo existir sem sensação. Novamente podem-se dizer as mesmas coisas: de fato, tudo que existe que tenha sensação, é necessário que isso sinta prazer e dor, mas aquele ao qual a dor sobrevenha, ao mesmo também é necessário sobrevir a morte; assim se dá que sois incapazes de tornar eterno nem mesmo ao calor. 37. E que mais? Não é justamente a vós que parece bem que o fogo necessite de pastagem, e que não é de nenhum modo capaz de subsistir se não se alimentar? E, ainda, que o sol, a lua e os demais astros se alimentam de água, uns das doces, outros das marinhas? E Cleantes aduz essa causa

por que o sol retrocede, nem mais longe avança  
no círculo estivo

e, igualmente, no hiberno,<sup>172</sup> para que não se distancie muito longe do alimento. Isso tudo em breve diremos qual seja; agora, porém, seja concluído isto: aquilo que poderia morrer não é eterno por natureza; ora, o fogo estaria fadado a perecer a não ser que se alimente; então, o fogo por natureza não é sempiterno.

**XV. 38.** E que tipo de deus nós poderíamos compreender não dotado de nenhuma virtude? Como assim? Atribuiremos ao deus a prudência, a qual resulta do conhecimento das coisas boas e más e das nem boas nem más? Para quem não há nada de mal nem pode haver, a este que necessidade há da escolha pelas coisas boas e más? E que necessidade há da razão, que da inteligência? Dessas fazemos uso por este motivo: para atingirmos o obscuro pelas coisas conhecidas; mas nada obscuro pode haver para o deus. Quanto à justiça, a qual distribuí a cada um o seu, em que diz respeito ao deus? Pois foram a sociedade e a comunidade dos homens, como vós dizeis, que criaram a justiça. Agora, a temperança resulta do desprezo pelos prazeres do corpo, e se a ela há um lugar no céu, também há um para os prazeres. De que modo, ainda, pode-se compreender um deus forte? Forte na dor? Ou no sofrimento?

<sup>172</sup> “no círculo estivo...e no hiberno” = no verão e no inverno.

Ou no perigo? Dentre esses nada atinge ao deus. **39.** Portanto, como poderíamos compreender um deus que não faz uso da razão e não dotado de nenhuma virtude?

“Nem posso, deveras, menosprezar a insciência do vulgo e dos ignorantes quando considero as afirmações que são feitas pelos estóicos. Isto, de fato, é próprio dos ignorantes: os sírios veneram o peixe, os egípcios consagraram quase todo tipo de bestas; e até mesmo na Grécia julgam numerosos os deuses provindos dentre homens, a Alabando os alabandes, os tenedos a Tênen, a Leucotéia, que foi Ino, e a seu filho Palemo, toda a Grécia, a Hércules, a Esculápio e aos Tindáridas; os nossos a Rômulo e a muitos outros, aos quais, como novos e recém-inscritos cidadãos, julgam recebidos no céu. **XVI. 40.** São essas coisas, então, que os ignorantes dizem; quanto a vós, filósofos, o que dizeis? Em que seriam melhores as coisas que dizeis? A essas omito, pois são claríssimas: que o deus, admitamos, seja o próprio mundo – creio que tal afirmação signifique isto:

ser sublime, brilhante, a quem todos invocam como Júpiter.

Por que, então, acrescentarmos mais deuses? E quão numerosa é a multidão deles! A mim, pelo menos, parecem realmente muitos; e, de fato, às constelações uma a uma enumeras como deuses e os chama ou com o nome de bestas, como Cabra, como Escorpião, como Touro, como Leão, ou de coisas inanimadas, como Argo,<sup>173</sup> como Altar, como Coroa. **41.** Mas, ainda que essas coisas sejam admitidas, as restantes de que maneira enfim poderiam não só ser admitidas, mas totalmente compreendidas? Quando dizemos Ceres aos cereais e Libero ao vinho, é claro que estamos nos servindo de uma maneira de dizer, mas julgas haver alguém tão demente que acredite ser deus aquilo de que ele se nutre? Quanto aos que dizes terem chegado de homens a deuses, tu darás uma explicação de como isso teria sido possível acontecer ou por que teria cessado de acontecer, e eu aprenderei de bom grado; no modo em que agora pelo menos se apresenta, não vislumbro como aquele sobre quem ‘no monte eteu foram colocadas as tochas,’ como diz Ácio, teria perpassado daquele fogo ‘à casa eterna do pai,’ no entanto, Homero faz que em meio aos inferos ele seja encontrado por Ulisses, assim como os demais que saíram da vida.

**42.** “Aliás, a que Hércules especificamente cultuamos é que realmente gostaria de saber; pois nos falam de muitos os que perscrutam obras incomuns e

---

<sup>173</sup> Navio dos argonautas.

pouco acessíveis: o mais antigo é o nascido de Júpiter, mas de um Júpiter igualmente antiquíssimo – pois encontramos Júpiteres também numerosos nos velhos escritos dos gregos: então, é deste Júpiter e de Lisitoe que nasceu aquele Hércules a quem sabemos por ouvir dizer ter lutado com Apolo a propósito de um tripé. Outro, conta-se, nascido do Nilo, é egípcio, o qual, dizem, teria escrito as obras frígias.<sup>174</sup> Teceiro é o nascido dos dedos do Ida,<sup>175</sup> a quem levam oferendas. Quarto é o filho de Júpiter e Astéria, irmã de Latona, que principalmente em Tiro é cultuado, e é dele, conta-se, a filha Cartago. Quinto, na Índia, é o que é dito Belo. Sexto é este nascido de Alcmena, ao qual Júpiter gerou, mas o terceiro Júpiter, dado que, como já mostrarei, também aceitamos numerosos Júpiteres.

**XVII. 43.** “Agora que o discurso me conduziu para este ponto, mostrarei ter aprendido melhores coisas sobre a necessidade de cultuar os deuses imortais, segundo o direito pontifício e o costume dos antepassados, daqueles vasinhos com asa que Numa nos deixou, a respeito dos quais Lélío fala naquele precioso discursinho, do que das explicações dos estóicos. Pois, se vos sigo, dize: que responderei a quem assim me interrogar: ‘se os deuses existem, as ninfas também são deusas? Se as ninfas são deusas, os paniscos também e os sátiros; estes, porém, não existem; tampouco as ninfas, então. No entanto, os templos delas estão oficialmente devotados e consagrados; não existem, então, nem mesmo os demais deuses, cujos templos estão consagrados? Atentemos mais longe: a Júpiter e a Netuno enumeras como deuses; então também Orco, irmão deles, será um deus; e aqueles que se diz fluírem nos lugares íferos, Aqueronte, Cocito, Flegetonte,<sup>176</sup> e tanto Caronte como Cérbero deveriam ser considerados deuses. **44.** Mas isso certamente deve ser rejeitado; nem sequer Orco, portanto, é um deus; que dizeis então dos irmãos?’ Carnéades afirmava essas coisas não para suprimir os deuses (pois, que é menos conveniente a um filósofo?), mas para demonstrar que os estóicos não esclareciam nada acerca dos deuses; e continuava assim: ‘Quê, então?’ dizia, ‘se estes irmãos se incluem no número dos deuses, acaso poder-se-ia negar a respeito de Saturno, o pai deles, a quem abertamente sobretudo cultuam no ocidente? E se ele é um deus, deve ser admitido que também o pai dele, o Céu, é um deus. E se isto é assim, também os pais do Céu,

<sup>174</sup> Também seria possível: “teria inventado (ideado) as letras frígias.”

<sup>175</sup> Seres míticos relacionados com o monte Ida em Creta.

<sup>176</sup> Rios que circulam no Hades.

Éter e Dia,<sup>177</sup> devem ser considerados como deuses, e seus irmãos e irmãs, que assim eram designados pelos genealogistas antigos: Amor, Dolo, Medo, Labor, Inveja, Fado, Velhice, Morte, Trevas, Miséria, Lamento, Graça, Fraude, Obstinação, Parcas, Espérides, Sonhos, os quais todos, dizem, nascidos de Érebo e da Noite.<sup>7</sup> Portanto, ou esses monstros devem ser reconhecidos ou aqueles primeiros, suprimidos. XVIII. 45. E quê? Apolo, Vulcano, Mercúrio e os demais dirás que são deuses, e a respeito de Hércules, Esculápio, Líbero, Castor e Pólux duvidarás? Esses, porém, sem dúvida são cultuados da mesma forma que aqueles e, segundo certas pessoas,<sup>178</sup> ainda muito mais. Então devem ser considerados como deuses os nascidos de mães mortais? E quê? Aristeu, que é dito o inventor do cultivo da oliveira, filho de Apolo, Teseu, filho de Netuno, e os demais cujos pais são deuses, não se incluirão no número dos deuses? Que dizer daqueles cujas mães são deusas? Acredito que o são ainda mais; pois como no direito civil quem nasce de mãe livre é livre, igualmente no direito da natureza quem nasce de deusa mãe é necessário que seja um deus. E é assim que os insulanos astipalenses muito santamente cultuam a Aquiles; e se este é um deus, também Orfeu e Reteu são deuses, já que nascidos de uma mãe Musa, a não ser que por acaso as núpcias marítimas sejam preferidas às terrenas. Se esses não são deuses, porque não são cultuados em nenhuma parte, de que modo aqueles são? 46. Então, não percas de vista que essas honras são atribuídas às virtudes dos homens, não a seres imortais; e isso tu também, Balbo, pareceste dizer. Se julgas Latona uma deusa, de que modo, no entanto, poderias não julgar Hécate, que nasceu da mãe Astéria, irmã de Latona? Ou esta, acaso, é também deusa? Vemos, de fato, seus altares e santuários na Grécia. Mas se ela é deusa, por que não as Eumênides? E se estas são deusas, das quais não só em Atenas há um templo, mas também entre nós, como entendo comigo, um bosque sagrado de Furina, as Fúrias, então, são deusas, observadoras, acredito, e vingadoras das maldades e do crime. 47. Ora, se os deuses são tais que intervêm nas coisas humanas, Natividade também deve ser julgada deusa, para quem, quando circundamos os templos no campo de Árdea, costumamos fazer um sacrifício; e ela, dado que olha pelos partos das matronas, dos que nascem é denominada Natividade. Se esta é deusa, deuses são todos aqueles que eram lembrados por ti, Honra, Boa-Fé, Mente, Concórdia, então também Esperança, Moneta e tudo o que em imaginação nós

<sup>177</sup> Considerado como divindade, *dies* (dia) é feminino.

<sup>178</sup> Também seria possível “em certos lugares.”

próprios podemos sim nos representar. E se isto não for verossímil, tampouco será aquilo de onde essas coisas decorrem. XIX. E que dizes: se são deuses aqueles que cultuamos e admitimos, por que não contamos no mesmo gênero a Serápis e Ísis? E se fazemos isso, por que recusaríamos os deuses dos bárbaros? Então, faremos entrar no número dos deuses os bois e os cavalos, as íbis, os gaviões, as áspides,<sup>179</sup> os crocodilos, os peixes, os cães, os lobos, os gatos e ainda muitas bestas. E se rejeitarmos a estas divindades, também rejeitaremos àquelas de onde estas provieram.

48. E quê depois? Ino, já que é filha de Cadmo, será considerada deusa e chamada *Leukothêa* pelos gregos e Matuta por nós, ao passo que Circe, Pasife e Eetes, nascidos de Perseide, filha do Oceano, e do Sol, o pai, não serão contados no número dos deuses? Aliás, a Circe também nossos colonos circeienses cultuam devotamente. Então considerarás a esta uma deusa: que responderás a Medéia, que, provinda do Sol e do Oceano, os dois avôs, foi gerada por Eetes, o pai, e Ídia, a mãe? Que responderás ao irmão dela, Absirto (que, em Pacúvio, é Egialeo, ao passo que aquele nome é mais usual nos escritos dos antigos)? E se esses não são deuses, receio sobre que Ino possa fazer; pois todas essas divindades decorreram da mesma fonte.

49. Ou por acaso Anfiarao e Trofônio serão deuses? Nossos publicanos, por exemplo, como na Beócia as áreas dos deuses imortais estavam isentas da lei censória, negavam ser imortais os que um dia foram homens. Mas se esses são deuses, certamente Erecteo o é, cujo templo e sacerdote vimos em Atenas. E se dele fazemos um deus, por que poderíamos duvidar ou de Codro ou dos demais que combatendo tombaram pela liberdade da pátria? E se isto não for aceitável, não devem ser aceitos nem sequer aqueles anteriores de onde estes decorrem.

50. Ademais, em numerosas cidades, pode-se compreender que a memória dos homens corajosos foi consagrada com honra de deuses imortais em vista de aumentar o valor pessoal, para que mais voluntariamente todos os melhores cidadãos afrontassem o perigo por causa da república. Devido exatamente a esta causa, por exemplo, em Atenas, Erecteus e suas filhas se incluem no número dos deuses; e, igualmente em Atenas, há o templo leonático, que se chama *Leokôrion*. Os alabandenses, é verdade, mais santamente cultuam a Alabando, por quem aquela cidade foi fundada, do que a algum dos deuses conhecidos; e, entre eles, Estratônico, como alguém, molestando-o, afirmasse que Alabando é que era deus e

---

<sup>179</sup> Serpentes muito venenosas.

negasse que Hércules o fosse, não sem refinamento, como em muitas ocasiões, ‘então,’ diz ele, ‘que Alabando fique irritado comigo e Hércules contigo.’ **XX. 51.** Quanto àquelas afirmações, Balbo, que fazias decorrer do céu e dos astros, não enxergas quão longe se arrastariam? Dizes que o sol e a lua são deuses, dos quais um os gregos consideram Apolo e a outra, Diana. Ora, se a lua é deusa, então também *lúcifer*<sup>180</sup> e as demais estrelas errantes terão o status de deuses; logo, também as fixas. E por que o fenômeno do arco-íris não deveria ser colocado no número dos deuses? Pois é lindo, e por esta causa, porque tem um aspecto admirável, diz-se que Íris<sup>181</sup> nasceu de Taumas.<sup>182</sup> E se é divina sua natureza, que farás com as nuvens? É que o próprio arco-íris se forma a partir de nuvens de certo modo coloridas; e uma delas, diz-se, teria parido também aos centauros. Se, porém, colocares as nuvens entre os deuses, certamente deverão ser colocadas as condições atmosféricas, as quais foram consagradas segundo os ritos do povo romano. Então, as chuvas, as nuvens escuras, as tempestades e os redemoinhos devem ser considerados deuses. Nossos generais, por exemplo, quando entram no mar, acostumaram-se a imolar uma vítima às ondas. **52.** Por outro lado, se Ceres provém de gerar (pois assim afirmavas), a própria terra é uma deusa (e assim será considerada; de fato, qual seria a outra *Tellus*?<sup>183</sup>). Mas, se a terra o é, o mar também, o qual dizias ser Netuno; logo, também os rios e as fontes. Assim, pois, vindo da Córsega, Maso dedicou o templo da Fonte, e vemos na súplica dos áugures o Tibre, Spino, Almo, Nodino e outros nomes de rios vizinhos. Portanto, isso ou se estenderá ao infinito, ou não adotaremos nada disto; e aquela infinda explicação da superstição não será aceita; logo, nada disto deve ser aceito.

**XXI. 53.** “Então, Balbo, é preciso falarmos também contra os que dizem que estes deuses, aos quais todos veneramos solene e santamente, foram transferidos do gênero humano para o céu não na realidade, mas em imaginação. Primeiramente, os que são chamados teólogos enumeram três Júpiteres, dentre os quais o primeiro e o segundo nasceram na Arcádia, um do Éter como pai, de quem ainda dizem ter nascido Prosérpina e Líbero, e o outro do Céu como pai, que, diz-se, teria gerado Minerva, a qual afirmam ser a iniciadora e inventora da guerra; o terceiro, filho de

---

<sup>180</sup> Planeta Vênus.

<sup>181</sup> Deusa do arco-íris ou a personificação do arco-íris.

<sup>182</sup> Do verbo grego *thaumázō*, “admirar-se.”

<sup>183</sup> *Tellus*: deusa Terra.

Saturno, é cretense, cujo túmulo se mostra naquela ilha. Entre os gregos, os *Dióskouroi* também são denominados de muitas maneiras: os primeiros são três, que, chamados Ánaces em Atenas, nasceram do rei Júpiter, o mais antigo, e de Prosérpina: Tritopatreo, Eubuleo e Dioniso; os segundos, nascidos do terceiro Júpiter e de Leda, são Castor e Pólux; os terceiros são chamados por alguns de Alco, Melampo e Tmolo, filhos de Atreu, que nasceu de Pélope. **54.** Quanto às Musas, as primeiras são quatro, nascidas do segundo Júpiter: Telxinoe, Aoede, Arque e Melete; as segundas, geradas pelo terceiro Júpiter e por Mnemosine, são nove; as terceiras, nascidas de Piero e de Antiopa, que os poetas costumam chamar de Piéridas e Piérias, são de mesmos nomes e de mesmo número que as últimas precedentes. E embora tu afirmes que o Sol teria sido assim chamado por ser só, quão numerosos Sóis justamente são citados pelos teólogos! Um deles, nascido de Júpiter, é neto do Éter; outro, nascido de Hipérion; o terceiro, de Vulcano, filho do Nilo, cuja cidade os egípcios afirmam ser aquela que é chamada Heliópolis; o quarto, diz-se, é aquele a quem, nos tempos heróicos, Acanto<sup>184</sup> teria dado à luz em Rodes, pai de Ialiso, Camiro, Lindo e Rodes; quinto é aquele que os colquidianos dizem ter gerado a Etes e Circe. **XXII. 55.** Os Vulcanos, igualmente, são vários: primeiro é o nascido do Céu, e dele e de Minerva nasceu aquele Apolo em cuja tutela os antigos historiadores afirmavam estar Atenas; o segundo, nascido do Nilo, é Ftas, como os egípcios chamam, a quem dizem ser o guardião do Egito; terceiro é o nascido do terceiro Júpiter e de Juno, que, diz-se por tradição, teria sido chefe de uma forja em Lemos; quarto é o nascido de Memálio, que ocupou as ilhas perto da Sicília, as quais eram chamadas de Vulcânias. **56.** Um Mercúrio é nascido do Céu, o pai, e de Dia,<sup>185</sup> a mãe, e, segundo a tradição, seu temperamento é um tanto obscenamente vívido por ter se enlouquecido à vista de Prosérpina; outro, filho de Valente e de Foronida, é aquele que sob a terra é considerado também como Trofônio; terceiro é o nascido do terceiro Júpiter e de Maia, e dele e de Penélope, dizem, Pan teria nascido, o quarto é de Nilo, o pai, a quem os egípcios consideram um sacrilégio chamar pelo nome; o quinto, ao qual os Feneatas cultuam, é o que teria matado a Argos, diz-se, e, por este motivo, teria fugido para o Egito e ensinado aos egípcios as leis e as letras: os egípcios o chamam de Theuth e com o mesmo nome é designado entre eles o primeiro mês do ano. **57.**

---

<sup>184</sup> Mãe do Sol.

<sup>185</sup> Ver nota 177 acima.

Dentre os Esculápios, o primeiro é filho de Apolo, a quem os Árcades cultuam e que, diz-se, teria inventado a sonda<sup>186</sup> e por primeiro teria enfaixado um ferimento; segundo é o irmão do segundo Mercúrio: ele, atingido por um raio, diz-se, foi enterrado em Cinossura; o terceiro, filho de Arsipo e de Arsinoa, é o que primeiro inventou, como dizem, a limpeza dos intestinos e a extração de dente e, na Arcádia não longe do rio Lúsio, mostram-se seu túmulo e seu bosque sagrado. **XXIII.** Dentre os Apolos, o mais antigo é aquele que, nascido de Vulcano, pouco antes eu disse ser o protetor de Atenas; outro, filho de Coribanto, teria nascido em Creta e, segundo a tradição, teria existido uma contenda sua com Júpiter a respeito daquela ilha; terceiro é o nascido do terceiro Júpiter e de Latona, que teria vindo, dizem, dos Hiperbóreos a Delfos; o quarto na Arcádia, a quem os árcades chamam de *Nômios*<sup>187</sup> porque dele, afirmam, teriam recebido as leis. **58.** As Dianas igualmente são muitas: a primeira, filha de Júpiter e de Prosérpina, é a que teria gerado, diz-se, ao Cupido alado; a segunda, mais conhecida, é a que sabemos como nascida do terceiro Júpiter e de Latona; da terceira, conforme a tradição, o pai é Upis e a mãe, Glauce: frequentemente os gregos a chamam de Upis devido ao nome paterno. Temos Dionisos numerosos: o primeiro é nascido de Júpiter e de Prosérpina; o segundo, do Nilo, o qual, diz-se, teria matado a Nisa; o terceiro é de Cabiro como pai, e dizem que ele como rei teria governado a Ásia, ao qual foram instituídas as Sabásias; quarto é o nascido de Júpiter e da Lua, a quem, acredita-se, realizam-se os ritos Órficos sagrados; quinto é o nascido de Niso e de Tione, por quem, supõe-se, as Trietérides<sup>188</sup> foram instituídas. **59.** Quanto a Vênus, primeira é a nascida do Céu e de Dia,<sup>189</sup> e vemos seu templo em Élide; outra é a engendrada da espuma do mar, e dela e de Mercúrio sabemos ter nascido o segundo Cupido; terceira, nascida de Júpiter e de Diona, é a que se casou com Vulcano, mas dela e de Marte é que se diz ter nascido Anteros; quarta, concebida na Síria e em Chipre, é a que se chama Astarte, a qual, é fama, teria se casado com Adônis. Quanto a Minerva, primeira é a que antes dissemos ser mãe de Apolo; segunda, tendo se originado do Nilo, é a que os egípcios saitas<sup>190</sup> cultuam; terceira é aquela que, gerada de Júpiter, já dissemos acima; quarta, nascida

<sup>186</sup> Instrumento para examinar feridas e para outras finalidades médicas.

<sup>187</sup> *Nômos*, em grego, significa "lei."

<sup>188</sup> Celebrações trienais relacionadas a Dioniso.

<sup>189</sup> Ver nota 177 acima.

<sup>190</sup> Povo que vive em Saita, cidade localizada no delta do rio Nilo.

de Júpiter e de Corife, filha do Oceano, é a que os árcades denominam *Koria* e reputam-na como inventora da quadriga; quinta, filha de Palante, é a que, diz-se, teria matado o pai que tentava violar sua virgindade, e a ela afixam sandálias com asas. 60. Quanto a Cupido, o primeiro se diz nascido de Mercúrio e da primeira Diana; o segundo, de Mercúrio e da segunda Vênus; o terceiro, que é o mesmo Anteros, de Marte e da terceira Vênus. Essas coisas, em suma, e outras do mesmo tipo foram coligidas dentre a antiga tradição da Grécia e compreendes que se lhes deve opor resistência para que não sejam perturbadas as práticas religiosas; ao passo que os vossos não só não as refutam, mas mesmo as confirmam explicando a que coisa cada uma está relacionada. Mas, enfim, voltemos para o ponto de onde fizemos esta digressão até aqui.

**XXIV. 61.** <sup>191</sup>...Acaso julgas, então, haver necessidade de um raciocínio mais sutil para refutar essas coisas? Pois vemos que mente, fé, esperança, virtude, honra, vitória, saúde, concórdia e as demais desse tipo possuem essência de coisas, não de deuses. De fato, ou estão em nós próprios sim, como a mente, como a esperança, como a fé, como a virtude, como a concórdia, ou devem ser desejadas por nós, como a honra, como a saúde, como a vitória; vejo a utilidade dessas coisas e vejo também seus templos consagrados, no entanto, por que nelas haveria uma natureza divina compreenderei somente quando as tiver conhecido. E é dentro desse gênero sobretudo que a Fortuna deveria ser contada, à qual ninguém separaria da inconstância e da temeridade, as quais certamente não são dignas de um deus.

62. “E, agora, por que vos deleitam aquela explicação dos contos míticos e a etimologia dos nomes? Que o Céu foi castrado pelo filho, que Saturno foi acorrentado igualmente pelo filho, essas e outras do mesmo tipo sustentais de tal modo que os que as confabularam não só pareceriam ter sido não insanos, mas mesmo sábios. Depois, nas etimologias dos nomes, e isso é de se lamentar, vos penais: ‘Saturno porque se sacia com os anos, Mavorte porque magníficas coisas versa, Minerva porque míngua ou porque é minaz, Vênus porque sobrevém a todas as coisas, Ceres de gerar.’ Quão perigoso costume! Porque em muitos nomes ficareis enroscados: que etimologia farás para Veiovis, que para Vulcano? Entretanto, dado que julgas que Netuno seja chamado de nadar, não haverá nenhum nome que não possas com uma única letra

---

<sup>191</sup> A introdução a esse tópico parece ter sido perdida.

explicar de onde teria se derivado; e nisso, é verdade, mais tu me pareceste nadar que o próprio Netuno. 63. Sustentaram uma grande dificuldade, e minimamente necessária, Zenão por primeiro, depois Cleantes e em seguida Crisipo: dar explicação dos mitos confabulados e esclarecer as causas de por que cada um dos nomes próprios seria assim chamado. E quando o fazeis, com certeza é a isto que admitis: que a coisa é de longe diferentemente do que seria a opinião dos homens; pois aqueles que são chamados deuses seriam propriedades de coisas, não de deuses. XXV. E tamanho foi esse erro que mesmo às coisas perniciosas não só se atribuía um nome de deuses, mas também eram instituídos ritos sagrados; por exemplo, vemos o santuário da Febre no monte Palatino, o de Orbona<sup>192</sup> no templo dos Lares e o altar consagrado à Má Fortuna na colina Esquilina. 64. Então, seja afastado da filosofia todo erro tal que, quando discutimos acerca dos deuses imortais, faz que afirmemos coisas indignas deles; e sobre estes tenho comigo minhas sentenças, mas não tenho o que assentir contigo. Afirmas que, estendendo-se através do mar, Netuno é um espírito com inteligência; o mesmo de Ceres; ora, essa inteligência ou do mar ou da terra, não apenas não sou capaz de compreendê-la pelo pensamento, mas nem sequer de alcançá-la por suposição. E, assim, devo procurar de outra fonte como poderia aprender que os deuses existem e de que natureza eles seriam; repara que não poderiam ser da natureza de que tu os afirma ser. 65. Agora vejamos o que segue: primeiro, se o mundo é governado pela providência dos deuses e, depois, se os deuses se ocupam das coisas humanas. Pois são essas duas questões que me restam da tua participação; e acerca delas, se vos parece adequado, penso discutir mais cuidadosamente.”

“Mas parece-me,” diz Veleio, “muito adequado, já que não só estou na expectativa de coisas maiores, mas também concordo plenamente com o que foi dito.”

Aí Balbo “não quero, Cota,” diz, “interromper-te, mas escolhamos um outro momento para isso; farei seguramente que concedas. Mas...”<sup>193</sup>

de nenhum modo para aí por aí irá; há aí grande combate.

<sup>192</sup> Deusa da orfandade ou invocada contra a orfandade.

<sup>193</sup> Há aqui uma considerável parte do texto perdida.

É fato que eu lhe suplicaria com tamanha brandura de voz,  
 não com proveito<sup>194</sup> –

**XXVI. 66.** Parece raciocinar insuficientemente e ela própria maquinar a si uma nefanda ruína? Isso, no entanto, com que astuta explicação:

quem deseja o que deseja, a coisa se dá assim como ele dará o empenho –  
 e esse é o verso propagador de todos os males.<sup>195</sup>

Ele com transviada mente hoje me entregou os ferrolhos  
 com os quais eu desenclausurarei toda ira e lhe darei destruição,  
 a mim aflições, a ele luto, exílio a ele, exílio a mim.<sup>196</sup>

As bestas, é evidente, não têm esta razão que vós dizeis atribuída somente ao homem por benefício divino; **67.** enxergas, então, de quão grande presente dos deuses somos dotados? E a mesma Medéia, escapando-se ao pai e à pátria,

depois que o pai  
 se aproxima e já quase se prepara para prendê-la,  
 entrementes degola o menino e divide os membros em pedaços  
 e pelos campos em toda a parte espalha o corpo: isso na intenção  
 de que, enquanto o pai catasse as articulações dispersas do filho,  
 ela própria entrementes fugisse, para que o lamento o atrasasse em segui-la,  
 e para a si procurar salvação com o parricídio familiar.<sup>197</sup>

**68.** Da mesma forma que não faltou a ela um crime, assim também nem mesmo a razão. E quê? Aquele que prepara ao irmão um banquete fúnebre, acaso não move versatilmente com o pensamento a razão aqui e ali?

Meu múnus é ministrar maior moléstia, maior maldade,  
 que contunda e comprima seu acerbo coração.<sup>198</sup>

**XXVII.** Nem, entretanto, deve-se omitir justamente aquele

que não considerou suficiente ter seduzido uma esposa ao adultério,  
 de quem com acerto e muito verdadeiramente Atreu fala:

... porque julgo haver um sumo perigo numa suma

<sup>194</sup> Esses versos são da *Medéia* de Ênio e correspondem aos versos 365 e ss. da *Medéia* de Eurípides: “Mas isso não é assim, não opineis nada. / Ainda há certames para os recém-casados / e para as alianças não pequenas fadigas.” *Medéia*, trad. Jaa Torrano, Hucitec, São Paulo, 1991.

<sup>195</sup> Também seria possível: “e esse verso, dentre todos, é o propagador de males.”

<sup>196</sup> Versos da *Medéia* de Ênio.

<sup>197</sup> Possivelmente, versos da *Medéia* de Ácio.

<sup>198</sup> Essa e as três seguintes são citações do *Atreu* de Ácio.

questão: as mães reais serem profanadas,  
o sangue ser contaminado e a raça misturada.

Mas exatamente a isso quão sagazmente preparou quem desejava o trono por meio do adultério:

ajunta a isto (diz Atreu) que a mim por um presságio o pai dos celestes  
enviou um prodígio, sustentáculo de meu reino,  
a um cordeiro, dentre os animais domésticos, cândido de lã áurea  
certa vez Tieste ousou roubar do palácio,  
e nesse roubo escolheu a si como ajudante minha esposa.

69. Não te parece que ele usou de altíssima malvadez não sem sua altíssima razão? E verdadeiramente não só o teatro está repleto desses crimes, mas a vida cotidiana quase de muito maiores. A casa de cada um percebe, o foro percebe, a cúria percebe, os comícios, os aliados e as províncias que como pela razão se age corretamente, também pela razão se age incorretamente, e o primeiro caso não só da parte de poucos, mas também raramente, o segundo não só freqüentemente, mas ainda da parte de muitos, de modo que teria sido preferível que nenhuma razão absolutamente nos fosse dada pelos deuses imortais a ser dada com tamanha perversidade. Assim como, porque ajuda raramente e prejudica com muita freqüência, é melhor não dar absolutamente vinho aos doentes do que, na esperança de uma saúde incerta, incorrer em franca perdição, do mesmo modo não sei se teria sido melhor não ser dado absolutamente ao gênero humano do que ser dado tão generosa e tão largamente este rápido movimento, agudeza e engenhosidade do pensamento, a que chamamos razão, porque é desastrosa a muitos e somente a poucos saudável. 70. Por isso, se a mente e a vontade divinas cuidaram dos homens por conta de abundantemente lhes darem a razão, cuidaram somente daqueles aos quais gratificaram com uma sã razão, e vemos que esses são pouquíssimos, se é que realmente existem alguns. Não há consenso, entretanto, de que da parte dos deuses imortais se teve cuidado com poucos; segue-se, então, que não se teve cuidado com ninguém.

XXVIII. “A este ponto assim costumais objetar: não é por isto, que muitos usem perversamente do benefício deles, que não da melhor maneira da parte dos deuses se cuidou de nós; também muitos usam maleficamente dos patrimônios e nem por isso não têm nenhum benefício da parte dos pais. Alguém nega isso? Ou que semelhança há nesta comparação? Por exemplo, Dejanira não quis prejudicar a

Hércules quando lhe deu a túnica do Centauro molhada de sangue, e não quis ajudar a Jasão Fereu aquele que com a espada abriu um tumor seu ao qual os médicos não foram capazes de curar. De fato, muitos, quando queriam prejudicar, beneficiaram e, quando queriam beneficiar, prejudicaram; assim não ocorre, daquilo que é dado, que seja visível a vontade de quem deu, e, se aquele que recebeu faz um bom uso, nem por isso aquele que deu deu amigavelmente. 71. De fato, que desejo, que cobiça, que crime são ou concebidos senão após ter feito uma reflexão ou realizados sem pensamento e movimento do espírito, isto é, sem a razão? Pois toda opinião é uma razão e, além disso, uma boa razão, se verdadeira a opinião, ao passo que uma má, se é falsa a opinião. Mas da parte do deus temos a razão somente, se é que realmente a temos, enquanto que da nossa uma boa ou não boa razão. Na verdade, não é da mesma forma como se lega um patrimônio que a razão foi dada ao homem por benefício dos deuses; pois o que teriam dado aos homens se tivessem desejado prejudicá-los? Ora, quais seriam as causas da injustiça, da intemperança, da covardia, se a razão não fosse o suporte desses vícios?

XXIX. “Há pouco, eram mencionados por nós Medéia e Atreu, personagens dos tempos heróicos, meditando crimes nefandos com uma razão que somava e subtraía. 72. E quê? As frivolidades cômicas não se envolvem sempre um pouco na razão? Não raciocina um pouco sutilmente aquele personagem no *Eumuco*:

que farei então?...

deixou-me fora, chama-me de novo; devo voltar? Não, se me implora.

Por outro lado, nos *Jovens Companheiros*, à maneira dos acadêmicos não hesita em combater com a razão contra a opinião comum aquele que diz ser agradável ‘no maior amor’ e ‘na maior pobreza’

ter um pai avaro, sem graça, com os filhos

inflexível, que nem te ame nem se preocupe contigo –

73. e a esse incrível parecer sugere pequeninas razões:

ou tu o enganas por meio de vantagem ou por uma carta

desvias algum empréstimo ou com um escravinho

o espancas pávido; por fim, de um pai parcimonioso

o que podes subtrair, dissipas com quanto mais prazer!

E, ao mesmo tempo, argumenta que um pai fácil e liberal é um incômodo ao filho amante:

a ele nem de algum modo enganarei nem daí roubarei  
 nem contra ele algum dolo ou maquinação inventarei,  
 nem sei nada: de tal modo a todos os meus dolos, fraudes,  
 trapaças enfraqueceu a bondade de meu pai.

Que se dá, então, com esses dolos, que com as maquinações, que com as fraudes e trapaças, acaso poderiam ter existido sem a razão? Ó notável presente dos deuses, de modo que Fórmio possa dizer:

apresenta-me o velho; já tenho armados no coração todos os planos!

**XXX. 74.** “Mas deixemos o teatro e venhamos ao tribunal. O pretor toma assento. Para se julgar o quê? Aquele que teria incendiado o arquivo público. Que façanha mais oculta haverá? Mas Quinto Sósio, honrado cavaleiro romano proveniente da região picena, confessou tê-la feito. Aquele que copiou os registros oficiais. Isso também Lúcio Aleno fez, quando imitou a assinatura dos seis primeiros que assinaram: que há de mais hábil que este homem? Examina as outras questões, a do ouro de Tolosa, a da conspiração de Jugurta; relembra os fatos precedentes, acerca do dinheiro de Túbulo recebido em troca de um julgamento que se devia fazer, os seguintes, acerca do incesto segundo o projeto de lei de Pduceu, depois, estes fatos corriqueiros: pela nova lei os casos de assassinato, de envenenamento, de desvio de dinheiro e também dos testamentos. Daí aquela fórmula ‘digo que o furto foi realizado com tua ajuda e intenção,’ daí tantos processos a respeito de má fé, de tutela de bens, de procurador no lugar de um companheiro, de arrendamento, e estes outros que contra a confiança se fazem a partir de compras, ou de vendas, ou de empréstimos, ou de aluguéis, daí o julgamento público de um ato privado segundo a lei pletória, daí a vassoura de todas as malícias e o julgamento de dolo maldoso, o qual Gaio Aquílio, nosso íntimo, propôs: ele mesmo pensa que não se pode negar um tal dolo quando um é o simulado e outro o feito. **75.** Julgamos, então, que esta tamanha sementeira de males teria sido feita pelos deuses imortais? Ora, se os deuses deram a razão aos homens, deram a malícia; pois a malícia é uma versuta e falaz razão de prejudicar; ao mesmo tempo, também, os deuses deram a fraude, o crime e as demais coisas das quais nada poderia nem ser concebido nem realizado sem a razão. Oxalá, então, como anseia aquela velha

no bosque pélio com machados

cortadas não tivessem caído à terra as traves de abeto,<sup>199</sup> não tivessem os deuses dado aos homens essa habilidade assim! Dela pouquíssimos fazem bom uso, os quais, entretanto, ao mesmo tempo sofrem freqüentemente pressão da parte dos que fazem mau uso, e inumeráveis usam-na desonestamente, de modo a parecer que este divino presente da razão e do conselho teria sido partilhado aos homens em vista da fraude, não da bondade.

XXXI. 76. “Mas insistis continuamente que essa responsabilidade é dos homens, não dos deuses – como se o médico acusasse a gravidade da doença e o timoneiro, a violência da tempestade; embora estes, na verdade, sejam homens simplesmente, mas, no entanto, ridículos: ‘pois quem é que teria te favorecido,’ diria alguém, ‘se essas coisas não existissem?’ Contra o deus é possível discutir mais abertamente: ‘é nos vícios dos homens que afirmas estar a responsabilidade: poderias ter dado aos homens aquela razão que excluísse os vícios e a responsabilidade.’ Então, onde é que ficou o lugar para o erro dos deuses? É que deixamos os patrimônios na esperança de bem herdá-los, com a qual podemos nos enganar; o deus, como poderia ter se enganado? Ou como o Sol se enganou quando elevou ao carro o filho Faetonte, ou Netuno, quando Teseu deu a perder Hipólito, já que teria recebido do pai Netuno a possibilidade de fazer três pedidos? 77. Próprias dos poetas são essas afirmações, ao passo que nós queremos ser filósofos, autores de afirmações reais, não de fábulas. Além disso, esses, entretanto, justamente os deuses dos poetas, se soubessem que aquelas coisas haveriam de ser perniciosas aos filhos, pensar-se-ia que estavam errados no benefício. Da mesma forma que, se é verdade o que Aristo de Quios costumava dizer, que os filósofos prejudicavam àqueles ouvintes que interpretavam incorretamente o que foi dito corretamente (de fato, é possível que saiam voluptuosos da escola de Aristipo, severos da de Zenão), e se os que ouviram haveriam de ir embora cheios de vícios porque interpretavam erroneamente a argumentação dos filósofos, seria melhor que estes absolutamente se calassem do que prejudicar a quem os ouvisse: 78. assim também, se os homens convertem em fraude e malícia a razão dada com boa intenção pelos deuses imortais, melhor teria sido que ela não fosse dada que dada ao gênero humano. Da mesma forma que um médico seria enormemente culpado, se soubesse que iria tomar vinho mais puro e em breve

---

<sup>199</sup> Versos da *Medéia* de Ênio.

perceria aquele doente a quem se receitou tomá-lo, assim também esta vossa providência deve ser criticada porque deu a razão àqueles que sabia que iriam fazer um uso perverso dela. A menos que afirmeis talvez que não teria sabido. Oxalá sim! Mas não ousais, pois não ignoro o quanto considerais seu nome.

**XXXII. 79.** “Mas essa questão, sim, já pode ser concluída. Dado que se a estultícia, por consenso entre todos os filósofos, é um mal maior que se todos os males, tanto do destino como do corpo, fossem postos do outro lado, ninguém de fato alcança a sabedoria e todos estamos nos maiores males, nós, com os quais afirmais que otimamente se preocuparam os deuses imortais. Pois do mesmo modo que nada importa se ninguém tenha saúde ou ninguém possa tê-la, assim também não compreendo o que importa se ninguém seja sábio ou ninguém possa sê-lo.

“Além disso, falamos muito mais que o necessário sobre um assunto já claríssimo; mas Telamon, num único verso, condensa toda a questão de por que os deuses não se ocupam dos homens:

porque se cuidassem, haveria bonança aos bons, maldade aos maus; e isso por ora está longe.

Eles deveriam, na verdade, tornar bons a todos, se de fato se ocupassem do gênero humano; **80.** se não isso, deveriam pelo menos cuidar dos bons. Por que, então, aos dois Cipiões, homens muito corajosos e excelentes, os Cartagineses venceram na Espanha? Por que Máximo sepultou o filho que foi cônsul? Por que Aníbal matou Marcelo? Por que os combates de Canas deram morte a Paulo? Por que o corpo de Régulo foi entregue à crueldade dos Cartagineses? Por que os muros da casa não protegeram a Africano? Mas são antigos esses e muitíssimos outros fatos; vejamos os mais recentes. Por que meu tio, homem completamente inocente e ao mesmo tempo sapientíssimo, Públio Rutilio, encontra-se no exílio? Por que meu camarada Druso foi morto em sua própria casa? Por que o pontífice máximo Quinto Cévola, modelo de temperança e prudência, foi trucidado diante da estátua de Vesta? E por que antes tantos líderes da cidade também foram mortos por Cina? Por que Caio Mário, dentre todos o mais perfidioso, pôde ordenar que morresse Quinto Cátulo, homem de dignidade muito superior? **81.** O dia findaria se eu quisesse enumerar a quais homens bons tenha sucedido algo mau, e não diferentemente se lembrasse a quais perversos, algo afortunado. De fato, por que Mário tão felizmente, cônsul pela sétima vez, morreu velho em sua própria casa? Por que Cina, o mais cruel de todos, reinou

durante tanto tempo? Mas teve o castigo. **XXXIII.** Melhor fora que tivesse sido proibido e impedido de matar tantos homens ilustres que ele mesmo algum dia ter o castigo. Com sumo tormento e suplicio pereceu Quinto Vário, homem intratabilíssimo; se pereceu porque eliminou Druso com a espada e Metelo com veneno, fora melhor que estes tivessem sido poupados que Vário padecer um castigo por seu crime. Durante trinta e oito anos Dionísio foi tirano da cidade mais opulenta e mais feliz; **82.** e durante quão muitos antes dele Pisístrato na própria flor da Grécia! ‘Mas Fálaris, mas Apolodoro receberam punição.’ É verdade, só que antes muitos foram torturados e mortos. E muitos bandidos freqüentemente recebem punição, no entanto, nem poderíamos dizer que não são mais numerosas as vítimas mortas cruelmente que os bandidos. Sabemos que Anaxarco, discípulo de Demócrito, foi brutalmente torturado pelo tirano de Chipre, e que Zenão de Eléia foi morto entre tormentos; que direi de Sócrates, por cuja morte costume derramar lágrimas ao ler Platão? Vês, então, que, segundo o julgamento dos deuses, se é que olham pelas coisas humanas, suspendeu-se a diferença entre bons e maus? **XXXIV. 83.** Diógenes, o cínico, na verdade, costumava dizer que Harpalo, que naqueles tempos era considerado um pirata bem sucedido, era apontado como um testemunho contra os deuses, porque durante tanto tempo vivia naquela condição. Dionísio, de quem falei anteriormente, tendo pilhado o templo de Prosérpina em Lócris, navegava para Siracusa e, como mantivesse o curso com um vento muito favorável, rindo ‘vedes, amigos,’ diz, ‘quão boa navegação é dada aos sacrílegos pelos deuses imortais?’ E esse homem astuto, bem e claramente tendo percebido isso, perseverava na mesma opinião; e ele, tendo aportado a frota no Peloponeso<sup>200</sup> e vindo ao templo de Júpiter Olímpio, arrancou-lhe a vestimenta de ouro de grande peso, com a qual, dentre os espólios dos cartagineses, o tirano Gelo ornara a Júpiter e, nessa façanha ainda, zombando disse que no verão uma vestimenta de ouro seria incômoda, no inverno fria, e lançou sobre ele um manto de lã, afirmando que esse é que era adequado para todas as estações do ano. E ainda, em Epidauro, mandou que fosse cortada a barba de ouro de Esculápio, porque nem era conveniente o filho ser barbudo enquanto em todos os templos o pai era sem barba. **84.** Além disso, ordenou que fossem despojadas de todos os templos as mesas de prata e, porque sobre elas, conforme o

---

<sup>200</sup> Um cochilo de Cícero: Dionísio nunca fez campanha militar no Peloponeso.

costume da antiga Grécia, estava inscrito ‘dos bons deuses,’ dizia que desejava fazer uso da bondade deles. Sem hesitação roubava, feitas em ouro, as estatuetas de Vitória, as páteras e as coroas que eram sustentadas pelas mãos estendidas das estátuas, e afirmava que as recebia, não que as roubava, pois seria burrice que daqueles a quem suplicamos coisas boas não querer pegá-las quando estão oferecendo e dando. E contam que esses objetos, que eu disse roubados dos templos, ele os levou à praça pública e os vendeu por um leiloeiro e que, exigido o dinheiro, publicou um edito segundo o qual, antes de um determinado dia, cada um o que tivesse dos lugares sagrados restituísse ao seu templo particular; dessa forma à impiedade contra os deuses juntou a injustiça contra os homens. XXXV. A este, então, nem Júpiter Olímpio fulminou com o raio, nem Esculápio o fez morrer definhando por uma doença infeliz e crônica e, ainda, morto em seu leito fúnebre foi levado à pira própria de um tirano<sup>201</sup> e legou ao filho como substituto da herança aquele poder como se fosse justo e legítimo que ele mesmo adquiriu pelo crime. 85. É com relutância que meu discurso frisa essa questão, pois parece induzir uma autorização para fazer o mal: pareceria justo se, sem nenhum fundamento divino para a virtude e os vícios, não houvesse um grave peso da própria consciência. E eliminada esta, tudo vai por terra; pois da mesma forma que nem uma casa nem uma república pareceriam ordenadas por certa razão e disciplina, se nelas não existissem nem quaisquer prêmios para as boas ações nem punições para os crimes, assim também certamente não há nenhum governo divino do mundo em relação aos homens, se nele não existe nenhuma diferença entre os bons e os maus.

86. “Sim, mas os deuses não se ocupam de pormenores, nem seguem de perto às chácaras nem às pequenas vinhas de cada um e, se a queima pela geada ou o granizo as prejudicaram em algo, não seria preciso que Júpiter constatasse isso; nem mesmo nos reinados os reis cuidam de todas as minúcias:’ pois assim afirmais. Como se eu pouco antes tivesse me lamentado da propriedade de Públio Rútílio em Fórmias, não da perda dos seus direitos de cidadão. XXXVI. E, ainda, todos os mortais assim consideram a isto: que eles possuem como provenientes dos deuses as comodidades externas, os vinhedos, os campos semeados, os olivais, a abundância de cereais e de frutos, enfim, todo bem e prosperidade da vida; a virtude, no entanto, ninguém nunca

---

<sup>201</sup> Aqui há uma parte do texto corrompida. A tradução é hipotética (“à pira própria de um tirano”).

a mencionou como recebida de um deus. **87.** Evidentemente com razão; de fato, por causa da virtude é que merecidamente somos louvados e é nela que propriamente nos gloriamos, o que não aconteceria, se considerássemos esse dom como proveniente do deus, não de nós. Mas, ao contrário, ou tendo recebido um acréscimo de privilégios ou de bens, ou se fortuitamente obtemos alguma outra coisa de valor ou afastamos algo de mal, não só rendemos graças aos deuses, mas também julgamos que nada se aumentou em nossa reputação. Acaso quem é que alguma vez rendeu graças aos deuses porque era um homem bom? Mas porque era rico, porque era um magistrado, porque estava incólume. É por causa dessas coisas que chamam a Júpiter de Ótimo e Máximo, não porque nos torna justos, moderados e sábios, mas porque nos faz saudáveis, incólumes, opulentos e ricos. **88.** A Hércules nunca ninguém prometeu o dizimo, se tivesse se tornado sábio – embora se diga que Pitágoras imolasse um boi cada vez que descobria algo novo em geometria; mas, sinceramente, não acredito nisso, porque ele não quis imolar uma vítima nem mesmo ao Apolo de Delos, a fim de não borrifar o altar com sangue. Mas, para voltar à questão, é própria de todos os mortais esta opinião: a deus é que se deve pedir fortuna e de si próprio é que se deve tomar a sabedoria. À vontade é permitido que consagremos templos à Mente, à Virtude e à Boa-fé, a essas, no entanto, julgamos como centradas em nós próprios; aos deuses é que se deve reivindicar a conveniência da esperança, da saúde, da riqueza e da vitória. Portanto, como dizia Diógenes, a prosperidade e as circunstâncias favoráveis dos perversos refutam toda força e poder dos deuses. **XXXVII. 89.** ‘Mas algumas vezes os bons têm bons resultados.’ Certamente os pegamos e sem nenhuma razão os atribuímos aos deuses imortais. Diágoras, no entanto, tendo vindo a Samotrácia, ele que é dito o ateu, e certo amigo a ele ‘tu, que julgas que os deuses desprezam as coisas humanas, acaso não reparas a partir de tantos quadros pintados,<sup>202</sup> quão numerosos escaparam por promessas à violência da tempestade e chegaram salvos ao porto?’ ‘Assim se dá,’ diz, ‘porque em nenhuma parte foram pintados aqueles que naufragaram e pereceram no mar.’ E quando, a ele que navegava, medrosos e apavorados pela tempestade adversa, os timoneiros diziam que isto lhes acontecia porque tinham-no recebido naquele navio, mostrou-lhes naquela mesma rota muitos outros navios em perigo e perguntou-lhes se imaginavam

---

<sup>202</sup> Trata-se certamente de quadros pintados que representavam os tormentos no mar.

que também naqueles navios era transportado um Diágoras. É que a realidade é assim: nada importa para a boa ou má sorte que tipo de pessoa sejas ou de que modo tenhas vivido.

90. “Os deuses,” diz ele, ‘não se dão conta de tudo, nem mesmo os reis.’ Em que haveria comparação? Os reis, é certo, se negligenciam sabendo, a culpa é grande; **XXXVIII.** mas o deus não tem nem mesmo a desculpa de falta de conhecimento. A ele excelentemente vós defendeis quando afirmais que tal é a força dos deuses que, mesmo se alguém escapar pela morte aos castigos do crime, esses castigos são exigidos dos filhos, dos netos e dos descendentes. Ó admirável eqüidade dos deuses: alguma cidade suportaria o proponente de uma lei tal que fosse condenado o filho ou o neto, se o pai ou o avô cometeu delito?

então que justa medida se prepararia ao morticínio  
dos Tantálidas, ou que suficiêcia de suplício devido à morte de Mirtilo  
se dará algum dia para pagar os castigos?<sup>203</sup>

91. Não facilmente eu seria capaz de dizer se teriam sido os poetas que distorceram os estóicos ou se estes é que teriam dado autoridade àqueles; pois maravilhas e escândalos são ditos por uns e outros. De fato, a quem o iambo de Hipônax tinha satirizado ou quem era ofendido pelo verso de Arquíloco, guardava um ressentimento como formado a partir de si próprio, não como enviado da parte do deus; quando vemos a lascívia de Egisto ou quando a de Páris, não buscamos uma causa vinda do deus, dado que ouvimos, por assim dizer, a voz da culpa; julgo restituída a saúde a muitos doentes por Hipócrates antes que por Esculápio e direi que a disciplina dos lacedemônios não foi dada a Esparta por Apolo antes que por Licurgo. Critolau, digo, destruiu Corinto, a Cartago Asdrubal: esses dois é que vazaram àqueles olhos<sup>204</sup> da orla marítima, não algum deus irado, o qual absolutamente negais poder irar-se. 92. Mas, certamente, poderia vir em ajuda e salvar cidades tão grandes e belas; **XXXIX.** visto que vós próprios costumais dizer que não há nada que o deus não possa fazer e, ainda, sem nenhum trabalho; pois da mesma forma que os membros do homem são movidos sem nenhum esforço pela própria mente e vontade, assim também pela vontade dos deuses tudo pode ser formado, movido e modificado. E não afirmais isso supersticiosamente e à maneira de velhas, mas com um explicação física e ordenada;

<sup>203</sup> Provavelmente, versos do *Tiestes* de Ácio.

<sup>204</sup> Ou sei: Corinto e Cartago.

sustentais, de fato, que a matéria das coisas, da qual e na qual tudo é, é inteira flexível e transmutável, de modo que nada há que a partir dela, embora em curtíssimo tempo, não possa ser formado e transformado; mas que de toda sua totalidade é formadora e controladora a divina providência; que essa, então, para onde quer que se mova, é capaz de realizar tudo o que deseja. Destarte ou ignora aquilo de que seria capaz, ou não faria caso das coisas humanas, ou não poderia decidir sobre o que é o melhor. 93. ‘Não se ocupa dos homens um a um.’ Não é surpreendente: nem mesmo das cidades. Não destas? Nem mesmo das províncias e nações. Ora, se também as despreza, que há de surpreendente que todo o gênero humano seja desprezado por ela? Mas, como é que vós, por um lado, dizeis que os deuses não seguem de perto a tudo e, ao mesmo tempo, afirmais que os sonhos são distribuídos e repartidos aos homens pelos deuses imortais? Por isso trato contigo essas coisas, já que é vossa a opinião acerca da veracidade dos sonhos. E, além disso, também afirmais ser preciso que se façam súplicas? É certo, um a um faz súplicas: a mente divina, então, dá ouvidos também a cada um; percebeis, assim, que não é tão ocupada quanto pensáveis? Faze que seja bastante ocupada girando o céu, tendo os olhos na terra e controlando os mares: por que ela permite que tão numerosos deuses nada façam e estejam no ócio? Por que não estabelece como dirigentes das coisas humanas alguns deuses ociosos que foram declarados inumeráveis por ti, Balbo?

“A respeito da natureza dos deuses eu tinha a dizer mais ou menos essas coisas, não para acabar com ela, mas para que compreendêsseis o quanto é obscura e quão difíceis explicações tinha.”

**XL. 94.** Tendo dito isso, Cota finalizou o discurso. E Lucílio “um tanto impetuosamente, Cota,” diz ele, “invectivaste contra esse sistema dos estóicos que conscienciosa e prudentemente foi elaborado por eles a respeito da providência dos deuses. Mas, dado que se faz tarde, concedei-nos algum dia para que falemos contra essas afirmações. Pois tenho contigo uma rivalidade em relação aos altares e lares, em relação aos templos e santuários e em relação aos muros da cidade, os quais vós pontífices dizeis serem santos e mais atentamente circundais a cidade com a religião que com as próprias muralhas; as quais julgo ímpio serem abandonadas por mim, enquanto sim eu puder respirar.”

95. Então Cota: “Mas, quanto a mim, Balbo, não só desejo ser refutado, mas também preferi expor ao invés de julgar aquelas afirmações que examinei, e estou certo de que facilmente eu poderia ser contestado por ti.”

“É claro,” diz Veleio, “porquanto ele também pensa que os sonhos são enviados a nós por Júpiter, e exatamente esses, contudo, nem são tão inconsistentes quanto o discurso dos estóicos a respeito da natureza dos deuses.”

Essas coisas tendo sido ditas, fomos embora de uma maneira que a Veleio a exposição de Cota é que parecia ser a mais verdadeira e para mim era a de Balbo que parecia estar mais propensa à semelhança com a verdade.

### Bibliografia

- BERGER, E. *Stylistique latine*, Klincksieck, Paris, 1942.
- BORTOLUSSI, Bernard. *La grammaire du latin*, Hatier, Paris, 1999.
- BURNET, J. *O despertar da filosofia grega*, trad. Mauro Gama, Siciliano, São Paulo, 1994.
- CART, GRIMAL, LAMAISON, NOIVILLE. *Gramática Latina*, trad. Maria Evangelina Villa Nova Soeiro, Edusp, São Paulo, 1986.
- CICERO. *De Natura Deorum*, edição crítica de O. Plasberg, Teubner, Stuttgart, 1961.
- CICERO. *De Natura Deorum, liber primus*, edited by Arthur Stanley Pease, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1968.
- CICERO. *De Natura Deorum*, Loeb Classical Library, edit. by G. P. Goold, Harvard University Press, 1994.
- CICERO. *Tusculan Disputations*, Loeb Classical Library, edit. by G. P. Goold, Harvard University Press, 1989.
- CICÉRON. *De la Nature des Dieux (libre II)*, trad. E. Bréhier, Gallimard, 1962
- CICERÓN. *Del supremo bien y del supremo mal*, trad. Victor-José Herrero Llorente, Gredos, Madrid, 1987.
- CICERONE. *De Natura Deorum (liber primus)*, Signorelli, Milano, 1967.
- CICERONE. *De Natura Deorum*, Società Editrice Dante Alighieri, Roma, 1989.
- CICERONE. *Sulla Natura degli Dei*, a cura de Ubaldo Pizzani, Oscar Mondadori, Milano, 1967.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, Klincksieck, Paris, 2001.
- ERNOUT, A. et THOMAS, F. *Syntaxe Latine*, Klincksieck, Paris, 1993.
- ERNOUT, A. *Morphologie Historique du Latin*, Klincksieck, Paris, 1953.
- EURÍPIDES. *Medéia*, trad. Jaa Torrano, Hucitec, São Paulo, 1991.
- FREIRE, A. *Gramática Latina*, Publicações da Faculdade de Filosofia e Livraria A. I., Braga, 1987.

- GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin Français*, Hachette, Paris, 1934.
- GENTILI, B., STUPAZZINI, L. & SIMONETTI, N. *Storia della letteratura latina*, Editori Laterza, 1990.
- GLARE, P.G.W. *Oxford Latin Dictionary*, Oxford University Press, 1997.
- GREINER, E. & BILLORET, R. *Grammaire du Latin*, Hachette, Paris.
- KIRK, G. S. & RAVEN, J. E. *Os filósofos pré-socráticos*, trad. Carlos Alberto Louro Fonseca et alii, Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e Linguagem*, Cortez, São Paulo, 2000.
- LEBRETON, Jules. *Études sur la langue et la grammaire de Cicéron*, Hachette, Paris, 1901.
- MAROUZEAU, J. *L'ordre des mots en latin*, Les Belles lettres, Paris, 1953.
- MATES, Benson. *Lógica de los estoicos*, trad. Miguel García Baró, Tecnos, Madrid, 1985
- McKEEVER, Susan. *Antiga Roma*, Texto, Lisboa, 1998.
- MEILLET, A. & VENDRYES, J. *Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques*, Honoré Champion, Paris, 1979.
- MEILLET, A. *Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine*, Klincksieck, Paris, 1977.
- PARAIN, Brice (direction). *Histoire de la philosophie I*, Gallimard, 1969.
- PEREIRA, M. H. da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica, II volume: cultura romana*, Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1982.
- PLUTARCO. *Vidas*, trad. Jaime Bruna, Cultrix, São Paulo.
- POWELL, J.G.F. *Cicero the Philosopher*, Oxford, 1995.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*, vol. III, trad. Marcelo Perine, Loyola, São Paulo, 1994.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1993.
- STOCKTON, D. L. *Cicerone, biografia politica*, trad. Paola Boccardi Storoni, Rusconi Libri, Milano, 1994.
- UTCHENKO, S. L. *Cicerón y su tiempo*, trad. J. Fernández Sánchez, Akal, 1987.